

ISSN 0101-7993

CADERNOS

DO TERCEIRO MUNDO

Preço
promocional
R\$5,00

1974 - 1997

200

Edição Especial

Mundo novo,
velhos problemas

ENTREVISTAS

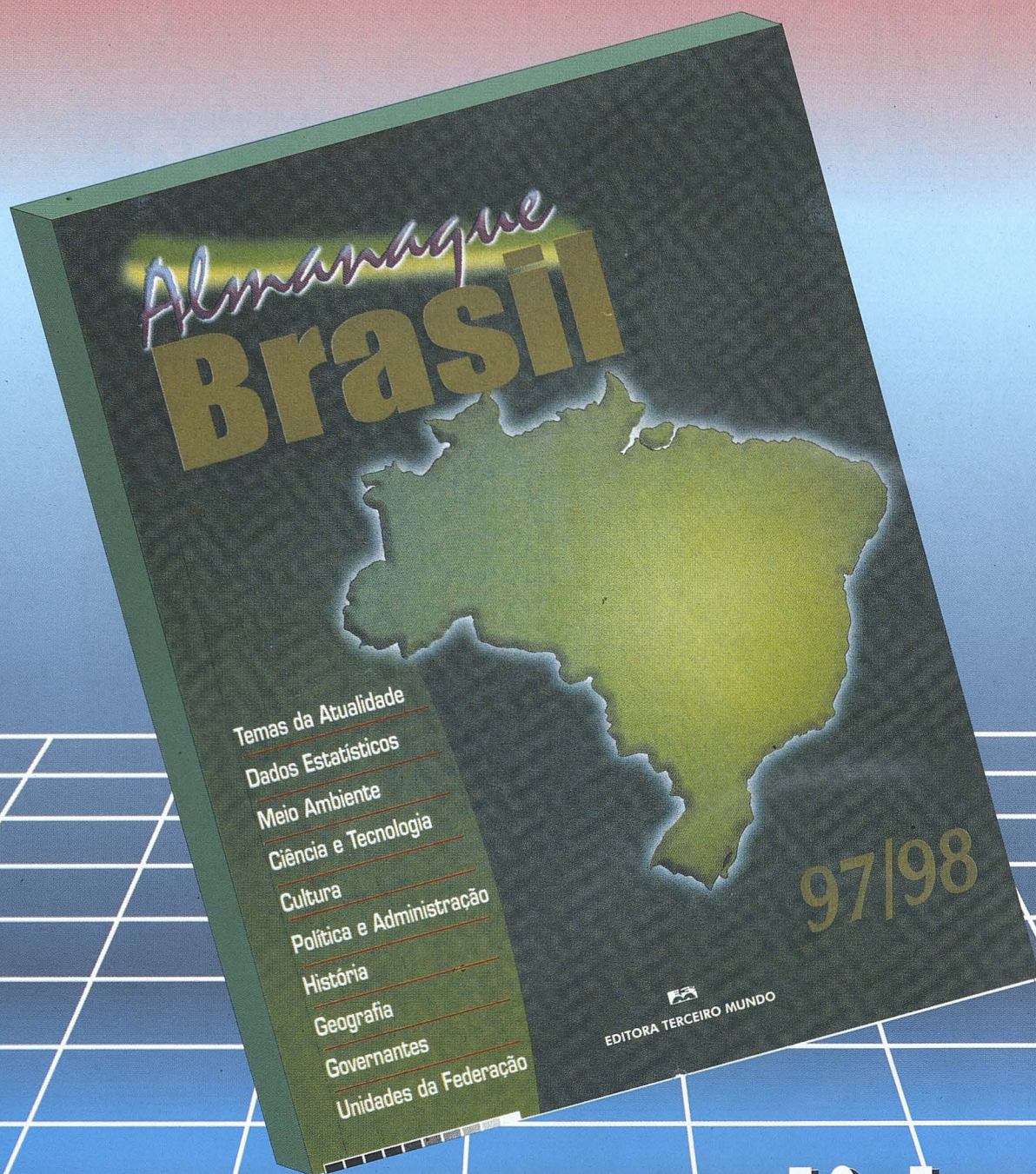
D. Paulo Evaristo Arns
Juan Somavía, Milton Santos
René Dreifuss, Adolfo Vazquez

EXCLUSIVO

ONDA ROSA ABALA
NEOLIBERALISMO



Já à venda



Faça o seu pedido !

Editora Terceiro Mundo LTDA.

Depto. de Assinaturas: Rua da Glória, 122 / sl. 105 e 106 - Rio de Janeiro - RJ - CEP 20241-180

E-mail: caderno@ax.apc.org / Telefone: (021) 221-7511 / Fax: (021) 252-8455



DIRETOR FUNDADOR: Neiva Moreira
DIRETORA EXECUTIVA: Beatriz Bissio
DIRETOR ADMINISTRATIVO: Altair Campos

CADERNOS
DO TERCEIRO MUNDO

Ao
leitor

ISSN 0101-7993 Nº200 Junho/Julho 1997
Publicação com informação e análise
das realidades dos países emergentes

DIRETORA: Beatriz Bissio
DIRETOR-ADJUNTO: Pablo Piacentini
EDITORES: Marcelo Monteiro e Procópio Mineiro
CONSULTORES: Darcy Ribeiro (in memoriam),
Henry Pease Garcia (Peru), Eduardo Galeano
(Uruguai) e Juan Somavia (Chile)
REDAÇÃO: Beth von Zuben e Maurício Dantas
(Rio), Roberto Bardini (Argentina), Carlos
Pinto Santos (Portugal), Cristina Canoura
(Uruguai)
REVISÃO: Valdenir Peixoto
SECRETÁRIA: Janice de Aquino
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO: Sílvia Arruda
(chefia), Marco André Balloussier, Mônica Pérez e
Leila Câmara
ARTE E EDITORAÇÃO ELETRÔNICA: Nazareno
de Souza (chefia), Sheila Cristina Massapust
e Jefferson Toledo Barros
PÁGINA WEB: Jefferson Toledo Barros (criação)
e Macário Costa (responsável)
GERENTE COMERCIAL: Euler Sathler
PUBLICIDADE: Aline Matos
GERENTE ADMINISTRATIVO: Jonas Bezerra da Silva
ASSINATURAS: Izabel Nascimento (superviso-
ra), Francisca Antonia, Sidnei de Souza
CIRCULAÇÃO: Carlos Alberto de Souza e
Hilário Brambilla
FOTOS: Agence France Presse (AFP)
SUCURSAL EM PORTUGAL: Artur Baptista
(Diretor)
Tricontinental Editora Ltda. Calçada do Combro
10/1º andar - Lisboa, 1200 - Tel.: 32-0650

CADERNOS DO TERCEIRO MUNDO
Utiliza os serviços das agências: ANGOP
(Angola), AIM (Moçambique), INA (Irã/Iraque), IPS,
SALPRESS (El Salvador), SHIHATA (Tanzânia),
Wafa (Palestina) e o pool de agências dos Países
Não-Alinhados. Intercâmbio com as revistas:
Africa News (EUA), Altercom (México-Chile),
Third World Network (Malásia) e Against the
Current (EUA)

REPRESENTANTES DE ASSINATURAS:
Amapá: Vilson Alves - (096) 241-3513 / Bahia:
Carlos Filho Rep. Ltda. - (075) 223-4109 /
Maranhão: Via Publicidade - (098) 232-1325 /
Minas Gerais: SHS Representant.Ltda. - (031)
274-8600 / Pernambuco, Paraíba e Rio Grande
do Norte: Rosália M. Santos - (081) 453-4949/
Pará: Márcio K. Nascimento - (091) 987-5783
/ Rio Grande do Sul: Com.e Repres. Kuffner
Ltda. - (051) 593-8465/594-3633
DISTRIBUIÇÃO: Fernando Chinaglia - (021) 575-7766

EDITORA TERCEIRO MUNDO
Rua da Glória 122, Grupos 105/106, Glória
Cep: 20241-180 - Rio de Janeiro - RJ - Brasil
Tel. PABX: (5521) 221-7511 / Fax: 252-8455
E-Mail: caderno@ax.apc.org
Internet: <http://www.etm.com.br>

NÚMEROS ATRASADOS: preço do último exem-
plar. Solicitar envio ao Departamento de
Assinaturas acrescentando 30% ao valor do pedi-
do para despesas postais ou adquiri-los direta-
mente na sede da Editora.

O número duzentos

É com enorme alegria e reconhecimento que fazemos chegar aos leitores esta edição de nº 200, que se destina a ser um marco na história de **cadernos do terceiro mundo**. Duzentos números circulando é um grande feito para qualquer publicação e nós decidimos comemorar essa vitória.

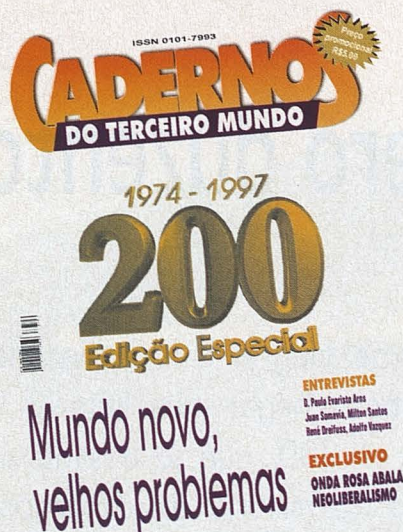
Mesmo em um período de crise, optamos por fazer mais um esforço e dar a **cadernos** o padrão que ela merece, pelo reconhecimento conquistado junto ao público. É só ler os depoimentos que publicamos no contexto da matéria de capa para comprová-lo. Por isso, a partir de agora, a revista está chegando às suas mãos a quatro cores e com uma nova programação visual. É uma das formas que encontramos para agradecer o carinho e alentados leitores e de iniciar esse novo e transcendente ciclo da nossa vida editorial.

Temos ainda uma outra boa notícia: está circulando nestes dias o *Almanaque Brasil 1997/1998*. O preço de capa é de R\$ 25,00 e os nossos assinantes atuais ou futuros terão direito a adquiri-lo com um desconto de 20%.

Os Editores

SUMÁRIO

Junho / Julho 1997 - Nº 200 - Ano XXIII



Capa

1974-1997 : 200 edições de 'cadernos'
Mundo novo, velhos problemas **6**

Em busca da justiça social

Dom Paulo Evaristo Arns, cardeal de São Paulo, condena o culto ao neoliberalismo e frisa que a prioridade é o povo **8**

O pêndulo que retrocede

Juan Somavía: O neoliberalismo perde terreno no mundo por não oferecer soluções às demandas sociais que sobrevivem após o fim da Guerra Fria **14**

O mercado não resolve tudo

Milton Santos: A globalização e suas técnicas aprofundam as desigualdades **20**

Mudanças desafiam a imaginação

René Dreifuss: Hoje, a Humanidade dispõe de inúmeras possibilidades de realização, mas é preciso abertura para achar os caminhos adequados **24**

Uma crítica do socialismo

Adolfo Sánchez Vázquez: O mundo da globalização aguça demandas sociais, para as quais o capital não tem respostas **31**

A crônica de uma aventura

Neiva Moreira relata a história de cadernos do terceiro mundo desde a repressão em Buenos Aires às lutas de libertação na América Latina e África **36**

Como 'cadernos' chegou a Portugal e África

Altair Campos mostra como a Revolução dos Cravos e a independência dos países lusófonos africanos propiciaram um novo ciclo da revista **45**

Uma marca registrada

Beatriz Bissio analisa como cadernos do terceiro mundo conquistou o direito de ser uma referência para quem aspira a uma informação que fuja do mesmismo predominante **48**

Cronologia

23 anos, 200 acontecimentos **50**

CARTAS **4**

Brasil

Planalto **55**

Luiza Erundina fala sobre Paulo Freire

A trajetória generosa de um humanista que ensinava a entender o mundo **58**

A onda rosa

Europa: A vitória da esquerda

As eleições na França e na Inglaterra refletem a oposição do povo diante do modelo neoliberal. Só a Espanha, a Alemanha e a Irlanda ainda permanecem na direita

62

Grã-Bretanha: O que propõe o novo trabalhismo

Os seguidores de Tony Blair aceitam o discurso da competitividade mas dão ênfase à educação, visando assegurar às pessoas condições iguais na disputa de oportunidades

66

Mongólia: Guinada progressista

Esquerda recebe apoio popular para frear as reformas do governo

68

Eleições 97

Bolívia: Programa anti-social é punido nas urnas

O general Banzer não ganhou as eleições, o governo é que perdeu

69

Irã: Ruptura silenciosa

Analistas interpretam o voto no candidato moderado como o mais incisivo protesto contra a rigidez do regime fundamentalista de Teerã

70

Argélia: Vitória amarga

Governo vence eleições, mas resultado é contestado por todas as demais forças políticas

71



Lionel Jospin

África

Serra Leoa Um golpe anunciado

Levante expõe os riscos que correm as jovens democracias no continente

72

Congo A segunda peça do dominó

Logo após a saída de cena de Mobutu, conflito eclode em Brazzaville e põe em risco as eleições de julho

73

Ásia

A descolonização de Hong Kong

Território torna-se uma Região Administrativa Especial e reintegra-se à China, mantendo-se como zona franca e centro financeiro internacional

74

América Latina

Economia: O livre mercado sul-americano

A comunidade Andina e o Mercosul procuram acertar um acordo que permita a criação de uma Área de Livre Comércio Sul-Americana já nos primeiros anos do próximo século

78

Cuba: Debatendo o futuro

Com quase 800 mil militantes e mais de 200 mil novos filiados desde 1991, o Partido Comunista de Cuba está organizando seu novo Congresso

80

Jornada de trabalho

A redução da jornada de trabalho não interessa só aos trabalhadores. Acima de tudo irá beneficiar um certo segmento das elites, aqueles que dominam os meios de comunicação, entretenimento, lazer, turismo, etc. Se a grande parcela dos trabalhadores tiver suas jornadas reduzidas em, no mínimo, duas horas diárias, este tempo será gasto, pela maioria dos trabalhadores, na obtenção das mais variadas formas de lazer, sendo que apenas uma pequena parcela usará esse espaço de tempo para seu aperfeiçoamento profissional e/ou intelectual.

Portanto, o publicitário que sair em defesa da urgente redução da jornada de trabalho no Brasil, no futuro, merecerá aplausos, pois quando as elites acordarem e perceberem essa redução, contribuirá para o crescimento do setor de entretenimento.

Com a tecnologia existente no Brasil é possível diminuir a jornada em todo o país. Porém, só a redução não basta. É preciso um redimensionamento do horário de atividade do comércio, bancos, indústrias, escolas, ou seja, de toda atividade produtiva do país.

Compete ao publicitário "esclarecer" e "convencer" tanto as elites, bem como os trabalhadores, de que esta redução trará benefícios para todos.

Mais tempo livre para a maioria dos trabalhadores pode significar um avanço para a Humanidade, porém, se este tempo não for utilizado de forma racional, pode significar o definitivo fim da espécie humana.

Reginaldo Soares Xavier
São Paulo - SP

Timor Leste

Reconhecendo a grandiosa colaboração que **cadernos do terceiro mundo** presta à divulgação das justas causas dos países emergentes e seus povos, bem como por ser uma das poucas publicações que dá ênfase à problemática de Timor Leste, solicito-lhes publicar o endereço de grupos de solidariedade para com aquele país.

Aos leitores recomendo as excelentes reportagens nos números 190, 197 e 198, que esclarecem a fundo a questão. Há 21 anos, a Indonésia invadiu militarmente Timor Leste e fez, segundo cálculos do professor Antonio Barbosa de Magalhães, da Universidade do Porto (Portugal), 308 mil mortos pela repressão, ou 44% da população do país invadido.

A divulgação da causa timorense e o contato com os grupos de solidariedade pode ajudar o processo de libertação do povo de Timor Leste.

José Ricardo Baptista
Ribeirão Pires - SP

Grupo Solidário São Domingos

Coordenadores :

Lílian Azevedo e Frei João Xerri, O.P

Rua Haddock Lobo nº1310/42 -

CEP 01414-002 - São Paulo

telefone : (011) 3064-5948

fax : (011) 853 6830

Internet:

<http://cogea.pucsp.br/~fea/foruns/Timor/lmediata.htm>

Instituto Brasileiro de Amizade e Solidariedade aos Povos - Ibasp

Caixa Postal nº 1286

Recife - PE - CEP 50001-970

Coordenador : Miguel Anacleto

Telefone : (081) 222-2187

Olga e Lâmia

Um dos crimes mais sórdidos da história brasileira foi a deportação de Olga Benário, mulher do legendário líder comunista Luís Carlos Prestes, entregue aos nazistas pela ditadura de Vargas em 1936, seis meses depois de detida. Olga, alemã de origem judia, foi colocada a força num cargueiro alemão e morreu num campo de concentração em 1942. Sua filha, Anita Leocádia, nascida na prisão, foi entregue à avó, Leocádia Prestes, após intensa mobilização internacional. Só ao sair de um gigantesco comício no Pacaembu (SP) em julho de 1945 é que Prestes recebeu o fatídico telegrama sobre a morte de Olga numa câmara de gás alemã, em Bernburg.

Meio século depois, episódio semelhante ocorreu com Lâmia Maruf Hassan, filha de imigrantes palestinos. Detida em 1986, na Cisjordânia ocupada, onde vivia com o marido, o professor palestino Taufic, foi acusada de cumplicidade na morte de um soldado israelense em 1984.

Julgada dois anos depois após o fato por um tribunal militar israelense, foi condenada a prisão perpétua por um júri da tropa de ocupação que se baseou em "provas secretas", fato considerado aberração jurídica pela conhecida jurista israelense Felicia Langer. Lâmia participou apenas do seqüestro do militar judeu, que acabou executado por Taufic e outro ativista palestino, quando fracassou a tentativa de levar preso para um lugar seguro.

A exemplo de Olga Benário, Lâmia Maruf também estava grávida quando foi detida e também foi separada de Lubna Patrícia,

sua filha pequena, entregue aos avós palestinos em São Paulo.

Ao contrário de Olga, o caso de Lâmia teve um desfecho favorável, com a libertação da brasileira, após 11 anos de prisão e complicadas negociações que só tiveram êxito com o acordo de paz entre árabes e judeus. Recebida como heroína em seu retorno ao Brasil, Lâmia ainda tem um forte motivo para prosseguir sua luta: o marido permanece detido junto com centenas de palestinos ainda não-anistiados pelo governo israelense. Espera-se que não se repita o forçado adeus de Prestes a Olga há 60 anos atrás.

*Orlando Oliveira
Rio de Janeiro - RJ*

Barbosa Lima Sobrinho

Parabenizo os responsáveis pela revista **cadernos do terceiro mundo**, que vem sempre repleta de matérias interessantes, contribuindo para a formação crítica dos que querem fazer uma leitura do mundo de forma a ultrapassar o imediatismo. Isto é, compreender a realidade como um emaranhado de questões e relações históricas do poder.

A matéria "Um século chamado Barbosa Lima Sobrinho" é uma verdadeira aula sobre a história de processos importantes no Brasil, que permite refletir sobre o tipo de soberania que temos e qual postura que os brasileiros, enrustidos com a cultura da globalização, têm que assumir, permitindo conservar e fortalecer a autoridade moral deste país imensamente rico e mal administrado.

*Jocilene Ferreira
São Luís - MA*

Via e-mail

Carência de informações

Sou estudante da 3º série do 2º grau no Centro Educacional Anísio Teixeira e fui informado sobre a existência de **cadernos do terceiro mundo** pelo meu professor de geografia, que nos recomendou que comprássemos a revista a fim de suprir nossa carência de informações sobre os países do Terceiro Mundo.

Quando adquiri a publicação, percebi que ela, além de conter vários temas interessantes, se compromete em passar aos leitores uma visão imparcial e verídica dos fatos, o que hoje é muito difícil de encontrar em outros meios de informação.

Quero parabenizá-los pela coragem e determinação da revista, que deve enfrentar difíceis situações para se manter íntegra e única, e também torcer para que essa posição não se altere e sirva de exemplo para produções futuras.

Leonardo de Vasconcelos Silva

Talento e esforço

Gostaria registrar o meu reconhecimento pela importância do trabalho desta editora, ao nos trazer informações de qualidade e profundidade para a discussão do cenário político nacional.

Demonstrações de talento e esforço como esta renovam constantemente minhas esperanças de que não estaremos todos anestesiados pela visão "global" e alienante, entregando o futuro do Brasil aos casuísmos de terceiros.

Sidney Borges de Oliveira

INTERCÂMBIO

Héctor Cardenas Leon
Apartado # 8 Fomento
CP 6500 - SSP - Cuba

Heraclio Díaz Martín
Rambla de Pulido, 51 - 7º
38004 Santa Cruz de Tenerife
España

Jocilene Ferreira
Rua Itália, Qd. 07, casa nº 02
Anjo da Guarda - São Luís
MA - Brasil

Yeney Garcia Pérez
Calle Mandinga % FyRio
232 - Cumanayagua
Cienfuegos - Cuba

Yusimí Liza Rguez
Calle Lomban # 70
% Vila y Citrico
Cumanayagua - Cienfuegos
Cuba

José Luís da Costa
Caixa Postal 5006
Ag. Cabanagem
CEP 66601-970
Belem - PA
Brasil

Regis Terreiros
Cx. Postal 5041
CEP 13.036-970
Campinas - São Paulo
Brasil

Maria Eugenia Martinez
Camilo Cienfuegos 56
Apartado Postal nº 15
Central Ciro Redondo
Prov. de Ciego de Avila
Cod. Post 67500 - Cuba

Yosvanis Masforrol Estrada
Apartado Postal 212
Cx. Postal 40100
Matanzas - Cuba

Mundo novo velhos probl





1974 - 1997

temas

A revolução
tecnológica
e a nova ordem
mundial sofrem
o desafio das
desigualdades

Nº 200

Procópio Mineiro

A revista **cadernos do terceiro mundo** chega ao nº 200. São 23 anos de existência, na fase mais veloz de transformações deste século surpreendente. Um século que começou explodindo antigas hegemônias e impérios que pareciam eternos, destruindo certezas e forjando um mundo novo e perigoso, no qual, como sobrevivente de terremoto, parte da Humanidade pôde irromper na busca de caminhos próprios, quebrando dominações coloniais, queimando etapas de desenvolvimento, avançando ou patinando em atoleiros.

Século que lega ao próximo um mundo ainda mais atordoado pelas novidades gigantescas e pelos desafios com que as tecnologias da instantaneidade o brindam. Nesse novo mundo, pretende-se identificar a morte das utopias e do humanismo: o ser humano, porém, é o mesmo, em busca de seus anseios.

Neste nº 200, pois, cabe um instante de pausa, um olhar para trás e outro para o futuro: uma meditação sobre essencialidades e acessórios, caminhos, atalhos e destinos que marcaram os sonhos e as lutas humanas nas últimas décadas.

Para esse vôo sobre o passado recente e para um exercício de antevisão do amanhã, **cadernos do terceiro mundo** apresenta matéria de capa muito especial, com personalidades que pensam a realidade e falam sobre suas percepções do que é mudança e do que é permanência.

São reflexões preciosas de um homem do mundo da fé e da ética, como o cardeal D. Paulo Evaristo Arns, arcebispo de São Paulo; de estudiosos dos rastros humanos na história, como o geógrafo Milton Santos, da Universidade de São Paulo (USP), e o cientista político René Dreifuss, da Universidade Federal Fluminense (UFF); de um pensador comprometido com o socialismo, como o filósofo Adolfo Sánchez Vázquez, e de um homem do mundo da alta política internacional, como o atual presidente do Conselho de Segurança das Nações Unidas, o diplomata chileno Juan Somavía.

Da própria trajetória de **cadernos**, fala seu idealizador, Neiva Moreira, contando sobre uma revista desde o início comprometida com as lutas dos que vivem no lado mal iluminado do Planeta.

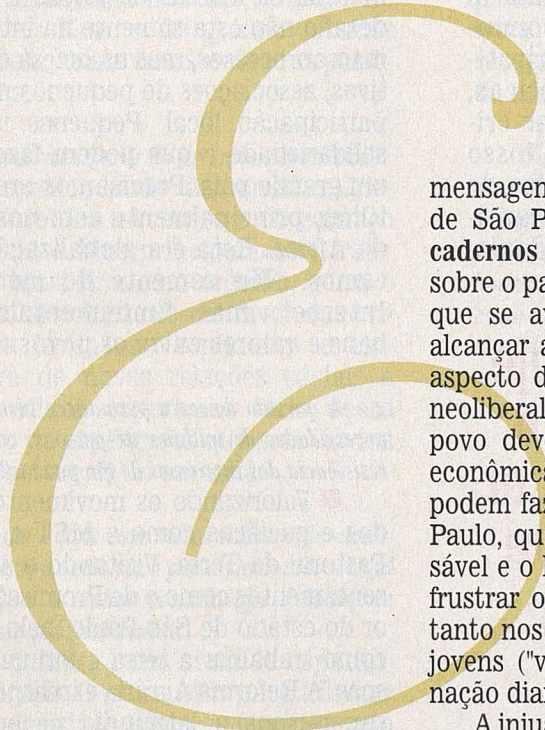
Trata-se, enfim, de um pequeno balanço da caminhada de nosso tempo e da vida de **cadernos**, numa jornada que, afortunadamente, não tem ponto de chegada à vista.

Em justi

*Cardeal
de São Paulo
condena o culto
ao neoliberalismo
e frisa que
a prioridade
é o povo*

D. Paulo Evaristo Arns

busca da ça social



esperança, perseverança. Estas são duas mensagens que emergem da entrevista que o cardeal de São Paulo, D. Paulo Evaristo Arns, concedeu a **cadernos do terceiro mundo**. Lançando um olhar sobre o passado recente da América Latina, considera que se avançou na democracia política, mas falta alcançar ainda a democracia econômica. Aponta um aspecto de idolatria no culto que se presta hoje ao neoliberalismo e assinala que as condições de vida do povo devem ser o parâmetro de qualquer política econômica. "Pequenas iniciativas e solidariedade é que podem fazer do Brasil um grande país", considera D. Paulo, que aponta a reforma agrária como indispensável e o latifúndio como pecaminoso. "Não podemos frustrar o povo, mas devemos mudar a política que tanto nos tem frustrado", aconselha, insistindo que os jovens ("valiosa fonte de esperanças") sintam "indignação diante da miséria."

A injustiça social é, na sua opinião, um dos dilemas do Brasil, que, com outras nações latino-americanas, deve buscar "um sistema mais humano que as propostas do FMI e do Banco Mundial" e fugir à submissão às bolsas internacionais, que ameaçam vidas humanas. "Estes valores estão acima daqueles. Nosso governo e nosso povo devem ser soberanos no anúncio desta mensagem de vida diante das injustiças latentes no comércio internacional", conclama D. Paulo Evaristo Arns.

Leia as respostas do cardeal de São Paulo às perguntas propostas por **cadernos do terceiro mundo**.

A Igreja brasileira manifestou-se, recentemente, contra as privatizações planejadas e executadas pelo governo federal. Razões econômicas e sociais justificaram tal posicionamento. Em sua opinião, o neoliberalismo desprotege o interesse público e tende a estabelecer perdas sociais?

■ De fato, mais que perdas e desrespeito ao público, o atual sistema neoliberal torna-se antiético e idolátrico por privilegiar o capital e o mercado como critérios de uma nação e de sua economia. Todo mecanismo econômico deve ter como parâmetro as condições de vida de seu povo e atender às necessidades fundamentais da maioria, não produzindo tanta exclusão e miséria, para sustentar a riqueza de poucos. A Igreja não se pronunciou sobre aspectos técnicos das privatizações, mas sobre questões éticas, democráticas e do futuro de nossas crianças e das riquezas nacionais. Nosso embate não se situa entre as escolas de Keynes e Smith, mas na defesa intransigente dos empobrecidos e sua cidadania.

Direitos humanos são hoje a nova forma de pregar o Evangelho e de reconhecer o humanismo como chave e eixo da construção participativa

O que mudou dos anos 70 - de predomínio de regimes ditatoriais na América Latina - para os 90, quando a redemocratização se caracteriza pela geral adoção do ideário neoliberal, que inclui até o objetivo de prolongamento de governos, via reeleições sucessivas, como já ocorre na Argentina e no Peru e está para se confirmar no Brasil?

■ Conseguimos avançar nas democracias políticas e lutar pela plena emancipação cultural de nosso povo e suas culturas ancestrais, combatendo o colonialismo cultural. Resta, nesta década de fim de século e

milênio, propor e lutar pela democracia econômica, pelo perdão da dívida externa e o pagamento da dívida social, particularmente em relação às nações indígenas e negras de nosso continente. Eis o desafio desta virada de milênio.

O mercado e o Estado mínimo apontam soluções para sociedades, como a brasileira, que ainda enfrentam o desafio de integrarem vastas camadas da população?

■ O caminho deve passar pelo apoio às pequenas e médias indústrias e serviços, qualificando sempre, pela educação e tecnologia, as massas de jovens e crianças. O desafio não está somente na integração aos macroprocessos, mas na defesa das cooperativas, associações de pequenos produtores e participação local. Pequenas iniciativas e solidariedade é que podem fazer do Brasil um grande país. Precisamos crescer e partilhar, principalmente com nossos irmãos da África. Esta é a globalização que buscamos. Não somente do mercado e da Internet, mas fundamentalmente dos bens e valores entre os povos.

A questão da terra permanece insolúvel. Ante as necessidades de milhões de pessoas, como superar a resistência dos interesses de tão poucos?

■ Valorizando os movimentos organizados e pacíficos como o MST e a Comissão Pastoral da Terra. Visitando e apoiando assentamentos como o de Promissão, no interior do estado de São Paulo, belo exemplo de como trabalhar a terra e formar novas pessoas. A Reforma Agrária é indispensável para superarmos o latifúndio pecaminoso e a injusta distribuição das terras no Brasil. Enfim, com uma política agrícola consequente e eficaz, poderíamos superar, em poucos anos, a miséria.

A vida política parece em crise. Tem sido norma dominante pregações de conteúdo social e, depois, práticas contrárias. Por que se frustraram as esperanças de que a redemocratização criaria um Brasil mais feliz?

■ De fato, a política como arte do bem comum, como horizonte utópico dos valores da cidadania, está passando por uma pro-

vação, com tantos casos de corrupção e suborno envolvendo governos, deputados e instituições sociais e partidárias. A ação popular deve ser vigilante e purificar este ambiente através de uma plena participação, ativa e consciente. Ninguém pode se frustrar com a política, pois é grande e importante instrumento da construção humana. Precisamos apoiar aqueles deputados e representantes populares que mantêm sério compromisso com as lutas de seu povo e não se vendem por dinheiro e nem por posições de poder.

Não podemos frustrar o povo, mas devemos mudar a política que tanto nos tem frustrado. Lembremo-nos de Gandhi, de Martin Luther King e do grande senador Teotônio Vilela, sinais valiosos de uma política verdadeira.

O que é possível esperar da juventude brasileira?

■ Indignação diante da miséria. Criatividade diante das mesmices e do cansaço dos envelhecidos. Mas, principalmente, a alegria de ser brasileiro, com orgulho, garra e muito trabalho voluntário em favor das crianças. Uma juventude sonhadora e empreendedora de novas relações sociais e familiares. Afinal, esperamos tudo dessa valiosa fonte de esperanças que sem dúvida é, hoje, a construtora do amanhã.

Considerado o país com maior número de católicos, o Brasil recebe outra vez o papa, em outubro. Qual a mensagem que o senhor gostaria que o brasileiro absorvesse dessa próxima visita?

■ Uma palavra e um sinal de esperança para o Brasil. O papa vem para afirmar um claro e decidido apoio às famílias sem teto e sem lar. Vem pedir maior empenho na superação da exploração das crianças e jovens no trabalho escravo ainda existente em todo o Brasil e que envergonha o Planeta.

Receber a visita do papa significa pensar o papel religioso e a ação evangelizadora nestes tempos de mudanças de paradigmas. Ouvir e sentir, deste homem marcado pelos sofrimentos, a mensagem de paz e de fortaleza que Deus nos oferece na construção de uma pátria de irmãos.

Os direitos humanos foram a mensagem mais insistente da Igreja nos anos da ditadura militar. Na luta contra as torturas a presos políticos e contra a violência às camadas pobres. Defesa dos direitos humanos ainda se faz uma pregação necessária?

■ Sem dúvida, pois ainda existem situações de completo desrespeito à vida e à dignidade. Crianças morrem assassinadas, presos são espancados e vilipendiados em cárceres degradantes, mulheres e meninas são prostituídas por um prato de arroz. A luta contra a tortura continua e hoje a ela se somam as lutas em favor da terra, dos doentes de AIDS e por uma escola digna para todos. Direitos Humanos são hoje a nova forma de pregar o Evangelho e de reconhecer o humanismo como chave e eixo da construção participativa.

O mundo hoje difere substancialmente daquele dos anos 70. O bloco soviético desapareceu, a Guerra Fria extinguiu-se, os Estados Unidos apresentam-se como potência hegemônica, a guerra nuclear foi riscada do horizonte das possibilidades. Como analisa esse quadro e como nele insere o panorama brasileiro e dos países que ainda buscam uma etapa de desenvolvimento melhor?

A Reforma Agrária é indispensável para superarmos o latifúndio pecaminoso e a injusta distribuição das terras no Brasil

■ Nosso país está diante da grave questão da justiça social. Precisamos construir algo novo em favor das imensas maiorias. Envolvidos que estamos pelo Mercosul, não podemos esquecer das questões regionais e das necessidades das pequenas cidades e do sertão brasileiro. A questão ambiental precisa ser levada a sério e o orçamento governamental deve mudar suas prioridades. Precisamos pagar



Lutar pela democracia econômica, pelo perdão da dívida externa e o pagamento da dívida social. Eis o desafio desta virada de milênio

a dívida com nossa gente nas áreas de saúde, moradia, educação e trabalho.

É preciso, com urgência, mudar os rumos e articular nossa busca de justiça com as inúmeras nações latino-americanas que desejam sistema mais humano que as propostas do FMI e do Banco Mundial. Não podemos mais nos submeter às bolsas de valores internacionais, sem atender aos valores e vidas ameaçados nacionalmente. Estes valores estão acima daqueles. Nosso governo e

Índios e negros estão entre os pobres mais desrespeitados em seus direitos, aponta D. Paulo, que prega ações efetivas para melhorar as condições de saúde, moradia, educação e trabalho das camadas populares

nosso povo devem ser soberanos no anúncio desta mensagem de vida, diante das injustiças latentes no comércio internacional.

Quais os grandes desafios do brasileiro e do Brasil para o próximo século?

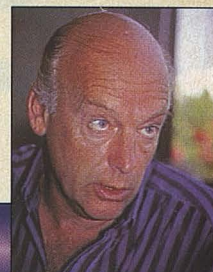
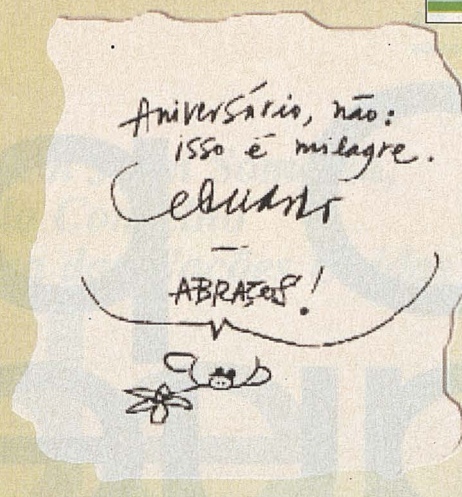
■ Gerar mais trabalho e partilhar as horas de labor com os desempregados e subempregados, superando a escravidão das relações de trabalho hoje existentes. Favorecer a pequena e média indústria, como caminho alternativo aos oligopólios e transnacionais que sugam as riquezas nacionais e destroem nosso meio ambiente. E, finalmente, investir na educação e qualificação técnica de nossa juventude.

As utopias políticas expressam, em grande parte, desejos de generosidade, solidariedade, busca de justiça e de oportunidades para a plena realização humana. Estes são ideais com prestígio em baixa na atualidade?

■ O mestre Paulo Freire, nosso grande amigo, recentemente nos confiava que agora é que as utopias terão vigência e valor. Particularmente aquelas que falem de um novo homem e de uma nova mulher, plenamente conscientes e solidários.

Pessoas felizes terão sempre sonhos, e estes sonhos serão, por sua vez, a esperança de construir os espaços de nossas felicidades. Afinal, vivemos de esperança em esperança!

Alguns estudiosos consideram nossas grandes cidades como zonas conflagradas, de administração cada vez mais precária. Os valores da cordialidade do brasileiro estão mudando?



Eduardo Galeano

Escritor uruguaio; autor, entre outros, do clássico "As veias abertas da América Latina"

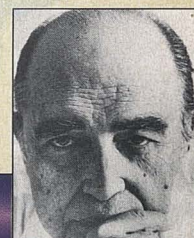
"É um prodígio que uma revista como cadernos do terceiro mundo dure tanto tempo e tenha chegado a 200 edições, com promissoras perspectivas de futuro. O fato mais relevante ainda para uma publicação nascida no exílio, transferida de um exílio a outro, conforme a situação e as vicissitudes de seus fundadores, antes que pudessem eles regressar à pátria. É um exemplo para todos os jornalistas e, de um modo geral, para todos os brasileiros."



Barbosa Lima Sobrinho

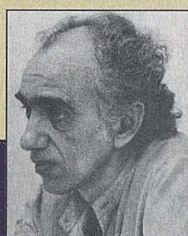
Presidente da Associação Brasileira de Imprensa

"Cadernos do terceiro mundo é uma revista progressista que abre os olhos da gente. É indispensável para o Brasil e os povos da América Latina. O que nos dá muito otimismo é ter o nosso amigo Neiva Moreira lutando para resolver os problemas dos países do Terceiro Mundo."



Oscar Niemeyer

Arquiteto



"Cadernos do terceiro mundo é tão sobrevivente quanto o Terceiro Mundo. Contra a correnteza, mas a favor do mundo."

Herbert de Souza (Betinho)

Sociólogo e Coordenador da Ação da Cidadania contra a Miséria e a Fome e Diretor do Ibase

■ Realmente, a violência do dia a dia machuca corpos e mentes, mas o nosso povo jamais se submete tão facilmente assim. Ele se rebela contra as injustiças, mantém o amor aos seus companheiros. Caso, de fato, os valores estejam sendo torpedeados, é também verdade que muitos barquinhos de fraternidade têm navegado nestas plagas brasileiras. E como, na imagem bíblica, o mar sempre representa o perigo, nossa Igreja tem sido comparada a uma pequenina jangada, corajosa e fiel, lutando teimosamente contra ventos e águas, a fim de chegar a portos mais seguros e de novo partir, porque é no perigo que se testa um povo e se descobre quem, verdadeiramente, é irmão e amigo. E tais amizades são eternas, jamais perecem.

O pêndulo que retro

O neoliberalismo
perde terreno
no mundo por
não oferecer soluções
às demandas
sociais que sobrevivem
após o fim
da Guerra Fria

Embaixador Juan Somavía



ulo occede

*Entrevista com Juan Somavía,
presidente do Conselho
de Segurança das Nações Unidas*

fim do confronto entre a hegemonia norte-americana e a soviética caracteriza um instante de mudança radical na cena internacional, no início dos anos 90. Falou-se, então, em fim da História e morte das ideologias. Mas o neoliberalismo é uma nova ideologia - critica Juan Somavía, embaixador do Chile nas Nações Unidas, atual presidente do Conselho de Segurança da ONU e membro do Conselho Editorial de **cadernos do terceiro mundo**.

As mudanças na cena internacional, a globalização, a transnacionalização, no entanto, na visão de Somavía, não resolvem os problemas do mundo subdesenvolvido com o novo culto do mercado.

Nesta entrevista a Beatriz Bissio, o representante chileno na ONU considera que o neoliberalismo não responde às necessidades sociais e por isso já está em regressão na maior parte do Planeta.

O futuro, como o vê o atual presidente do Conselho de Segurança das Nações Unidas e organizador da Cúpula Social da organização mundial - realizada em Copenhague em 1995, na sequência das grandes conferências mundiais que se seguiram à Rio-92 -, não poderá ser moldado pelo mercado globalizado, mas pela retomada de projetos nacionais: "O capital pode estar transnacionalizado, mas as pessoas continuam tendo uma nacionali-

A segurança que a sociedade deve garantir a seus cidadãos é a do emprego, de poder sair da pobreza, de ter direitos básicos, que incluem acesso à educação e à saúde

dade", diz Somavía. Ele identifica na atualidade "uma indiferença moral com as questões sociais", o que talvez explique o grande desencanto popular com a política, que se mostra, cada vez mais, terreno de interesses particulares e ambições pessoais.

O ser humano é a finalidade

O embaixador Juan Somavía assinala que o conceito expresso pela Cúpula Social das Nações Unidas - que foi por ele idealizada e coordenada - de que a segurança que importa é a das pessoas, representou um passo para estimular a reflexão social.

"O mundo está cheio de Estados seguros, sem riscos de agressão externa e com ordem pública estável, mas repletos de pessoas inseguras", descreve. "Assim, creio que a busca da segurança das pessoas é uma evolução-chave, principalmente agora que o fim da Guerra Fria afastou a possibilidade de um conflito mundial e abriu caminho a uma nova percepção e a uma visão distinta do sentido dos gastos militares e das prioridades nos gastos com segurança."

"Poderíamos dizer que a segurança é um tema de interesse dos militares e da polícia. Mas não é assim. Essa é a visão clássica. Creio que não se pode perder a noção da segurança vinculada ao ser humano. A mais importante segurança que uma sociedade pode dar a seus cidadãos é a segurança da pessoa humana, e isto não se resume a se ver



Os interesses das grandes corporações e a ideologia do mercado menosprezam os direitos sociais e agravam a pobreza pelo mundo

livre de assaltos nas ruas ou a se ter sob controle o problema das drogas, que são aspectos óbvios."

Segundo Somavía, "a segurança que a sociedade deve garantir a seus cidadãos é também a segurança do emprego, a segurança de poder sair da pobreza, a segurança de saber que se tem certos direitos básicos, que incluem o acesso à educação e à saúde. Infelizmente, este é o tipo de segurança que falta ao mundo, cada vez mais, hoje em dia, por culpa de um sistema econômico dominado pela visão de que o mercado é capaz de resolver todos os problemas da sociedade e não apenas os da economia."

"Esta é a nova ideologia: o mercado", frisa o diplomata, que lamenta a oportunidade perdida com o fim da Guerra Fria. "Parecia que, finalmente, poderíamos começar a construir sociedades, a partir de um entendimento geral sobre os problemas essenciais, e juntos iríamos combater a pobreza, o desemprego, através de soluções que poderiam vir de diferentes espaços ideológicos. Mas, agora, o que acontece é que nos dizem que essa união de forças é impossível e que é preciso voltar à ideologia, voltar a analisar os problemas e as soluções sobretudo através do prisma ideológico. E a nova ideologia prega que o mercado encontra solução para todos os problemas de qualquer sociedade."

"É uma visão que não me parece correta, em primeiro lugar. Depois, me parece perigosamente retrógrada. E perigosa a longo prazo. Assim, temos todos que fazer um esforço de pensar juntos e abordar tais problemas", assinala.

O público e o privado

"Abordar a questão da segurança a partir de uma perspectiva humana permite também mudar a noção do que seja eficiência. Quando uma empresa ou uma economia nacional é eficiente? Quais são os critérios do êxito?", pergunta.

"Uma empresa pode ganhar muito dinheiro, mas, se ela dispõe do meio ambiente de forma gratuita e o polui, está lançando sobre a sociedade o custo da futura limpeza desse bem comum. O lucro da empresa se faz, então, às custas da sociedade. O lucro foi privatizado; o custo, socializado. A empresa não pode ser apontada como eficiente", define, em relação a um exemplo que pode ser aplicado também ao lucro que se faz às custas do salário aviltado, do desamparo social, do desemprego massivo, de empréstimos privilegiados de dinheiro público, de privatizações facilitadas e de outras vantagens que representam custo social, como tem ocorrido em nome do neoliberalismo.

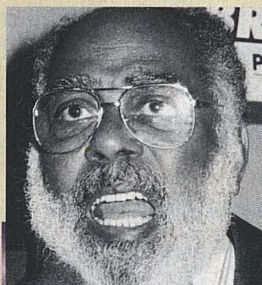
"Precisamos, assim, discutir com tranquilidade, sem pré-condições ideológicas. Não temos necessidade de novos aiatolás donos de soluções pós-Guerra Fria. O grande valor do fim da Guerra Fria foi precisamente o de eliminar o dilema do ou preto ou branco", diz.

Confronto social

"Estamos dando mais importância aos equilíbrios macroeconômicos do que aos equilíbrios macrossociais. Estamos buscando o equilíbrio dos orçamentos e desequilibrando a vida dos cidadãos. É preciso equilibrar as duas coisas. Ter orçamentos saneados é bom e necessário. Mas não é certo que o custo disto recaia sobre os mais fracos. É preciso ter economia sadia e políticas sociais sadias. Em geral, os governos tratam de cortar os gastos sociais. É uma opção política", critica.

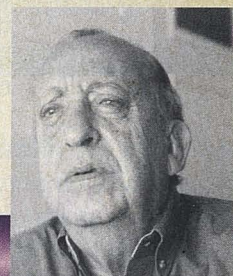
Segundo Juan Somavía, "precisamos travar esse debate político e humano, levando em conta mais do que os interesses individuais. As sociedades não podem continuar aumentando o confronto social, sob pena de perderem a estabilidade. Quem vive bem sabe disso, porque observa o aumento da insegurança ao seu redor".

"Os cadernos são um oásis no deserto das comunicações, onde podemos nos abastecer das notícias que a chamada grande imprensa nos sonega: informação sobre os países do Terceiro Mundo elaborada desde a perspectiva deste mundo excluído e marginalizado. Ao atingir os 200 números da revista, todas as felicitações aos heróis desta façanha: deputado e jornalista Neiva Moreira e a jornalista Beatriz Bissio."



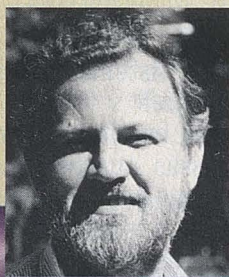
Abdias Nascimento
Senador

"Superando bravamente as vicissitudes do exílio e do cerco econômico, sobrevivendo aos modismos que prevalecem nos meios de comunicação, cadernos do terceiro mundo se impõe como leitura indispensável para quem queira se manter bem informado sobre a realidade mundial e nacional."



Moacir Werneck de Castro
Jornalista e escritor

"Tive o privilégio de ler, conhecer e me informar dos problemas do Terceiro Mundo, desde que ainda era Cuadernos del Tercer Mundo, editado no México. Manter uma revista há tantos anos, independente, soberana, para difundir a causa dos pobres, dos povos do Terceiro Mundo, é um ato de heroísmo. E difundir nela os princípios do internacionalismo entre os povos, da solidariedade, do anticolonialismo, do anti-apartheid social e racial e do antiimperialismo, é um valor imprescindível. Vocês estão contribuindo para mais igualdade e menos injustiças entre os povos. Todos nós estamos orgulhosos da revista cadernos do terceiro mundo. Longa vida!"



João Pedro Stédile
Líder do Movimento dos Sem Terra

"A cadernos foi importante instrumento na minha formação universitária. Como empresário, lanço mão da leitura da revista para estudar os novos mercados."

Djalma Moraes
Empresário, presidente da DLA

"Torna-se um problema esse espírito de competição a qualquer custo, essa competitividade que tem por objetivo ganhar sempre. Mesmo os que trabalham em empresas assim acabam inseguros, porque não sabem o que lhes vai acontecer amanhã. Vemos, num momento, empresas de sucesso no mercado mundial que, cinco anos depois, entram em falência."

"É este tipo de instabilidade que queremos para a vida econômica, para a vida social e, conseqüentemente, para a vida política? Não. Precisamos buscar meios de dar estabilidade a nossas sociedades. O que queremos, no fundo, é que todos sejamos tratados como seres humanos, gente que tem família, que quer os filhos na escola e com saúde, e que quer seu lugar de trabalho integrado e como reflexo de vida", aponta. "Isto é o que

"As pessoas estão buscando na sociedade civil, em organizações diversas, um modo de influir. Sinto que esta situação denuncia uma crise ética. Ou seja: achamos muito difícil sentar ao redor de uma mesa para resolver problemas óbvios. Ninguém ignora que metade da população latino-americana vive mergulhada na pobreza. Por que não resolvemos isto?"

"Acho que, por algum motivo, entramos numa etapa da história dominada por uma grande indiferença moral em relação às questões sociais. Poderíamos lembrar que a solução desses problemas ajudaria a própria economia, que passaria a ter maior número de consumidores e tornaria as empresas mais produtivas. Além disso, existe a razão moral: não podemos continuar aprofundando, em nossas sociedades, as disparidades."

Visão nacional

Na visão do embaixador chileno, "na América Latina, há uma enorme força do pensamento neoliberal. Mas começo a observar, no resto do mundo, que o pêndulo do neoliberalismo começa a retroceder. Exagerou-se de tal forma a eficiência do neoliberalismo que as pessoas começam a ter a sensação de que estão lhes vendendo gato por lebre. Estão apresentando como uma verdade o que é apenas um conjunto de interesses", diz.

"Muita gente acreditou que era a opção correta com o fim da Guerra Fria. Mas cada vez mais se percebe que o neoliberalismo não está funcionando, que a solução dos problemas não virá por aí."

"Isto no resto do mundo, porque aqui, na América Latina, o pêndulo do neoliberalismo ainda está em seu ponto alto. Porém, também vai começar a mudar, creio, e essa recusa já se expressa através de partidos políticos, das organizações sociais e especialmente através das igrejas. Logo passará a influir nos governos", calcula.

"Precisamos de uma classe empresarial que adquira uma visão nacional. O capital está cada vez mais transnacionalizado, no entanto as pessoas continuam tendo uma nacionalidade. Precisamos dar um pouco de cidadania ao capital", frisa Somavía.

"Para dar resposta aos mais de 200 mi-

Damos mais importância aos equilíbrios macroeconômicos do que aos equilíbrios macrossociais. É preciso ter economia sadia e políticas sociais sadias

as pessoas sentem, mas o sistema econômico caminha em outra direção."

"A política tem uma importância muito grande no debate dessas questões, assim como a sociedade civil, que deve organizar-se e expressar não somente seus interesses, mas também ser expressão das necessidades populares."

"Tenho grande respeito pela política. Mas, recentemente, há a sensação de que a política está se tornando expressão de interesses pessoais, de ambições pessoais", diz em tom de lástima. "Há um problema de comunicação entre o político e as pessoas, depois das eleições. De maneira que há certo desencanto com a política tradicional."

lhões de cidadãos latino-americanos imersos na pobreza, o mundo empresarial consciente tem diante de si uma grande tarefa. Isto é particularmente importante aqui na América Latina, porque, desgrazadamente, cultivamos o hábito cultural da injustiça."

Senso comum, visão ética

"Quem tem melhor situação social precisa entender que uma sociedade mais estável e mais justa é o único caminho para o desenvolvimento", define Somavía.

"Não há exemplo histórico de país que tenha atingido o pleno desenvolvimento com polarização social."

"O único modelo que deu certo é o de sociedades que alcançaram o desenvolvimento econômico e a estabilidade sócio-política por terem somado crescimento econômico e equidade social. Esta é a história da Europa e dos demais países desenvolvidos nos séculos XIX e XX. Infelizmente, seguindo o neoliberalismo, estes mesmos países começam a estabelecer polarizações em suas sociedades: cresce lá a pobreza, aumenta lá a diferença social", espanta-se o diplomata chileno.

"Assim, no fundo, o nosso grande desafio é, de novo, um desafio nacional."

"Estamos dispostos a dar uma oportunidade à justiça social? Isto não exige posturas ideológicas, basta ter uma visão comum e um sentido ético, verificar o que funciona melhor em cada sociedade particular a favor da equidade social e ir avançando."

"Isto vai resultar em maior número de consumidores, em maior paz social, em estudantes melhor aproveitados e mais distantes das drogas. Vai tornar as famílias mais integradas. Em suma, a justiça social é fator de estabilidade, tanto sob o aspecto da distribuição dos recursos econômicos, quanto da distribuição da paz de uma sociedade."

"Na América Latina, estamos aos poucos perdendo a paz interna. Não há guerras externas, mas nossas sociedades não estão em paz."

"O caminho para a paz é o da justiça social: a equidade compartilhada, a equidade real, uma convicção nacional de que isto é uma prioridade", completa Juan Somavía.

"Cadernos desempenha um papel fundamental para o conhecimento da realidade dos países subdesenvolvidos. Ao noticiar o que se passa no Terceiro Mundo, presta a todos nós um grande serviço."

Nelson Werneck Sodré

Historiador

"Cadernos do terceiro mundo é uma revista de primeira qualidade. É um foco de luz entre tantas publicações de mero entretenimento. Como seus leitores, ganhamos em informação qualificada e visão crítica da realidade."



Frei Beto

Religioso e escritor

"Cadernos do terceiro mundo vem, através dos anos, representando veículo imprescindível de informação e debates sobre temas internacionais, com uma preocupação de rigor de análise e compromisso de independência, que lhe garantem posição de primazia entre as publicações do gênero editadas no Brasil e talvez na América Latina."

Luciano Ozório Rosa

Embaixador do Brasil em Moçambique

"Desde sua primeira edição em 1974, a revista cadernos do terceiro mundo vem contribuindo para o conhecimento e esclarecimento da realidade dos povos da América, Ásia e África. É necessário que se mantenha viva para continuar iluminando o caminho de homens e mulheres que não se rendem ao imperialismo. Parabéns, Neiva, Beatriz e equipe."



Fermin Rodriguez Acosta

Cônsul de Cuba no Rio de Janeiro

"A longevidade dos cadernos do terceiro mundo prova que é possível resistir, apesar dos desequilíbrios provocados pela globalização."

Mário Osava

Dirige no Rio a Agência IPS

O mercado não resolve t

geógrafo Milton Santos, por conta de sua ciência e das circunstâncias da vida, que o obrigaram a vagar por terras estranhas, conhece o vasto mundo, de que fala o poeta, e, como cientista, procura a solução, desprezando a rima. Está com novo livro na praça (*Técnica, espaço, tempo - globalização e meio técnico-científico informacional*, pela Editora Hucitec) e nele debate questões vitais de nossa época.

Nesta entrevista a **cadernos do terceiro mundo**, colabora de forma magnífica para a composição deste painel de reflexões sobre o nosso tempo. Aponta com clareza os desafios que a globalização oferece aos países em desenvolvimento. Identifica, no caso específico do Brasil, que já alcançou

O fenômeno conhecido por globalização caracteriza-se, como se pode depreender da leitura de seu recente livro, como o aproveitamento espacial em benefício das forças hegemônicas internacionais, não-nacionais. É aceitável ou mesmo irrecusável admitir que projeto nacional e soberania já não têm sentido?

■ Na verdade, o processo de globalização acentua a tendência a que as forças hegemônicas da economia, da política e da cultura escolham os lugares que consideram mais favoráveis à sua realização plena. Essas forças hegemônicas são sobretudo globais, internacionais; mas são igualmente nacio-

nais. Isso se dá porque a grande lei da atividade econômica hegemônica é a competitividade, superlativo de concorrência, indispensável à produção do maior lucro, da maior mais-valia e instrumento de permanência das formas atuais de globalização.

Se a globalização pode ser definida como movimento de dominação econômica (conseqüentemente política) semelhante a ondas anteriores (imperialismo, colonialismo, etc.), estaria havendo apenas um aprofundamento do mecanismo de apropriação da periferia pelo centro. Assim, países que avançaram economicamente, como o Brasil, correriam o risco de retrocessos

udo

desenvolvimento relativo, um movimento de retrocesso econômico e social, combinado com a ausência de um projeto nacional.

Milton Santos acredita, porém, que um "discurso de baixo" já elabora uma vacina de sobrevivência, a partir dos danos que sofre com as novas conformações dos interesses mundializados. E confia que nem todos os homens de pensamento se renderão, como tantos já fizeram.

Prof. Milton Santos



econômico-sociais, com o desmonte de estruturas que oferecessem concorrência aos interesses hegemônicos?

▣ Não se pode dizer que a globalização é semelhante às ondas anteriores, exatamente pelo fato de que as condições técnicas de sua realização mudaram radicalmente. É somente agora que a Humanidade está podendo contar com essa nova qualidade da técnica, providenciada através do que se está chamando de técnica informacional. Essa técnica, isto é, essas técnicas da informação (por enquanto) são apropriadas por alguns Estados e por algumas empresas, aprofundando assim os processos de criação de desigualdades. É assim que a periferia do sistema capitalista acaba sendo ainda mais periférica, seja porque não dispõe totalmente dos novos meios de produção, seja porque lhe escapa a possibilidade de controle. O caso do Brasil é ao mesmo tempo singular, em virtude de seu

A periferia do sistema capitalista acaba ainda mais periférica, porque não dispõe dos novos meios de produção e porque lhe escapa a possibilidade de controle

desenvolvimento relativo, e é típico, já que as atuais formas de sua inserção na globalização supõem o abandono da idéia de projeto nacional e produzem um claro retrocesso econômico e social.

O imperialismo tem uma história de ações militares para abrir os mercados. A globalização corre, porém, de forma discreta e racional, pelo convencimento, via cátedra e mídia. A globalização dispensa a força?

▣ Não se pode dizer que a globalização tenha abolido as ações militares. Estas, inclusive, estão por trás dos processos comerciais, sendo a base da convicção final dos Estados envolvidos.

A guerra se faz a partir do comércio e de suas exigências produtivas e através da informação. E neste último sentido que a pergunta procede, já que a conquista dos territórios dos Estados e dos espíritos é realizada de forma racional, mas não tão discreta. O que se dá é que as formas como a força se manifesta são outras; mas o exercício da força através da cátedra e da mídia não é menos violento.

A globalização vem coincidindo com um processo que parece contradizê-la: a formação dos blocos econômicos regionais. Como analisar estes dois conceitos e práticas que parecem teoricamente excludentes?

▣ A formação dos blocos econômicos regionais não contradiz a globalização. Ao contrário, na realidade os blocos econômicos regionais são uma condição para que a globalização complete seu caminho.

A verdade é que, afora a União Européia, os outros blocos regionais têm como meta essencial e quase única facilitar o comércio entre um grupo de empresas privilegiadas. Sua preocupação é o mercado e não a política, por isso estão despreocupados com as questões culturais e sociais.

E, no caso do Mercosul e da América Latina, a idéia de cidadania é praticamente desconhecida: tanto a idéia de cidadania ligada a cada Estado Nação, quanto a idéia de cidadania mundial.

Desse modo, a forma como se desenvolvem atualmente os blocos econômicos regionais favorece a expansão e o fortalecimento do chamado mercado global e não a criação e o fortalecimento de uma comunidade humana universal.

No programa Roda Viva, da TV Cultura de São Paulo, o senhor considerou fraco o papel dos intelectuais na formulação do Brasil. Ainda são efeitos do regime militar?

▣ A fragilidade do papel dos intelectuais durante o regime militar e a atual fragilidade desses mesmos intelectuais frente ao processo brasileiro de globalização têm ambas relação com a natureza desses períodos históricos. Nos dois casos, o convite era para a adesão a um pensamento único.

Na primeira situação, isto se dava mediante o uso da força ou a promessa de uso da força para calar os dissidentes, enquanto agora o silêncio ou quase-silêncio resulta de uma cooptação mais ou menos voluntária. Mas é agradável constatar que, ainda sob circunstâncias hostis, o Brasil atual assista a manifestações brilhantes de intelectuais genuínos.

O peso da burocracia que se abateu sobre as universidades constitui um convite ao pensamento técnico e burocratizado, desencorajando as manifestações propriamente intelectuais.

É urgente reverter essa tendência, mas isso é apenas possível através de uma vontade firme de análise dos processos que estamos vivendo, antes de embarcar numa discussão puramente retórica e falsamente oposicionista, cada vez que utilizamos os mesmos parâmetros oferecidos pelo discurso da globalização.

A pregação da globalização ignora urgências do dia a dia, como a imensa crise social. O desemprego é considerado fatalidade causado por despreparo do trabalhador. Isto é sustentável? O social passará a ser apenas subproduto eventual das novas realidades?

■ A resposta é não. Por enquanto, no caso do Brasil, a questão do emprego não tem merecido tratamento sério. Pode-se, entretanto, admitir que em pouco tempo esse problema merecerá outro cuidado, saindo da sua atual situação residual para se tornar uma questão política, diante da emergência de um impasse social.

O proposto Estado mínimo e o mercado poderão responder às imensas necessidades brasileiras de desenvolvimento?

■ A resposta é não.

Em seu livro, o senhor afirma a crença e esperança de que o local, o regional, atue como uma força capaz de enfrentar a desculturação que parece estar no cerne do movimento global e de sua agilíssima informação conformada aos interesses hegemônicos. O país em construção, que é o Brasil, oferece elementos para se contrapor à onda?

■ O lugar recria cultura, ele o faz a partir de um cotidiano vivido de modo distinto, mas coletivamente, por todos. Este cotidiano é um reflexo das condições de cada lugar e tem suas raízes fincadas no trabalho em todas as suas modalidades.

É nesse aspecto, no entanto, que o cotidiano territorializado ganha um papel novo, ou seja, atribui às comunidades a possibilidade de se reverem e se redefinirem face à globalização, além de ampliar os horizontes da sua consciência, impondo novas visões de mundo, de cada nação, de cada lugar ou região, e se transformando, dessa forma, numa força política incontornável.

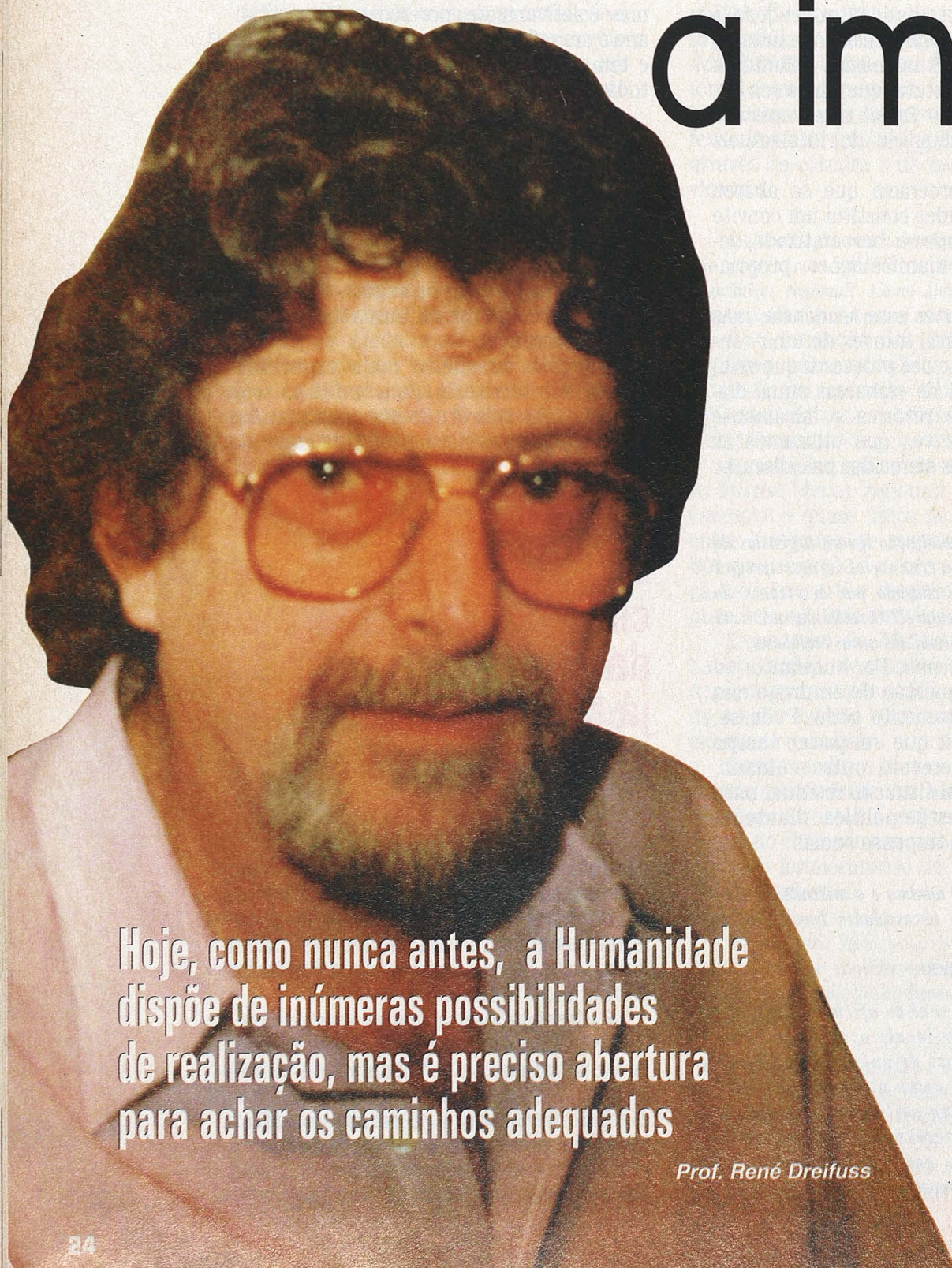
No caso brasileiro mais especificamente, é o território, com todos os seus lugares, mas sobretudo por suas grandes cidades, que revela a profunda crise da

Um "discurso de baixo" contraria o "discurso de cima" e produz a semente da força com que o Brasil já começa a enfrentar e recusar a atual globalização perversa

nação e o mal-estar que o processo de globalização está criando em toda parte. Esta descoberta já vem sendo feita por numerosos atores da sociedade. Além disso, esta mensagem está se difundindo com grande rapidez.

E dessa maneira é que se está produzindo um formidável "discurso de baixo", que contraria o "discurso de cima", isto é, o famoso discurso único, produzindo-se assim a semente da força com a qual o Brasil já começa a enfrentar e recusar a atual globalização perversa.

Mudança a imaginação



Hoje, como nunca antes, a Humanidade dispõe de inúmeras possibilidades de realização, mas é preciso abertura para achar os caminhos adequados

Prof. René Dreifuss

...cas desafiam ...nação

Nº 200

Historiador e cientista político, estudioso das questões estratégicas, o professor René Armand Dreifuss, da Universidade Federal Fluminense, lançou suas mais recentes reflexões sobre estes nossos tempos: *A época das perplexidades - mundialização, globalização, planetarização: novos desafios* (Editora Vozes).

Assinala a emergência de uma infraestrutura tecnológica, baseada nos recursos eletrônicos, que lança as bases de uma nova era no mundo, com características revolucionárias, tais as possibilidades que propicia.

Deus fez o mundo, o *chip* o está recriando - com a ajuda do anjo mercado e do espírito do capital transnacionalizado. Assim, atre-

vidamente, pode-se, talvez, resumir a tese de Dreifuss. Um aglutinante *complexo teleinfo-computrônico* é o novo sol da vida.

A mundialização dos novos meios permite a globalização dos mercados e cria um desafio sócio-político planetário.

Os interesses empresariais estão correndo na frente, diz René Dreifuss. As sociedades mal despertaram para o processo, estão como que sendo surradas no escuro, embora já se faça um lusco-fusco de pré-amanhecer.

Como se vê, uma época de perplexidades.

"Interessante: aparentemente, esse mundo novo acaba com as utopias. No entanto, acho que não é esse o problema. O problema é que obriga a recolocar as utopias, nos obriga a visualizar uma nova dimensão dessa utopia."

"Acabaram-se certos paradigmas, estamos à cata de outros. Não é um jogo acabado, não acaba o conflito, não acaba a imaginação, esta só ganha nova dimensão", medita Dreifuss.

Em três curtíssimos capítulos, a entrevista do professor René Dreifuss, em que ele analisa o ontem, o hoje e o amanhã, frutos da potência criadora do *chip*, o demiurgo de silício.

potência ou a desesperança de um mundo cinzento para aqueles que sonhavam com outros horizontes", descreve Dreifuss.

"Na realidade, aquele momento parecia tão certo, tão previsível, tão ajustado, tão trilhado, tão referenciado, que não havia possibilidade em pensar em tudo aquilo que não era incluído na análise, que não era visto na sua real dimensão, que era filtrado pelas questões marcantes. Havia uma seleção, uma exclusão de fatos, fenômenos, lembranças, referências e questões. Era ao mesmo tempo um período de embate muito forte, de certezas muito claras. Em uns casos, talvez arrogantes e, em outros, muito

ONTEM: *o certo e o definido, o claro e o escuro*

"Vinte e cinco anos atrás: Richard Nixon, Henry Kissinger, Georges Pompidou, Willy Brandt, Helmut Schmidt, Giscard D'Estaing, Mao Tsé-Tung, Michael Foot, Harold Wilson, James Callaghan, Chu En-Lai, Leonid Brejnev, Giulio Andreotti. Os coronéis da Grécia já estavam indo embora, o Chile ainda sonhava com Allende, ou vivia pesadelos com ele, dependendo de que lado se estava das barricadas. O Brasil comemorava a Copa e, por outro lado, se sofria no porão da tortura. Na rua, vivia-se a ilusão de uma grande

apaixonadas. Havia verdades indiscutíveis e mentiras indiscutíveis."

"Esse mundo é realmente de grandes mudanças. É um período em que se brigava para definir quem é que dominava o sistema, se era o capital financeiro, o capital industrial ou o monopolismo de Estado. Dentro deste processo a gente não foi capaz de observar que o sistema financeiro não eram somente os bancos, mas surgiam com força os fundos de pensão que começavam a estruturar um mundo de fundos de investimentos mútuos de ações, as seguradoras se tornavam um subsistema importante, catadores de recursos atomizados. Mas que eram capazes de concentrá-los e que diversificavam o sistema financeiro."

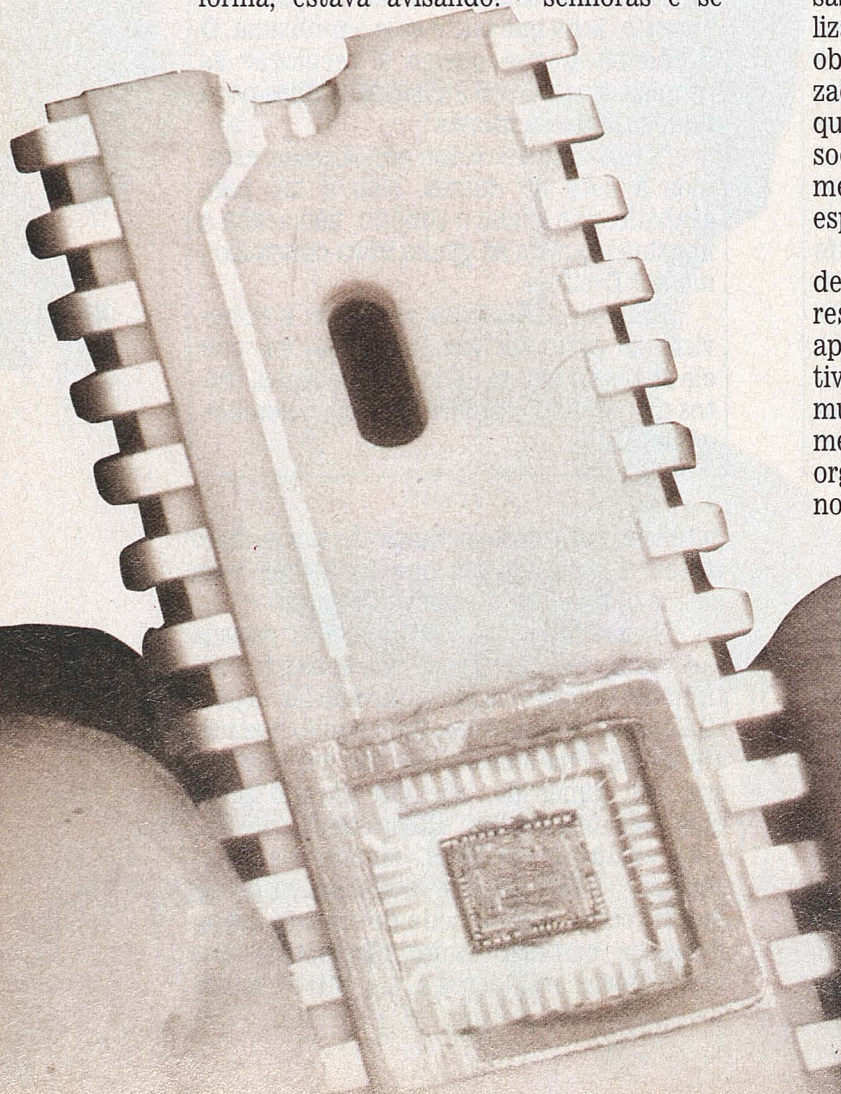
"Havia a emergência de uma caixinha mágica chamada *chip 8008*, que depois seria substituído por um *8088* e que, de alguma forma, estava avisando: - senhoras e se-

nhores, estamos abrindo a porta para um mundo diferente, onde as coisas já não serão como são", adverte o professor.

"Hoje, 25 anos depois, é impossível pensar em pesquisa universitária, em laboratório empresarial, em comunicação e transporte de bens, de serviços e de pessoas sem esse instrumentinho. Sem o *chip*, sem esse elemento importante no interior dos instrumentos, é impossível pensar em produção, em comércio. É impossível pensar em agricultura, indústria - o que resta dela -, os serviços do nosso cotidiano. As coisas envelheceram muito rapidamente, ganharam bolor rapidamente. Através deste processo, as coisas se tornaram questionadas e questionadoras com muito mais rapidez e facilidade."

"Também não deu para sacar, neste período, algumas das mudanças importantes no mundo corporativo, nas grandes empresas. Enquanto se pensava na multinacionalização empresarial, esta já estava sendo obrigada a se redesenhar em termos organizacionais, em termos de atuação, a redefinir que tipo de produção, para que tipo de sociedade e onde isso seria feito. E, rapidamente, partir para redesenhar certos espaços do Planeta", analisa o pensador.

"A capacidade de indução de câmbio destas corporações, junto com os seus respectivos governos, foi impressionante, aplainando áreas politicamente, administrativamente, e, com isso, obrigando, exigindo mudanças importantes na gestão governamental, no comportamento societário, na organização econômica. E apontando para novos sentidos. Novos equipamentos bélicos surgem e lentamente vão tornando o conflito um ponto de interrogação, para alguns, e uma certeza para outros."



O micromundo do 'chip' cria um novo tempo tecnológico, no qual os anseios humanos precisam impor suas prioridades aos negócios

HOJE: recolocar utopias, atuar na mudança, forçar a imaginação

"Há muitas mudanças comprimidas num quarto de século. É um período no qual o Planeta se urbaniza, se metropolitaniza, onde emerge um arquipélago metropolitano mundial, indutor de grandes transformações referenciais. É um período onde se comprime um volume e abrangência tão impressionante de mudanças, que talvez nós não tenhamos condições de visualizar em outro momento da história."

"Interessante: aparentemente esse novo mundo acaba com utopias", continua René Dreifuss. "No entanto, acho que não é esse o problema. O problema é que obriga a recolocar as utopias, nos obriga a visualizar uma nova dimensão destas utopias. Talvez, ser mais rico e mais generoso no olhar da utopia e, portanto, começar lentamente a pensar em quais os objetivos, qual o sentido desse viver ou qual o sentido que podemos dar a este viver e de que forma fazê-lo mais prazeroso, a partir dos novos recursos, e descobrir que novas opções as novas condições abrem para nós."

"As utopias industriais, as utopias mecânicas, as utopias orgânicas - estas são as que acabaram -, assim como esse mundo industrial, esse mundo mecânico também está na sua fase terminal. O cibernético nos obriga a pensar para além do tangível, nos obriga a entrar na utopia virtual, sustentada no mundo digital. São outros parâmetros. Acabaram-se certos paradigmas, estamos à cata de outros. É um período no qual a gente começa a raciocinar com outros referenciais, outros paradigmas e onde a lógica se faz o caos. O quântico, a fractalização tomam lugar do absoluto, do completo, dos fragmentos. Somos obrigados a pensar que não há mais possibilidade de viver do slogan, da frase feita."

"Hoje, pode-se falar, em nome de tudo isso, de uma série de melhoras de vida. As pessoas se comunicam mais facilmente, falam melhor, vêem coisas, fazem coisas, têm oportunidades de novos tipos de lazer, surgem facilidades para realizar suas tarefas", enumera Dreifuss, mas advertindo:

"O maior desafio e perigo do próximo século é a Nova Era das Trevas. É crescente a brecha entre a minoria, rica e poderosa, e a maioria pobre e carente de lideranças. Já nem é tanto um problema de nações ricas e pobres, mas um problema interno de cada nação, onde a classe média está sendo pressionada para tornar-se dependente e submissa aos ricos; está diminuindo em tamanho, está ficando impotente, política e economicamente. Neste contexto mundial, uma revista como cadernos,

que enxerga a globalização na sua real dimensão, dividindo a sociedade mundial em duas partes, contribui com clareza na luta ideológica, ajudando os leitores a compreender melhor esse novo mundo pós-moderno."



Brady Tyson

Professor da Universidade de Washington, Emérito de Relações Internacionais e membro do Partido Democrata, ex-assessor do presidente Jimmy Carter para questões de Direitos Humanos e do Terceiro Mundo

"Cadernos mudou minha forma de pensar a política mundial, a da África e em especial da América Latina. Eu era muito jovem, quando comecei a ler a revista e ela foi uma espécie de luz-guia num determinado momento da minha vida, contribuindo até hoje na minha profissão."

Regina Festa

Jornalista e professora da Universidade de São Paulo (USP)

"Nestes tempos, em que uma falsa idéia de modernidade serve para aumentar a exclusão social e espoliação dos países periféricos, cadernos do terceiro mundo é uma trincheira de luta pela justiça social e por um mundo mais igualitário."

Cid Benjamim

Jornalista e professor de Comunicação Social na Faculdade Hélio Alonso

"Desde a adolescência, a cadernos fez parte da minha vida cultural e afetiva. A revista era o espaço no qual podia ler assuntos com um enfoque único, unindo ideologia com precisão informativa. Quando trabalhei na Editora Terceiro Mundo, como pesquisadora, foi como se um sonho adolescente estivesse sendo realizado. É curioso, mas hoje no O Globo, os jornalistas dizem que eu trago na minha testa o brasão do Terceiro Mundo. Foi a melhor escola que eu podia ter tido."



Juliana Iottty

Redatora da Editoria Internacional de O Globo

"Junto com isso, há um pacote de horrores: desemprego crescente, pessoas que já não têm condições de entrar no sistema de produção, ou na estrutura de emprego, e que estão se sentindo esfaceladas, arrebentadas, destroçadas no seu cotidiano, sem sonho e sem futuro. E em escala monumental."

"Ao mesmo tempo, é preciso lembrar que, para muitos dos que hoje estão sentindo as benesses, a perspectiva também é dura. Talvez, tenham não mais que 15 anos de vida economicamente ativa."

"Ocorre hoje um redesenho de Planeta. Não só porque está sendo criado um novo tecido econômico, mas porque também está sendo criada uma nova configuração societária. Só que ela não é uniforme, ela é extremamente diferenciada, local por local. Surgem novos atores governamentais e empresariais e também novos atores societários. O problema é reconhecer o peso de cada um desses na sua interação, nas opções que se apresentam hoje e no que isso vai significar daqui a 10 anos, 15 anos, 20 anos - quando muitos desses atores já tenham per-

corrido suas possibilidades e outros estejam começando a ser agentes de mudança ou de consolidação e conservação."

"Vivemos hoje num processo de mexida muito forte. Então, não é um jogo acabado, não acaba o conflito, não acaba a imaginação, ao contrário - só que ela ganha outra dimensão, outro sentido, outros referenciais. Temos que ter a capacidade de discernir aqueles embriões e gestores de mudanças, identificar de que tipo sejam e perceber-lhes o sentido", propõe o pesquisador.

AMANHÃ: *espaços de manobra, possibilidades*

"Haverá forças, no jogo, que pretenderão modelar a transformação, orientá-la de uma determinada forma. E haverá outros que pretenderão fazer de forma diferente. A questão é saber que tipo de capacitações os diversos atores terão, ou procurarão ter, para fazer aquilo que lhes interessa."

"Vivemos hoje no ponto de entrada de uma nova definição do que sejam interesses societários", afirma Dreifuss.



Hong Kong

O capital é nervoso, apressado, gira aos bilhões a cada dia, do Oriente ao Ocidente. Impõe sua lei e abre os caminhos da própria multiplicação, sem respeitar fronteiras e prioridades sociais



Londres

"Já os interesses empresariais estão bastante claros: não são interesses de curto prazo, não são imediatistas. São de médio e longo prazos, manejando cinco, 10, 15, 50 bilhões de dólares; manejando um, dois, três, 15 trilhões de dólares para investimentos. Não estão trabalhando com imediatismo, estão desenhando o grande cenário e ficando as bases pretensas de grandes edifícios, que não precisam ser pesados, mas que têm que ser coisas muito sólidas ou dotadas de capacidade de serem flexibilizadas e transformadas permanentemente."

"Mas, do lado societário, não se têm essas certezas. Primeiro, porque há uma variedade societária emergente. No interior de cada um dos países, surgem novas configurações sócio-culturais - societárias, neste sentido - diferentes entre si, e que apontam para objetivos e sentidos diferentes. Mas, além disso, há as estruturas societárias de outros países, de outros espaços nacionais estatizados, que apontam para novos sentidos, para novas propostas que não permitem hoje ser alcançadas pelo absoluto dos parâmetros de referência. E alguns desses espaços societários são novos, configurados a partir destas novas realidades. Outros são antigos, reconicionados, sobreviventes de vários filtros políticos, militares, ideológicos, econômicos, e representam coisas muito antigas. Alguns, apresentando cruamente sua antiguidade, sua permanência, e outros tentando ajustar-se aos novos tempos."

"Não se tem hoje como desenhar o eixo da mudança, obter uma visão unívoca, a não ser que se caia no equívoco. Não se trata de um relativismo permanente, constante, absoluto, abrangente, porque, em algum momento, vai-se definir o que se quer como grupo, por cima do reconhecimento de que há outros que querem outras coisas."

"Então, vai-se procurar ampliar o espaço de realização daquilo que interessa. Haverá embates entre essas diversas opções, certamente. Esperamos que não sejam embates como a gente já viu alguns, e que ressurgem no que está ocorrendo na Argélia (NR: o terrorismo fundamentalista), ou na antiga Iugoslávia, e assim por diante."

"A revista cadernos do terceiro mundo é mais uma iniciativa vitoriosa de Neiva Moreira. Sua contribuição ao jornalismo foi sempre marcante pela criteriosa escolha dos assuntos e momentoso debate das grandes causas do nosso tempo. Neiva Moreira é um pioneiro, um patriota que sempre está na vanguarda da defesa dos interesses do Brasil."

José Aparecido de Oliveira

Político, ministro, governador, embaixador



"Os povos da União Européia não agüentam mais o pensamento único da globalização imposto pelas forças econômicas e financeiras internacionais. Vejam os resultados das últimas eleições na França, com a vitória de todas as forças de esquerda! Sei que cadernos está travando a mesma luta, para defender os interesses do povo brasileiro. Sou inteiramente solidário."



Edouard Bailby

Jornalista, colaborador de Le Monde Diplomatique

"Cadernos do terceiro mundo é para mim uma fonte obrigatória de referência sobre questões que a gente não encontra no jornalismo cotidiano. As informações são sempre fundamentadas em pesquisas feitas com inteligência e responsabilidade. Encontramos nessa revista aquilo que falta na imprensa diária."

Jaime Wright

Presidente da Fundação Samuel em São Paulo, coordenou o projeto "Tortura nunca mais"



"Cadernos do terceiro mundo representa um dos únicos espaços de debate sobre alternativas de poder político, econômico e cultural do ponto de vista do trabalhador. Quebra o monólogo dos grandes grupos de comunicação e oferece aos setores intelectuais, comprometidos com uma sociedade mais justa, a possibilidade de debate e reflexão. Vida longa para cadernos."

Américo Antunes

Presidente da Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj)

"Qual o sentido deste viver, qual o sentido deste espaço que se está gerando? Este tipo de preocupação hoje está acontecendo, porque os canais tradicionais são incapazes de representar as coisas desta forma. Partidos, sindicatos, etc., que são fenômenos mutuamente implicados com a emergência deste mundo corporativo e deste formato econômico, são incapazes de transcenderem a si próprios das raízes que os criaram e de se posicionarem em uma nova perspectiva, num novo sentido das coisas: pensar um novo modo de produção, para um novo modo de viver."

"Antes, politizavam-se as relações de propriedade, politizavam-se as questões de relação de produção. Agora, impõe-se politizar as formas de viver, o modo de viver. É preciso tornar isto um grande assunto de debate político. E, portanto, condicionar a isto o novo instrumental de produzir bens. É um novo desafio e aí, sim, de humanidade."

"Surtem condições de articular as populações de forma quase instantânea, em

não só uma, mas centenas de societarias. E em muitos casos atravessam fronteiras, não só porque exista uma identidade cultural do outro lado da fronteira, ou uma identidade étnica ou religiosa, ou uma nacionalidade que foi partida ao meio, por alguma razão. É porque há possibilidade e há necessidade da comunicação através da fronteira, pela própria escala do fenômeno, porque há fenômenos que são transnacionais, porque há construção de sistemas que são transnacionais, porque a produção e o comércio são transnacionalizados ou supranacionalizados."

"Além de funcionar nos seus perímetros, você terá que funcionar no perímetro da cidade, do vilarejo, do estado ou da província ou do departamento, do estado nacional ou da região, macrorregião ou do continente, e você terá que funcionar, em alguns casos, binacionalmente e, em outros casos, através do sistema nacional, porque afeta a você o que está acontecendo em outro lugar. E será preciso gerar instituições que sejam capazes

As pessoas se comunicam
mais facilmente, falam
melhor, vêem na hora
fatos distantes, surgem
facilidades para as tarefas

tempo quase real, para muitas outras. Surgem condições de criar novos espaços de representação, novos procedimentos, novas instituições, não somente físicas e localizadas centralizadamente, mas, em muitos casos, virtuais, só que concatenadas. São exercícios simultâneos de societaria, ao invés de cidadania. Não é uma questão de outorga da tua condição, a partir de uma cidade ou de um estado. Mas da sociedade que tem a capacidade de se outorgar a si própria o direito, porque detém hoje esse recurso. É uma societaria que está em curso de emergência,

Junto com isso, há os
horrores: desemprego,
pessoas esfaceladas,
destroçadas no cotidiano,
sem sonho e sem futuro

de gerir isto, para ter uma atuação efetiva, porque as corporações e governos estão agindo assim. Só a sociedade não age desta forma, mas começa a visualizar isso. E haverá, em algum momento, recurso para isto, à revelia dos governos, à revelia das corporações."

"Haverá capacidade societária de arregar informação, capacidade analítica, capacidade propositiva, para responder às demandas que são permanentemente novas. A cada momento em que você gera fatos novos, você está modificando o real", completa René Dreifuss.

Uma crítica do socialismo

Nº 200

A globalização aguça demandas sociais, para as quais o capital não tem respostas

Pensador marxista, autor de 15 livros - quatro dos quais publicados no Brasil - o professor e filósofo Adolfo Sánchez Vázquez esteve há poucas semanas no Brasil para uma série de conferências e debates. Espanhol de nascimento, mas radicado no México desde o fim da Guerra Civil Espanhola, recusa a idéia de que as mudanças políticas, econômicas e tecnológicas fizeram explodir e tornaram irrelevante a distinção entre direita e esquerda.

Para ele, permanece válida a agenda da promoção humana que continua a opor interesses entre os diversos atores sociais. Mas, adverte que a esquerda precisa esquecer o socialismo real soviético, que não ousou superar os limites do burocratismo.

"A distinção entre esquerda e direita continua necessária e válida. Com a esquerda, continua a identificar-se a luta por liberdades, justiça social, solidariedade, democracia, soberania e independência dos povos. Com a direita, mantém-se a identificação com

Adolfo Sánchez Vázquez

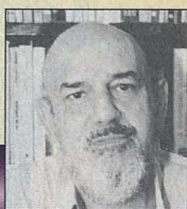
"Esta oportunidade me permite saudar o caráter progressista e democrático da revista cadernos, ressaltando seu empenho na defesa da soberania nacional. Gostaria de destacar ainda a importância da revista como um espaço democrático, aberto àqueles que são boicotados pela grande imprensa. Faço votos que a revista continue desenvolvendo a mesma linha de conduta."



Anita Leocádia Prestes

Historiadora e professora de História do Brasil na UFRJ

"Admiro a revista cadernos do terceiro mundo desde 1979, quando ainda estava no México. Durante todos estes anos, vem sendo a única revista brasileira de atualidade política internacional. É sempre uma referência de qualidade e confiável. Parabéns Neiva, Beatriz e toda a equipe."



José Maria Nunes Pereira

Centro de Estudos Afro-Asiáticos/Cândido Mendes

"A revista cadernos testemunha os problemas do Terceiro Mundo, que não estão sendo resolvidos até agora, apesar das declarações contrárias dos órgãos internacionais. A exploração do Terceiro Mundo pelos países ricos, através das transnacionais, demonstra que os países pobres não estão em vias de desenvolvimento. A exploração é mantida por acordos políticos lesivos aos povos pobres e apoiados, sempre que necessário, por intervenções militares."



Orlando Valverde

Geógrafo e presidente da Campanha Nacional de Defesa e pelo Desenvolvimento da Amazônia (CNDDA)

"Me agradam, antes de mais nada, o título e o projeto editorial da revista cadernos do terceiro mundo, porque de algum tempo para cá a expressão Terceiro Mundo tinha caído em desuso teórico. A revista mostra o contrário, mostra que existe um Terceiro Mundo, verdadeiramente, e uma especificidade política e ideológica."

Muniz Sodré

Professor de Comunicação Social da UFRJ

"A cobertura diária do Terceiro Mundo não é feita pelos jornais. A visão especializada de cadernos do terceiro mundo nos dá uma luz sobre áreas que são importantes."

Jamari França

Jornalista, Subeditor da Internacional do JB

objetivos que limitam as liberdades reais e reduzem a justiça social", define Sánchez Vázquez.

Atualidade

"Especificamente no Terceiro Mundo, a necessidade daqueles valores defendidos pela esquerda é hoje mais atual do que nunca. A globalização ou hegemonia das potências mundiais torna ainda mais necessária a luta pela soberania e independência dos povos do Terceiro Mundo, principal vítima dessa política de globalização."

"Na América Latina, especificamente, vimos que as ditaduras militares dos anos 60, 70 e 80 foram substituídas, na maioria dos países, por democracias puramente formais ou parlamentares, que continuam a sustentar políticas de desigualdade social profunda, o que impossibilita a verdadeira democracia. Em suma, nos países do Terceiro Mundo, as lutas por liberdade e justiça social são inseparáveis da luta por uma democracia real. Ao mesmo tempo, esta luta é também inseparável da luta pela soberania nacional e independência dos povos", assinala.

"O imperialismo não desapareceu. Não adota mais as formas da intervenção militar, embora não a descarte, como vimos, aliás, na década passada, com as invasões de Granada e do Panamá, para ficarmos só na América Latina. Hoje a intervenção se dá sobretudo por meios econômicos."

"A política econômica dos países do Terceiro Mundo" - continua o professor - "se realiza a partir dos grandes centros econômicos e financeiros das potências mundiais. Por isso, mais do que nunca, a luta pela justiça social e democracia é, para o Terceiro Mundo e a América Latina, em especial, uma luta pela soberania frente à política globalizante das grandes potências do capital."

Comunicação

O avanço do neoliberalismo se dá, ainda, destaca Sánchez Vázquez, por um engodo eleitoral. "Assistimos hoje, de forma mais clara, a contradição da política burguesa: o discurso progressista na campanha eleitoral e, depois, a prática conservadora e antipopu-

lar. Aliás, o fenômeno é antigo, pois já Marx aplaudia a decisão da Comuna de Paris de determinar a possibilidade de substituição dos representantes a qualquer momento, sempre que contradissem, na prática, os interesses coletivos, para defesa dos quais tinham sido escolhidos. Mostrar uma face na campanha e outra no governo é uma característica do jogo da democracia formal."

"Hoje em dia, este jogo de engano da direita pode ser realizado em escala avassaladora pelo uso dos meios de comunicação. Isto explica por que a maioria da população acaba votando contra seus próprios interesses. Desgraçadamente, as forças políticas de esquerda não têm a mesma presença nos meios de comunicação e encontra dificuldade em esclarecer o eleitorado. A esquerda, contudo, não pode desperdiçar os poucos espaços que se apresentarem, para mostrar a contradição entre o discurso eleitoral e a prática da direita."

Mercado e sociedade

"O neoliberalismo considera que o Estado deve ser mínimo e o mercado, máximo", critica o professor. "Mas, sabemos que há áreas que, para desempenhar adequada função social, não podem estar sujeitas às leis de mercado e exigem a ação do Estado. O bem-estar social, que envolve também questões econômicas, não interessa ao mercado - nem a cultura, a arte ou o meio ambiente."

"O desenvolvimento tecnológico sempre esteve associado ao desenvolvimento das forças produtivas e a mais benefícios para o capital. Mas o desenvolvimento tecnológico não se pode deter", lembra. "Sob o aspecto do trabalhador e da elevação da produtivi-



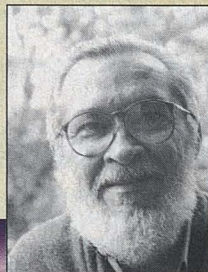
Os países pobres experimentam, mais uma vez, as consequências da reestruturação da economia mundial promovida em favor dos países ricos e das corporações transnacionais

A política econômica dos países do Terceiro Mundo é determinada pelos interesses das potências mundiais

dade, porém, o resultado é o aumento do desemprego. Já Marx considerou que o capitalismo precisa ter sempre à disposição uma massa de desempregados. Mas falava de desemprego temporário. Nosso atual desenvolvimento tecnológico, porém, está gerando um desemprego permanente para camadas cada vez maiores da população. É um desemprego estrutural. Uma parte da população trabalhadora jovem já não consegue empregar-se. Podemos supor que, ante a velocidade e a qualidade do desenvolvimento tecnológico, nos veremos ante massas imensas de pessoas sem ocupação, a maior parte da sociedade em desemprego permanente."

"O desemprego é um problema gravíssimo, que ao capital não interessa resolver", frisa Sánchez Vázquez. "A satisfação das ne-

"A revista é de tal forma importante que cheguei a escrever um livro sobre Neiva Moreira: Pilão da madrugada. Vejo que a importância de cadernos está no fato de ser o veículo capaz de tratar de forma didática os aspectos antropológicos, pedagógicos e políticos da realidade de países do Terceiro Mundo. A importância é tal que a revista deveria ser adotada por universidades. Já que não falamos o idioma espanhol, seria um importante fator de ruptura do isolamento que sofremos, quando procuramos por publicações que falem a respeito de países da América Latina."



José Louzeiro
escritor

"cadernos fez parte da minha adolescência, da minha vida como estudante e contribuiu muito para o meu esclarecimento em relação a questões pouco tocadas na grande imprensa. A publicação contribui para acordar muita gente em relação a questões sociais no mundo inteiro. Durante a minha estada na prisão, a revista continuou a contribuir para me manter informada sobre o que passava no Brasil e nos países do Terceiro Mundo. E a coluna do Neiva era obrigatória. Agradeço aos meus professores que me indicaram essa revista."



Lâmia Maruf
Ex-prisioneira política em Israel

"A revista cadernos do terceiro mundo, pela sua permanência, pioneirismo, coragem, ineditismo, abrangência, diversidade, profundidade, atualidade e respeitabilidade, transformou-se, nesses 200 números, em uma instituição e, como tal, fonte inigualável de referência, pesquisa, informação e formação de todos aqueles que, direta e indiretamente, militam na área das Relações Internacionais no Brasil e no Terceiro Mundo."

Arlindo Assumpção

Professor de Relações Internacionais da Universidade Estácio de Sá

"Parabenizo cadernos pelo significado maior da publicação, que é dar expressão aos diferentes aspectos das realidades dos países do Terceiro Mundo e da América Latina, em particular. A seriedade na abordagem dos assuntos também deve ser louvada, assim como o resgate dos valores essenciais da pessoa humana."

Aurélio Ruiz

Diretor do Centro de Informação das Nações Unidas no Brasil

cessidades sociais mínimas do conjunto da população não lhe diz respeito. O pouco desenvolvimento tecnológico na América Latina torna este problema ainda pouco sentido na maioria dos países. Mas as nações mais desenvolvidas da região, como o Brasil, México e Argentina, já se debatem com a questão e vêem suas ruas tomadas por desempregados que arrancam a sobrevivência em trabalhos informais e irregulares. É preciso explicar que não há solução para essa marginalização dentro do sistema do capital e do mercado soberano."

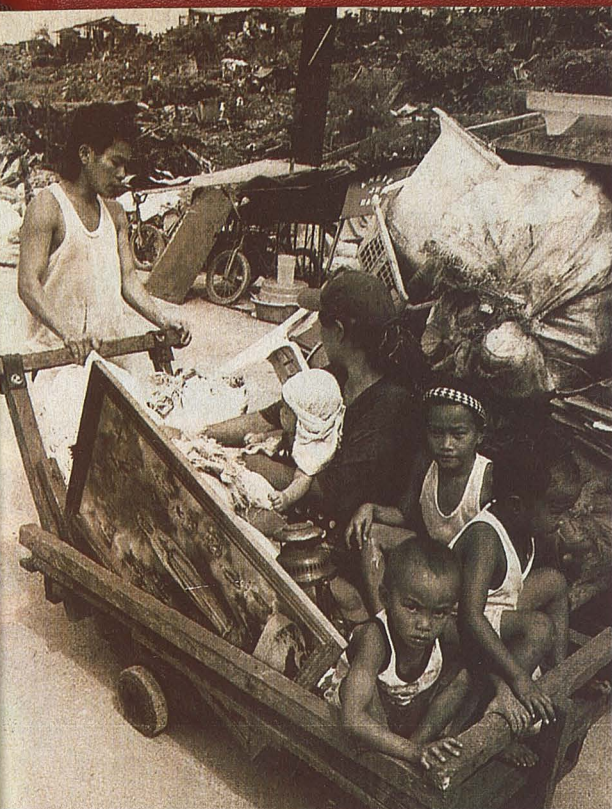
O homem, primeiro

O professor Vázquez aponta, aqui, a permanência da validade do ideal socialista. Somente o sistema de gerência social que leve em conta o interesse coletivo pode oferecer respostas adequadas àqueles desafios. E tal sistema envolve dar prioridade aos valores que os interesses dominantes do capital rejeitam ou põem em segundo plano.

O professor observa, porém, que o chamado socialismo real, a experiência soviética que se desarticulou no início desta década, não pode ser tomada como exemplo a ser seguido, devido aos aspectos burocráticos que lhe turvaram os objetivos. "Tornou-se um sistema burocrático não-capitalista, mas não chegou a ser um genuíno socialismo. Por quê? Porque os meios de produção não eram de propriedade social, pública, mas apenas estatal. E porque o Estado, unido ao Partido, não estava sob controle da sociedade. Em outras palavras, não era democrático. Não podia ser considerado socialista como o projetava Marx, que identificava socialismo com liberdade real e democracia real, não apenas aparente."

Sobre a China, o professor Vázquez destaca a necessidade de compreender a experiência dentro das características do país. Considera que o socialismo ali está ainda em construção e já resolveu problemas que a sociedade chinesa sofreu durante séculos, como a fome.

"Penso que o exemplo da China é de uma sociedade não-capitalista, mas ainda não plenamente socialista. Considero, no entanto,



Uma cena da Ásia, conhecida na África e nas Américas: a miséria como condição normal de vida

que deve ser visto de forma favorável, embora ainda não tenha alcançado o grau de democracia e liberdade que o socialismo exige."

Agenda necessária

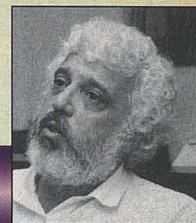
Na opinião do professor, a identificação com aquela experiência real soviética contribuiu para a crise do ideal socialista.

"Parece-me que a tarefa da esquerda e da esquerda revolucionária deve ser : primeiro, afastar-se criticamente do socialismo real, mas manter a permanente crítica do capitalismo; segundo, defender o socialismo como alternativa ao capitalismo. Embora o futuro do socialismo pareça obscuro no momento, a esquerda precisa defender o socialismo, mais do que nunca, como a alternativa social válida, valiosa, possível e realizável. É necessário organizar forças e lutar, cada dia", completa Adolfo Sánchez Vázquez.

(1) Adolfo Sánchez Vázquez é Professor Emérito da Universidade Nacional Autónoma do México. No Brasil, estão publicados *Idéias estéticas de Marx e Filosofia da práxis*, pela Editora Paz e Terra; *Ética e ciência e revolução*, pela Editora Civilização Brasileira. No recente giro brasileiro, participou do Simpósio Internacional sobre Pobreza e Revolução na América Latina, nas universidades federais do Maranhão e Santa Catarina

Nº 200

"A revista cadernos do terceiro mundo é um verdadeiro milagre. Conseguiu manter a postura independente, numa conjuntura mundial extremamente desfavorável, e abriu espaço, não só para informações alternativas àquelas com que a grande imprensa nos bombardeia todos os dias, mas, sobretudo, para um pensamento econômico, social e político voltado para os interesses dos povos dos países periféricos e dependentes."



Theotônio dos Santos

Coordenador da Pós-Graduação de Economia/UFF

"A revista cadernos do terceiro mundo é uma publicação que, ao longo dos anos, ao mesmo tempo teve um sentido informativo e polêmico importante, à medida que levava ao debate e participava dele. Também foi um espaço que divulgava informações que não eram encontradas com facilidade, permitindo, assim, que acompanhássemos determinados assuntos. Sem esta publicação, nem teríamos como tomar conhecimento sobre essas notícias. É uma revista que soube acompanhar as mudanças dos tempos. É um exemplo de persistência, porque, afinal, não faz parte da grande imprensa, não é uma publicação comercial."

René Armand Dreifuss

Coordenador do Núcleo de Estudos Estratégicos da UFF

"Neste país caipira, no qual os políticos vivem olhando para o próprio umbigo, a revista cadernos do terceiro mundo trouxe duas contribuições fundamentais: lembrou-nos de que somos uns dos países mais vulneráveis às influências dos países desenvolvidos e procurou ensinar a todos nós que, antes de mais nada, somos latino-americanos, com problemas, esperanças, ameaças e solidariedade iguais, quer falemos em português ou em castelhano. Influuiu para nos ensinar que fazemos um todo subdesenvolvido, mas que juntos teremos a possibilidade de superar os nossos desafios."

Márcio Moreira Alves

Colunista político de O Globo



"A revista cadernos do terceiro mundo é fundamental para a sociedade brasileira, que debate muito pouco as questões internacionais. A linguagem torna a publicação acessível a vários segmentos da população e não somente a setores especializados."

Sônia de Camargo

Professora do Instituto de Relações Internacionais da PUC-Rio



A crônica de uma ave

Q A resumida história de cadernos do terceiro mundo desde a repressão em Buenos Aires às lutas de libertação na América Latina e na África

Entrevista aos jornalistas Beth von Zuben, Marcelo Monteiro e Procópio Mineiro

inte e três anos e 200 números depois, **cadernos do terceiro mundo** continua a divulgar as causas e angústias daquela parte da Humanidade que apenas raramente frequenta a grande mídia. Mantém-se como janela necessária à reflexão política e social, a partir do ponto de vista dos que querem afirmar seus direitos negados e incluir-se no conjunto internacional, onde os interesses dominantes lhes têm reservado o lugar de excluídos ou marginais. Pretende-se um

espelho, onde esse mundo que abriga as dificuldades e as inquietações pode mirar-se, perceber-se e dimensionar-se.

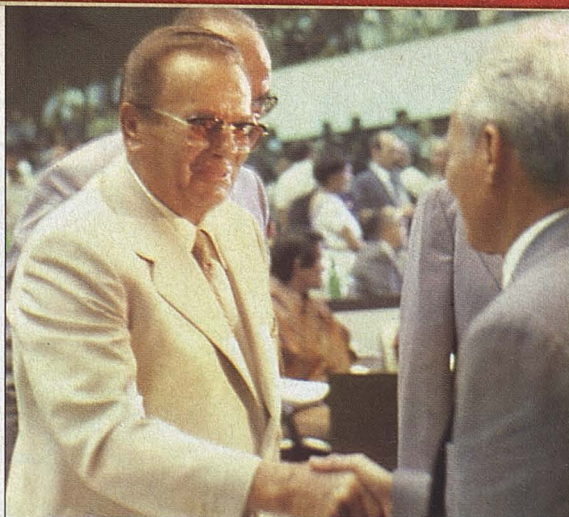
No retrospecto que faz no depoimento a seguir, seu fundador, Neiva Moreira, fala das origens e evolução de **cadernos do terceiro mundo**, onde se mesclam exílios, teimosia, ameaças e incertezas financeiras, mas também encontros, generosidades, identificações, confluências, solidariedade e a sempre cristalina certeza de que, mesmo que a digam estática, apesar de tudo "a terra se move."

entura

Nº 200

Foto Beatriz Bissio

Neiva Moreira testemunha a agonia libanesa, em 1982, e chega ao estádio Camille Chamoun, de Beirute, instantes após a explosão das bombas israelenses



Josip Broz Tito, a construção de uma Iugoslávia não alinhada



Gen. Velasco Alvarado, exército de visão popular no Peru

1973 Uma 'Time' de esquerda: um sonho em Argel

"Muitos jornalistas de diferentes países tinham o desejo de fazer uma publicação que pudesse ampliar a informação sobre fatos que estavam se processando em todos os continentes. Nos estimulou o exemplo da revista *Afrique-Asie*, publicada em Paris por um jornalista muito ligado aos assuntos do Terceiro Mundo, Simon Malley. Na América Latina havia um grande vazio em relação à informação sobre as lutas no nosso próprio continente, e, claro, também em relação à Ásia e ao Oriente Médio.

Na Conferência do Movimento de Países Não-Alinhados de Argel, em 1973, havia um número considerável de jornalistas do Terceiro Mundo. Foi uma conferência admirável, que hoje é estudada nas universidades como um marco nas lutas dos povos emergentes. Lembro que uma tarde, num intervalo dos debates, fiquei olhando aquela gente toda e conversando com um jornalista da Etiópia. Comen-

távamos que éramos ali quase mil profissionais, todos com vinculação a um grande meio de comunicação, mas não tínhamos capacidade de fazer uma publi-

cação que nos unisse e nos permitisse uma expressão coletiva. Num momento, sugeri: quem sabe devamos pensar em fazer uma *Time* de esquerda? O etíope achou muita graça. E eu também. Mas isso não impediu que com os jornalistas brasileiros Paulo Cannabrava e João Quartim, então em Argel, continuássemos a idealista conversa sobre o assunto.

1974 Explodem banca: é a clandestinidade

De Argel, fomos, Beatriz e eu, para o Peru. O motivo da viagem era pesquisar o que se passava com o processo iniciado pelo general Velasco Alvarado. Com o material recolhido escrevi o livro *Modelo peruano* (editado em espanhol pela La Línea, em 1974, e posteriormente publicado em português em Lisboa e no Brasil). Tratava-se de uma análise do militarismo de esquerda e sua incidência no processo social latino-americano. Do Peru, fomos para Buenos Aires, pois já não era possível retornar ao Uruguai, onde tinha estado asilado desde 1965: dera-se o golpe militar de direita e o livro *Modelo peruano* era considerado um incitamento às correntes de esquerda das Forças Armadas latino-americanas. Fui por isso submetido a investigações pelos militares uruguaios.

Na Argentina, acontecera o retorno do general Juan Perón. Vivia-se em democracia e dava-se abrigo a perseguidos políticos de outros países. Consegui virar colaborador no jornal *Notícias*, ligado à ala esquerda do peronismo e com alguma afinidade com os Montoneros. Lá, escrevi uma série de artigos





Gen. Nguyen van Giap, derrotando a superpotência no Vietnã



Saddam Hussein e o projeto de desenvolvimento econômico do Iraque

sobre as guerras de libertação das colônias portuguesas na África. A repercussão foi grande e, em seguida, fui convidado a fazer várias conferências sobre a guerra anticolonialista.

Uma noite, o editor da seção internacional de *Notícias*, Pablo Piacentini, nos convidou para jantar e manifestou concordância com o nosso desejo de fazer uma revista internacional, que pudesse cobrir os movimentos de libertação e as lutas dos povos do Terceiro Mundo. Nascia a revista *Tercer Mundo* - assim se chamou, até ser refundada no México, em 1976, já com o nome de *Cuadernos del Tercer Mundo*. Beatriz Bissio, uruguaia, Pablo Piacentini e Júlia Constenla, dona da editora La Línea, ambos argentinos, e eu fomos o grupo fundador da revista.

O lançamento de *Tercer Mundo* foi um fato político de grande relevância, com a presença de embaixadores, escritores, políticos e jornalistas. Mas, curiosamente, exceto *Notícias*, a imprensa de Buenos Aires ignorou o acontecimento, embora Piacentini fosse muito bem relacionado no meio jornalístico. De qualquer maneira, a revista foi um êxito muito grande e chegamos a vender, rapidamente, 16 mil exemplares na capital argentina.

O país, contudo, já caminhava de volta à ditadura, após a morte de Perón e a subida ao poder de sua viúva e vice-presidente, Isabelita Perón. O governo de Isabelita degenerou, dominado pela direita brutal, e traíndo Perón e o peronismo. Virou, na prática, uma ditadura ainda que sob a fachada constitucional.

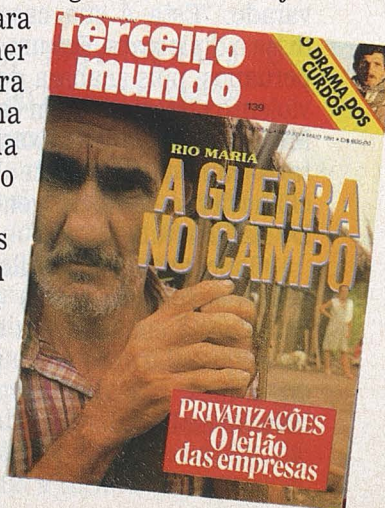
Logo começaram as pressões contra a revista, como intimidar os jornaleiros que vendiam a publicação. Um banca chegou a

ser destruída a bomba. Fomos advertidos para sair do país. Pablo Piacentini constava da primeira lista de condenados a morte pela Tríplice A, a Aliança Anticomunista Argentina, grupo de extrema-direita manobrado por José López Rega, o *Bruxo*, conselheiro de Isabelita e seu guru espiritual.

Piacentini asilou-se no Peru. A revista tornou-se praticamente clandestina e a dona da editora, Julia Constenla, teve que se esconder numa casa perto do El Tigre, nos subúrbios. Uma noite, telefonou-me um diplomata cubano e me disse: "Neiva, você tem que sair já da Argentina, porque está na lista da Tríplice A". A mesma advertência foi feita ao general chileno Carlos Pratts, que lamentavelmente morreu poucos dias depois, num atentado a bomba, no centro de Buenos Aires, junto a sua mulher.

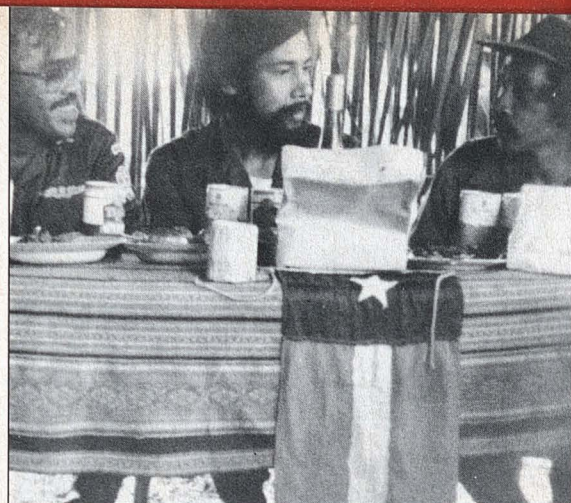
O general tinha sido ministro da Defesa do governo socialista de Salvador Allende e asilou-se na capital argentina, após o golpe dirigido pelo general Augusto Pinochet, em setembro de 1973. Amigos tinham arranjado passagens para que ele e a mulher viajassem para Caracas. Mas, na véspera da viagem, ocorreu o atentado.

Em poucos meses foram assassinados muitos outros asilados, entre eles o major brasileiro Joaquim Pires Cerveira, líderes políticos





Samora Machel, líder da independência de Moçambique



Xanana Gusmão, pela liberdade de Timor Leste

uruguaios, como o senador Zelmar Michelini e o último presidente da Câmara de Deputados, Héctor Gutiérrez Ruiz, e o ex-presidente boliviano, general Juan José Torres.

Passamos a vagar de hotel em hotel, até que fomos localizados. Numa madrugada, por volta das três horas da manhã, apareceram no quarto uns cinco brutamontes armados com metralhadoras. Foram diretos. Disseram que éramos muito odiados no Brasil e indesejáveis na Argentina. Tinham todas as condições para resolver tudo ali, mas não queriam confusão por causa de um brasileiro. Assim, nos davam seis horas para deixar o país.

Sem documentos de viagem - a ditadura brasileira nunca deu passaporte aos exilados - buscamos, imediatamente, refúgio na embaixada do Peru, no bairro de Palermo. Num cantinho, mas já dentro da representação, aguardamos a chegada do embaixador, amigo do presidente Velasco Alvarado. "Esta é sua casa. Você fica aqui", disse o diplomata. Era um dia trágico para os peruanos, pois acabara de ocorrer em Lima violento terremoto, com centenas de mortos. Mesmo assim, o embaixador conseguiu contato com o presidente Velasco e com o chanceler, o também general Miguel Angel De La Flor Valle.

Concederam-nos asilo, passaporte, bilhete de viagem. Meses depois, o general Velasco me confidenciou que o embaixador teve que dar dinheiro para os policiais argentinos, que queriam me seqüestrar na hora do embarque.

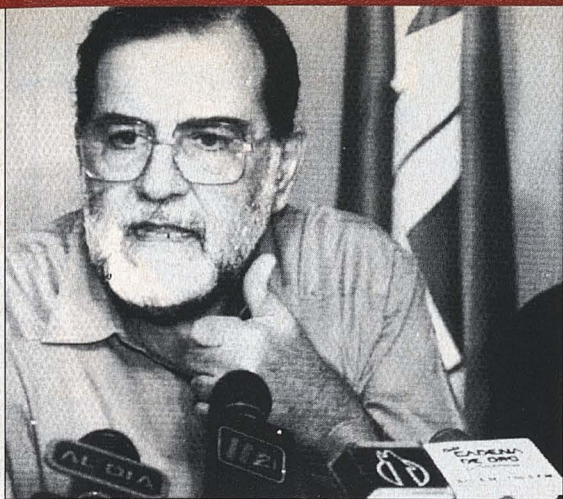
1975 Bispo foi correio: o projeto sobrevive

Júlia Constenla ficou em Buenos Aires, clandestina. Ainda chegamos a fazer umas três edições da revista, em condições muito adversas. Ela mandava pessoas a Lima, a buscar os originais dos artigos que seriam publicados. Um dos pombos-correios que levou material, de Lima para Buenos Aires, foi o ex-bispo de Avellaneda, D. Jerónimo Podestá, conhecido por suas posições progressistas e que tinha deixado a Igreja e se casara. Uma vez, a própria Constenla fez a arriscada viagem.

Mas logo tornou-se impossível fazer a revista no Peru e imprimi-la e comercializá-la na Argentina. Tivemos que interromper a circulação. O general Velasco, que tinha nos convidado para assessorá-lo em questões de imprensa, apoiava o projeto, mas sugeria que editássemos a revista em outro país. "Partilho os ideais de *Tercer Mundo*, gosto muito da revista, mas aqui não dá para publicá-la. Os 'clientes' de vocês são as ditaduras dos países com os quais o Peru tem fronteira e lhes daríamos mais um motivo, além das diferenças ideológicas que nos separam, para nos hostilizar", disse.

Curiosamente, em Lima, onde não foi possível editar a revista, nasceu a idéia do *Guia do Terceiro Mundo*, a partir de uma série de reportagens e fichas sobre as nações em desenvolvimento que publicamos na imprensa local por ocasião de uma Conferência dos Países Não-Alinhados realizada na capital peruana.

A idéia foi do próprio general Velasco, que pretendia dar aos peruanos uma informação maior sobre os não-alinhados e nos



Shaffick Handal, da FMLN, por El Salvador



Yasser Arafat, a afirmação da identidade palestina

encomendou o trabalho. Ocorreu então um episódio curioso. Um esperto jornalista argentino conseguiu cópias de nossas fichas e com elas produziu um guia - editado como se fosse um trabalho seu - em Buenos Aires. Em vez de uma batalha judiciária sem horizontes, preferimos aproveitar a idéia e fazer o nosso *Guia*, que veio a circular anos depois, quando já nos encontrávamos no México.

Ainda no Peru, o jornal *La Crônica* nos contratou para cobrir a Revolução dos Cravos, o movimento militar que, em 25 de abril de 1974, acabou com quase 50 anos de ditadura salazarista em Portugal. Chegando em Lisboa fui convidado para fazer uma conferência para a guarnição da Base Aérea do Aveiro sobre o modelo revolucionário peruano, que despertava grande interesse naquele país. O capitão brasileiro exilado, Altair Campos (ver depoimento anexo), era nosso correspondente em Lisboa e facilitou muito os contatos com os capitães revolucionários portugueses.

De lá, a convite, fomos cobrir a independência de Angola e Moçambique. Acabamos indo também à Somália, levados pelo próprio presidente Siad Barre, à Tanzânia, Madagascar e só voltamos para casa, no Peru, seis meses depois. Desse giro africano, resultaram os primeiros contatos para a edição portuguesa de *cadernos*. O estímulo inicial partiu de Agostinho Neto, o líder revolucionário e primeiro presidente de Angola. Logo abrimos uma sucursal em Lisboa, com Altair, Josué Guimarães e vários outros companheiros.

Foi um período fecundo o que passamos no Peru, com essa extensão para Portugal e para as novas nações africanas de língua portuguesa - Angola, Moçambique, Cabo Verde,

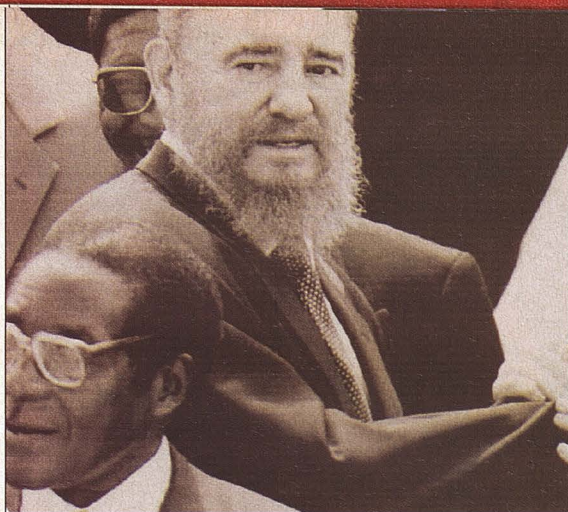
Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe. Foi nessa altura que também consolidamos o relacionamento com os movimentos democráticos do continente africano, em particular com o Congresso Nacional Africano (ANC), de Nelson Mandela. A partir daí tivemos condições de denunciar, com informações de primeira mão, as atrocidades do *apartheid*.

Enquanto estávamos na África, aconteceu no Peru, em agosto de 1975, um golpe de Estado. Muito doente, o general Velasco Alvarado tinha sido deposto pelo seu primeiro-ministro, o general Morales Bermúdez, que, apesar da promessa de continuar com o processo, logo demonstrou que o seu projeto era outro. Tivemos que sair de lá. O novo governo do Peru tinha me dado um prazo muito exíguo para encontrar outro destino, caso contrário me despejaria no Brasil, de volta. Fomos parar no México, para onde Beatriz saiu primeiro, com a missão de me arranjar um visto de entrada. Já no limite do prazo para deixar o Peru, consegui viajar.

1976 México: movimentos de libertação elegem a revista

No México não encontramos empecilhos políticos para fazer a revista. Tínhamos alguma publicidade local e editamos, pela primeira vez, o *Guia do Terceiro Mundo*, hoje produzido em espanhol e inglês em Montevideu, pelo Instituto do Terceiro Mundo, dirigido pelo jornalista Roberto Bissio, um companheiro da primeira hora, e sua equipe.

Em poucos anos, *Cuadernos del Tercer Mundo* se fizera conhecida por todos os movimentos de libertação da América Latina, da África, da Ásia, o que a tornou uma espécie



Fidel Castro, de Cuba, e Robert Mugabe, do Zimbábue



Agostinho Neto, a luta contra o colonialismo

de porta-voz de todos eles.

Uma informação correta e justa sobre a Revolução Cubana, há mais de 30 anos perseguida pelos Estados Unidos, permitiu que muitas pessoas alcançassem avaliação adequada daquela extraordinária gesta histórica. Em mais de uma ocasião, pudemos entrevistar Fidel Castro. Publicamos, Beatriz e eu, o livro "*Cubanos na África*", sobre a notável cooperação civil de Cuba ao desenvolvimento dos países africanos, independentes ou em processo de libertação.

Guardo dessa época depoimentos emocionantes. Um deles foi a carta de um comandante da Unidade Revolucionária Nacional Guatemalteca (URNG), a organização que reúne os diferentes grupos guerrilheiros do país, contando que a revista era texto obrigatório dos seus seguidores. Dizia que era confortador ver os guerrilheiros nas montanhas, à noite, à luz de vela, lendo *Cuadernos* e informando-se politicamente, ao mesmo tempo em que os que não sabiam ler alfabetizavam-se através dos seus artigos.

A Frente Farabundo Martí de Libertação Nacional (FMLN), de El Salvador, a coligação de todos os movimentos guerrilheiros desse país centro-americano - que hoje governa na capital do país, já constituída em partido político legal -, consolidou o seu nascimento através da revista, no México. Com a coordenação do professor Theotônio dos Santos e do sociólogo Herbert de Souza, o Betinho, foi organizada uma reunião, na nossa sede, com todas as correntes da esquerda armada salvadorenha, que tinham muitas dificuldades para chegar a um acordo. Desse debate, nasceu a FMLN.

Nesse período, também nos engajamos na luta pela desocupação do Canal do Panamá pelas tropas norte-americanas. E

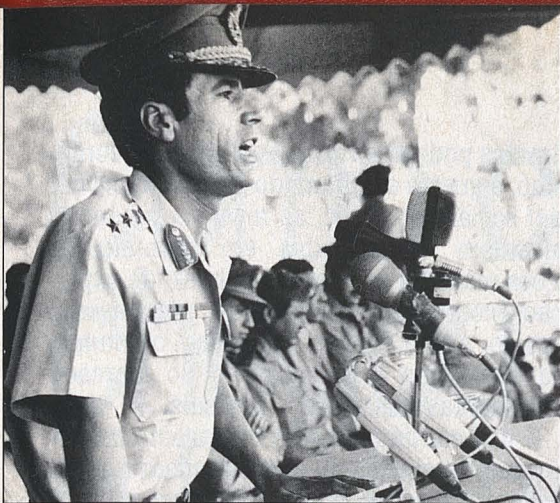
fizemos boa relação e entrevistamos, reiteradamente, o líder dessa cruzada, o general Omar Torrijos, uma das lideranças mais interessantes da América Latina naquela altura.

A Frente para o Timor Leste Independente (Fretilin) encontrou em *cadernos*, desde o primeiro instante, em 1975, a acolhida à cobertura de sua luta contra o invasor indonésio. A causa de Timor Leste foi durante anos uma guerra esquecida, menos para *cadernos* e seus leitores. O chanceler da Fretilin, Mári Alkatiri, hospedou-se conosco várias vezes, assim como Roque Rodrigues, atual embaixador em Angola, e foram numerosos os encontros com José Ramos Horta, hoje Prêmio Nobel da Paz - junto com o bispo de Dili, D. Carlos Filipe Ximenes Belo - pela luta em favor de seu povo.

Da mesma forma, em Argel, Túnis e Madri tivemos contatos muito amplos com líderes da Frente Polisário, que até hoje luta pela independência do Saara Ocidental, ex-colônia espanhola na África, ocupada pelo Marrocos. No México, nossos escritórios serviram de base de trabalho para os saarauís, antes que eles tivessem condições de abrirem as próprias representações diplomáticas.

1980 De volta ao Brasil: fidelidade aos objetivos

Cadernos do terceiro mundo foi, também, um instrumento importante na correta informação sobre a luta do povo palestino. Estivemos várias vezes no Oriente Médio e nos encontrávamos em Beirute no dia da invasão israelense, em 1982. Entrevistamos lideranças árabes e palestinas, entre elas naturalmente Yasser Arafat, com quem estivemos em mais de uma oportunidade, no Líbano, Tunísia, Argélia. E ampliamos o



Muammar Kadhafi, pelo desenvolvimento líbio



Nelson Mandela, a luta contra o racismo

nosso trabalho, estabelecendo conexões com correntes israelenses que, embora na altura pouco conhecidas, já lutavam - como o fazemos ainda - pela paz justa com os palestinos.

A revista cumpria, assim, seu destino.

Com a abertura política e a anistia, voltamos ao Brasil. A sede da revista passou a ser o Rio de Janeiro. Tínhamos, a partir de então, a edição brasileira, a edição portuguesa, a em espanhol e a edição em inglês (*Third World*, surgida no México) de **cadernos** e o *Guia do Terceiro Mundo*. No Brasil, continuamos a enfrentar tempestades, mas sempre avançamos. A decisão política nos mantém vivos, nesta difícil trilha em que tantos outros projetos semelhantes sucumbiram.

É comum ouvir que hoje se vive momento difícil para a esquerda. Na verdade, já houve momentos piores. Os atuais acontecimentos na Europa, com a França e a Grã-Bretanha à frente, apontam nessa direção. E durante todo esse tempo, a nossa revista foi, de certo modo, um guarda-chuva, onde todas as lutas encontraram espaço para se exprimir. Aos olhos de hoje, éramos publicação engajadíssima. De fato, nunca pretendemos alardear a pretensa objetividade de que se gaba a grande imprensa, aparentemente neutra, mas jamais neutra de verdade. O engajamento na luta dos oprimidos sempre nos deu muita autenticidade. Naqueles anos difíceis, que custavam sangue, suor e lágrimas, nunca fizemos questão de dizer que estávamos sendo isentos, neutros. Nós nos engajávamos, assumíamos a justiça das causas. Isto pode ser, aos olhos de alguns, um defeito da revista. Mas, olhando para trás, acho que era o papel que nos cabia. Ajudamos a abrir os olhos de muita gente sobre problemas que não encontravam espaço ou eram deturpados na grande imprensa. Citávamos sempre,

para justificar nossa posição de engajamento diante da injustiça, a frase de um estudante italiano: "Nos queremos neutros, para que sejamos cúmplices."

1997 Mais do que nunca, um papel a cumprir

Hoje, as metas da revista se mantêm como antes. Só mudou o estilo da luta; a essência é a mesma. Naquele momento, o ponto culminante era a questão da descolonização, guerras de independência da África, do Oriente Médio, reconstrução do Vietnã. Tivemos a sorte de estar presentes nos grandes momentos dessa lutas.

E, na América Latina, o tema eram o combate às ditaduras e os movimentos revolucionários que enfrentavam a repressão na Guatemala, Honduras, Colômbia, El Salvador, Venezuela e, sobretudo, na Nicarágua. Lá a revista desenvolveu um relacionamento muito fraterno, muito íntimo, com os dirigentes da Frente Sandinista de Libertação Nacional. E denunciávamos também as ditaduras no Chile, Uruguai, Peru, Argentina, Brasil, Bolívia. Em todos esses países se desenharam grandes lutas, das quais **cadernos do terceiro mundo** participou ativamente, como fonte de informação e como incentivadora do debate.

Por que estas lutas? Eram guerras pela independência e pela soberania, mas também por democracia verdadeira e em favor dos excluídos, fossem nações ou pessoas.

Hoje, a luta é a mesma. Mudaram os cenários, as propostas diferem, mas os objetivos são os mesmos. As grandes potências capitalistas mais uma vez buscam impor suas pautas às nações menos desenvolvidas. Naquele tempo, época de Guerra Fria, a ban-

"Era 1974, era Buenos Aires, era um outro tempo e Terceiro Mundo estava nascendo. Lembro de Neiva Moreira vestido num paletó de couro marrom naquele inverno afiado, reunindo gente, e lembro a revista aparecendo. Pela primeira vez, alguém do lado de cá - o nosso lado - lançava uma publicação para tratar de nós a partir do próprio título: o Terceiro Mundo, o Sul. Nós.

Durou pouco em Buenos Aires: dois números. E o exílio de novo. Para Neiva, tudo bem: já era veterano. Veio a anistia no Brasil e, com ela, Neiva Moreira enfim voltou. Já não precisava mais do casaco de couro: o inverno do Rio de Janeiro é manso. Neiva trouxe, com ele, a revista, que apareceu em sua edição brasileira em julho de 1980. Era o número 23, de puro combate e resistência. Vieram, depois, outros 177 - e chegamos aos 200. Que são 200 números de pura teimosia. Dizem que o mundo mudou, mas não para o nosso lado.

Continuamos Terceiro Mundo, continuamos Sul, continuamos basicamente a acreditar nas mesmas coisas. Uma de minhas alegrias é essa: ter vivido e ter tido consciência, desde sempre, de que esse nosso Terceiro Mundo é responsabilidade de cada um de nós. Uma alegria que, às vezes, dói. Mas que é preciso defender. Com a mesma teimosia daquela velha Terceiro Mundo surgida num inverno de esperança, muito frio, e com Neiva de paletó de couro marrom."



Eric Nepomuceno

Secretário de Projetos Especiais do Ministério da Cultura

"Recebam os cumprimentos da presidência, jornalistas e demais trabalhadores da Agência de Notícias Prensa Latina, por ocasião da publicação do número 200 de cadernos do terceiro mundo, que constitui um formidável exemplo de perseverança e de esclarecimento da verdade de nossos povos marginalizados e subdesenvolvidos. Felicitações e avante!"

Lídice Valenzuela

Diretora da Prensa Latina no Brasil

"Aproveitamos a oportunidade de lançamento do número 200 da revista cadernos do terceiro mundo para ressaltar a sua contribuição na trajetória e constituição do Núcleo de Estudos da América Latina (Neal), da Universidade Federal do Maranhão, como um organismo informativo e formativo de suas equipes de

Roberto Mauro Gurgel Rocha

Coordenador da Equipe do Neal/UFMA

deira dos poderosos era a luta contra o comunismo, a guerra do chamado mundo livre contra o socialismo. Hoje, as mesmas potências continuam empenhadas em dominar as nações mais fracas e fazê-las objeto de exploração econômica. Mudaram as práticas e o discurso. Agora é o neoliberalismo, o domínio pela tecnologia e globalização do mercado mundial. Mas a essência é a mesma.

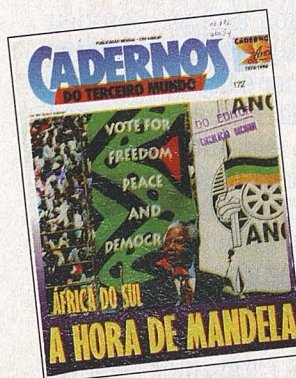
E nós continuamos na luta, como estivemos no primeiro momento. Desafiados agora pelo fato das novas gerações estarem vivendo uma época fascinante, atraídas por valores novos, dispondo de meios de comunicação dotados de rapidez impressionante. (Que muitas vezes não nos deixam nem margem para a reflexão.) Tudo isso está forjando novos instrumentos de raciocínio e de lutas. E **cadernos do terceiro mundo** tem que se engajar nesse novo cenário.

Os jovens devem usar todos esses elementos com independência. O importante é que eles ganhem uma visão da sua independência, da sua inconformidade ante a injustiça.

Não podem dormir tranquilos, enquanto o nosso país for injusto e tantas nações do mundo atravessarem dramas semelhantes, com massas populares cada vez mais abatidas pela desesperança e excluídas não só do poder como das mínimas facilidades da vida.

Nosso país atravessa grande crise de direção política, todas as nossas instituições estão sendo atingidas pelo vendaval da descrença e do questionamento.

A geração que está chegando tem um papel decisivo a desempenhar, com seu entusiasmo, energia e patriotismo. E a ela aspiramos a influenciar, com nossas publicações, como **cadernos do terceiro mundo**, contribuindo para a sua formação de cidadãos do século XXI", assinala Neiva Moreira.



Como cadernos chegou a Portugal e África

Nº 200

A Revolução dos Cravos e a independência dos países lusófonos africanos propiciaram o novo ciclo da revista

Altair L. Campos

Começou em Lisboa, dezembro de 1974. Cheguei de Lima, Peru, como correspondente de *Cuadernos*. A tarefa, específica, definida por Neiva Moreira, era passar - tentar, pelo menos - uma visão terceiro-mundista da Revolução dos Cravos. Afinal, como consequência dela, países novos estavam por nascer: Angola, Moçambique, Guiné-Bissau, Cabo Verde e São Tomé e Príncipe. Trazia na bagagem algumas relações de amizade, cultivadas na Argélia em fase do exílio, com combatentes pela independência do Portugal de Além-Mar. Chegava de um país, onde militares tentavam fazer a Revolução, a um outro, onde militares tinham feito realmente uma revolução. Era um contexto peculiar para um ex-militar que se metia a jornalista, fazer parte da elitista comunidade de fazedores de opinião, assim pensava eu.

Meu primeiro e feliz contato com o Movimento dos Capitães foi com Pedroso Marques, que era major, e com dez anos de exílio no Rio de Janeiro. Atenção e carinho com carregada gíria e entonação de Ipanema. E todas as portas me foram por ele



Altair: entrando no combate pela palavra, com a revista em português

abertas a partir do Ministério da Comunicação Social (e também da Cultura), onde o major era um pouco de tudo, de combatente revolucionário e quadro de altíssimo nível, a paixão de brasileiros expatriados. Vi-me prazerosa e completamente envolvido, às entranhas, no processo vivido por um país que, libertando-se, permitia o nascimento de outros cinco países. Os portugueses me fizeram de novo capitão.

Neiva Moreira e Beatriz Bissio chegam em outubro de 75. Insaciáveis jornalistas militantes, queriam viver o que acontecia e aquilo que se renunciava, a realização dos sonhos, próprios e de todos os sonhadores da utópica humanidade livre. O sonho da liberdade. Juntos choramos na ex-Lourenço Marques, no dia em que a cidade se transformava em Maputo, sob chuva, e os olhos



México, 1976: no lançamento de *Cuadernos*, Luis Suárez, jornalista mexicano, Carnero Checa, presidente da Felap, e Neiva Moreira



Lisboa, 1978: Pablo Piacentini e Altair Campos no lançamento da edição lusitana

muito molhados - e não pela chuva - quando a coloridamente africana bandeira de Moçambique independente substituiu a de Portugal. É a partir de Maputo que ambos dão início a seu particular e especial périplo africano.

Tempos de mudanças

Novamente em Lisboa, tempos agitados correndo em pleno Prec, Processo Revolucionário em Curso, no jargão da esquerda portuguesa, contatos são refeitos. Aquele barbudinho, tratado com deferência e carinho na casa de Madalena e Miguel Arraes, em Argel, agora é o presidente da República de Moçambique, Samora Machel. O seu acompanhante e assessor, Joaquim Chissano, é ministro de Negócios Estrangeiros. O branco e de olhos claros Jacinto Veloso, parceiro de biriba em domingos disponíveis, é ministro de Negócios Internos. Paralelamente, Lúcio Lara está à frente do MPLA em Angola, secundando o presidente Agostinho Neto; Iko Carreira chefia o Estado-Maior das Forças Armadas angolanas; Vasco Cabral é ministro do Planeamento em Guiné-Bissau; Pedro Pires é primeiro-ministro em Cabo Verde, e, passe-me a memória, tantos outros em cargos políticos de expressão.

No início de 78, a caminho da África e do Oriente Médio, novamente em Lisboa, Neiva e Beatriz. Do reencontro, conversa amena e relembrar coisas no início, a convocação: com Josué Guimarães, na época correspondente do *Correio do Povo*, de Porto Alegre, e Arthur Baptista, militar português, viabilizar o lançamento dos *cadernos do terceiro mundo*, a primeira edição em português da *Cuadernos* que continuava a ser editada e com sede no México. Argentina, Peru, México, e

agora, da Península Ibérica para a Europa e a África e - quem sabe? - o mundo. Algum constrangimento, é claro, diante dos companheiros de empreitada. O saudoso Josué já era escritor de renome, gozando da intimidade de um Érico Veríssimo, por exemplo, com um sólido e honesto passado político. O coronel Baptista, verdadeiro amigo das primeiras horas, culminara sua carreira na função de chefe do Estado-Maior do Comando Operacional do Continente (Copcon), simplesmente o braço armado da Revolução dos Cravos. Um herói do 25 de Abril. O vendedor era de alto nível. Compramos mais um sonho, e acordados iniciamos uma nova caminhada com algumas correções de percurso.

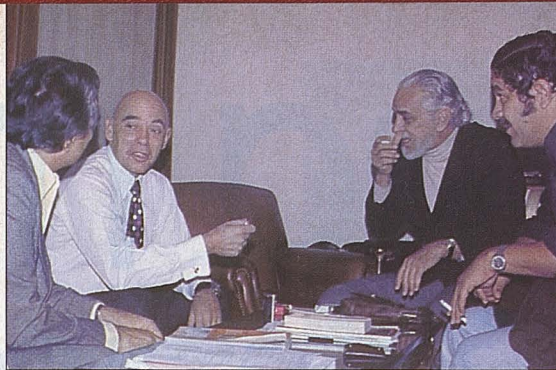
O editor de Josué cobrou-lhe mais um livro e, pela concentração que a obra exigia, desfalcou-se a equipe e enriqueceu-se a literatura brasileira. Foi na sua casa em Cascais, arredores de Lisboa, junto ao Estoril, que Josué Guimarães escreveu *Os tambores de bronze*. Guardo com muito respeito e carinho o exemplar por ele ofertado com tocante e especial dedicatória, onde associa os *cadernos* e o livro.

Com o afastamento de Josué, formula-se um novo grupo, com um jovem jornalista português, Baptista da Silva, hoje nome de respeito na imprensa portuguesa, e um também jovem e irrequieto brasileiro, correspondente do *Le Monde Diplomatique*, de codinome Marcelo Dias, que veio a ser nosso primeiro chefe de redação. Salvo erro meu, foi sob esse pseudônimo que Alfredo Sirkys começou a escrever *Os carbonários*, ainda em Portugal. Vereador e secretário do Meio Ambiente da cidade do Rio de Janeiro em legislaturas passadas, Alfredo dá hoje vazão à sua inquietude em ativa e operosa militância pela causa verde.





Brasil, 1980: na ABI, lançamento da edição brasileira, em ato presidido por Barbosa Lima Sobrinho



Cel. Arthur Baptista, alm. Rosa Coutinho, um dos líderes da Revolução dos Cravos, Josué Guimarães e Altair

Ajudando a pensar

As responsabilidades da equipe foram estabelecidas *a priori*. Cabia-nos traduzir as matérias vindas do México e, se necessário, atualizá-las, quando não ocorria a simultaneidade de lançamento das duas edições. A busca de notícias e matérias sobre a África competia-nos em parte, tendo Neiva conseguido transformar-nos um pouco naquilo que sempre foi: andarilhos-peregrinos em busca da nossa verdade. De Lisboa a Roma com Pablo Piacentini, a Maputo com o saudoso Wilfred Burchett e a Havana com Eric Nepomuceno. De ressaltar a importantíssima participação da InterPress Service (IPS) na troca de correspondência e envio de material de redação, com excepcionais trabalho e militância. À frente da sucursal lisboeta, o jornalista-guerrilheiro Mário Osava, também colaborador incansável da revista, hoje responsável pela sucursal brasileira da agência.

Noitadas familiares em Lisboa, muitas, quando Vanize e Elizabeth, comigo e Arthur, em vez de queijos e vinhos, serviam-nos - e serviam-se de - traduções, muitas traduções.

O mais gratificante veio com os primeiros números editados. Nossos **cadernos** foram adotados como fonte de informação e formação, inicialmente pelas Forças Armadas de Angola, daí prosseguindo sua utilização em Moçambique, Guiné-Bissau e Cabo Verde, desta vez no aprimoramento da formação política de quadros. Cresceu em muito nossa responsabilidade.

Em Portugal ficou um pedaço de todos nós, nas responsáveis e acolhedoras mãos de Beth e Arthur Baptista.

Agora, o Brasil

Tempos de anistia no Brasil. Da nossa luta externa pela libertação de presos políticos à onda democrática levantada por todos

no Brasil. Com lentidão e gradualidade, tudo bem. Em 1979 estamos de volta ao nosso país, ao Rio de Janeiro. Emoção, lágrimas, risos, reencontros e desencontros, tudo vivido com o pesar profundo por aqueles que caíram, em ruas, veredas ou masmorras, sem poderem mais viver e sentir a magia explosiva daqueles momentos.

Convocação irrecusável, idéia na mesa, decisão tomada: editar **cadernos** no Brasil. Com Neiva e Beatriz, desta vez todos juntos, um pouco menos aprendiz, respirando e reaprendendo Brasil, recomeçar. E cá estamos nós. Do nº 23 ao 200 em terras tupiniquins, veiculando, sempre, informação independente e honesta, e daí nossa credibilidade.

Nossos sonhos e aspirações continuam vívidos, em pertinaz perseguição à palavra de ordem dos combatentes angolanos, lançada por Agostinho Neto: A luta continua!!

Betinho, nosso companheiro e colaborador desde o primeiro minuto, disse, no México, do alto de sua sabedoria, que Neiva Moreira, como apóstolo jornalístico, sabia onde buscar seus discípulos: "entre los curas y los milicos".

De minha parte, só posso agradecer o privilégio de ter tido minha iniciação, como jornalista que fui, pelas mãos de um professor, no sentido daquele que professa, além de ensinar. E termino citando a frase de Elma Dean, mais do que repetida nas instituições militares de todo o mundo: "Não cora o livro de ombrear com o sabre, nem cora o sabre de chamá-lo irmão". O que me competiu fazer, foi feito com honra e muito orgulho.

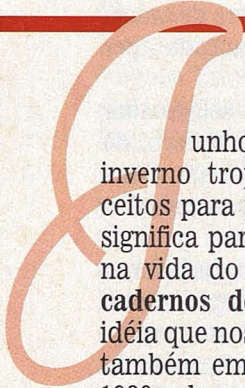
Altair L. Campos é coronel na reserva do Exército. Em 1970, foi preso por resistir à ditadura e exilado na Argélia, em troca da liberdade do embaixador da Alemanha, seqüestrado no Brasil. Mais tarde transferiu-se para Lima, Peru, e depois para Lisboa, onde assumiu a direção da edição portuguesa de cadernos. Hoje é diretor administrativo da nossa editora no Rio



Uma marca registrada

cadernos do terceiro mundo conquistou o direito de ser referência para quem aspira a uma informação que fuja do mesmismo predominante

Beatriz Bissio

unho de 1997. Aqui estamos, neste inverno tropical, tentando alinhar conceitos para poder transmitir ao leitor o que significa para nós o marco da edição nº 200 na vida do nosso projeto maior, a revista **cadernos do terceiro mundo**. A primeira idéia que nos vem à mente é o fato de ter sido também em junho, no já longínquo ano de 1980, o lançamento da revista no Brasil.

Dentro do contexto mais amplo das mudanças ocorridas nesses anos, o nº 200 de **cadernos** parece mesmo um milagre, como nos diz na sua singela e doce homenagem o escritor uruguaio Eduardo Galeano, que nos honra com a sua amizade e colaboração. A revista, que teve até o seu nome questionado por muitos, quando ruíram a União Soviética e o que ela significava no contexto mundial, continua em pé. É que, mesmo num momento histórico em que muitas certezas sumiram, sempre há espaço para quem aspira a mostrar que na sociedade humana não há

verdades monolíticas, ou, fazendo nossa a célebre afirmação de Nelson Rodrigues, que toda unanimidade é burra.

Cadernos do terceiro mundo é, em essência, o espaço da dissidência, da visão alternativa, das causas esquecidas. Muita decisão e garra de uma equipe sempre renovada mas coerente com os ideais de primeira hora, alimentada por uma torcida espalhada pelos quatro cantos do Planeta, que comunga das mesmas idéias de justiça e solidariedade, e nos permitiram chegar até aqui.

Agora é só olhar para frente. O mais difícil ficou para trás. Vinte e três anos após o seu lançamento em Buenos Aires (ver matéria de Neiva Moreira) e com duzentas edições nas ruas, **cadernos do terceiro mundo** passou a contar com um capital muito bem cotado no mercado, uma espécie de marca registrada de qualidade: a própria longevidade. Viramos uma referência na matéria. Há leitores que nos tinham como texto de consulta quando estavam nos ban-



Beatriz Bissio

cos da universidade e hoje indicam a revista aos seus filhos universitários.

Mas como nesta véspera do novo milênio todo conformismo é perigoso, não nos consideramos satisfeitos só com o fato de termos sobrevivido a tantos cataclismos que desafiaram as vozes do Terceiro Mundo nestas décadas. Com uma equipe enriquecida com jovens altamente qualificados no que há de mais moderno no universo das comunicações, temos planos ambiciosos para o futuro, alguns dos quais já são realidade e outros serão concretizados e aperfeiçoados ao longo do segundo semestre deste ano e os primeiros meses de 1998:

- Estamos na superinfovia da World Wide Web, com o nosso *site* na Internet cujo novo endereço é: <http://www.etm.com.br>. Nele vamos introduzir em breve novos serviços, como o sistema de pesquisa e busca *on-line* (através do qual colocaremos à disposição do público o acervo do nosso Centro

de Documentação) e o *chat* (bate-papo) com os editores, entre outros.

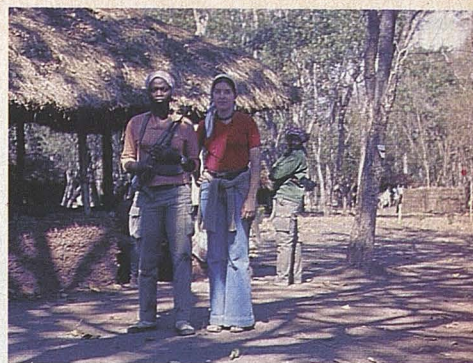
- Lançaremos nos próximos dias a edição 1997-1998 do *Almanaque Brasil*, da qual está em vias de execução uma versão para CD-ROM.

- Estamos viabilizando o lançamento, em 1998, da edição em português do *Guia do Mundo*, que é a versão ampliada do *Guia do Terceiro Mundo*, publicada pela última vez no Brasil em 1989. O *Guia* já tem versões em inglês (*World Guide*) e em espanhol (*Guia del Mundo*), produzidas pelo Instituto del Tercer Mundo (Item), com sede em Montevidéu, Uruguai.

- Pesquisamos novos produtos em multimídia afins com a nossa temática geral, ou seja, não só com os temas de **cadernos do terceiro mundo** como de nossas outras publicações, *Ecologia e Desenvolvimento* e *Revista do Mercosul* - que estaremos lançando nos próximos meses.

- E, finalmente, estamos preparando mudanças nos próprios **cadernos do terceiro mundo**, que iremos apresentando nas próximas edições, através das quais aspiramos a tornar mais prazerosa a leitura da revista, tornando-a atraente para um público cada vez mais amplo e exigente.

Dizem os entendidos que a informática é uma cachaça. Ao ponto de existirem organizações de pais e professores que visam salvar os jovens dessa nova droga. Para nós da equipe de **cadernos do terceiro mundo**, cachaça mesmo é o desafio de apresentar, a cada número, uma publicação melhor. Até o nº 400! Saúde! ◻



Três momentos das coberturas internacionais de Beatriz Bissio: em 1975, na Base Central da Frelimo, nas selvas do norte de Moçambique, de onde foi comandada a luta pela libertação; em 1977, em adiantado estado de gestação, em Cabinda, na guerra desencadeada pelo Zaire contra Angola; em 1980, no Castelo de Beaufort, sul do Líbano, palco de confrontos militares com Israel

23 anos , 200 acontecimentos

Uma viagem na cronologia descortina personagens e fatos que marcaram a história do Terceiro Mundo e tornaram ca

1974

Brasil: Gen. Ernesto Geisel, presidente, inicia a distensão do regime; eleições legislativas dão expressiva votação ao opositorista Movimento Democrático Brasileiro (MDB)

Argentina: Morre o presidente Juan Domingo Perón

EUA: Caso Watergate leva à renúncia Richard Nixon

Etiópia: Golpe militar derruba a monarquia de Haile Selassie

Chipre: Invasão turca

Grécia: Os civis voltam ao poder, após 7 anos de ditadura

Portugal: Revolução dos Cravos derruba o salazarismo

1975

Brasil: Acordo nuclear com Alemanha; Vladimir Herzog é morto no Doi-Codi de São Paulo

Espanha: Morre Francisco Franco, redemocratização

África: Independência de Angola, Guiné Bissau, Cabo Verde, Moçambique, São Tomé e Príncipe

Timor Leste: Invasão indonésia inicia genocídio

Vietnã: Derrota dos EUA e reunificação vietnamita após mais de um século de divisão imposta pelo colonialismo

Camboja: Khmer Vermelho toma o poder

Bangladesh: Assassinado o presidente Mujibur Rahman; desde 1991, sua viúva Kaleda Zia é primeira-ministra

1976

Brasil: Lei Falcão restringe propaganda eleitoral; bombas na Associação Brasileira de Imprensa (ABI), no Centro Brasileiro de Análises e Planejamento (Cebap) e na Ordem dos Advogados do Brasil (OAB); o operário Manoel Fiel Filho é morto no Doi-Codi de São Paulo; morte de João Goulart, o único ex-presidente a falecer ainda no exílio (na Argentina)

Argentina: Golpe militar depõe Isabelita Perón; assassinato dos exilados uruguaios Zelmar Michelini e Héctor Gutierrez Ruiz

EUA: Execução do ex-chanceler do Chile, Orlando Letelier, a mando da polícia secreta chilena

Saara Ocidental: Proclamação da República Árabe Saraui Democrática

China: Morre Mao Tse-Tung, líder da Revolução Comunista

1977

Brasil: "Pacote de Abril" fecha Congresso Nacional por 15 dias e altera regras eleitorais; aprovado o divórcio

Argentina: As mães de presos políticos argentinos, conhecidas como "as loucas da Plaza de Mayo", começam protestos

Panamá: Acordo com EUA fixa para ano 2000 controle do canal pelos panamenhos

Peru: Morre o general Juan Velasco Alvarado, ex-presidente

Oriente Médio: Anwar Sadat, do Egito, reúne-se com premier Menachem Begin

1978

Brasil: Início das greves no ABC paulista; revogação do AI-5; Justiça responsabiliza União pela morte de Vladimir Herzog

Oriente Médio: Israel e Egito assinam Acordo de Camp David

Cone Sul: Argentina e Chile ameaçam guerra pelo Canal de Beagle

Vaticano: Morte de Paulo VI e João Paulo I e subida de João Paulo II, polonês e que adota linha conservadora contra Teologia da Libertação

Quênia: Morre Jomo Kenyatta, líder da independência

1979

Brasil: Posse do gen. João Figueiredo; Lei da Anistia e retorno de exilados, como os ex-governadores Leonel Brizola e Miguel Arraes e os dirigentes comunistas Luís Carlos Prestes e Gregório Bezerra; restabelecido o pluripartidarismo

Irã: Revolução liderada pelo aiatolá Ruhollá Khomeini derruba monarquia ocidentalista e implanta república islâmica

imentos

nos uma testemunha de nossos tempos

Nicarágua: Vitória da Revolução Sandinista, que pôe fim a quase meio século da ditadura somozista apoiada pelos Estados Unidos

América Latina: Criação da Conferência Permanente de Partidos Políticos da América Latina (Coppal)

Angola: Morre Agostinho Neto, líder da independência

1980

Brasil: Fundação do Partido Democrático Trabalhista (PDT) e do Partido dos Trabalhadores (PT); intervenção em sindicatos do ABC, prisão de líderes sindicais; emenda restabelece pleito direto para governadores

Afeganistão: Guerra civil leva à invasão pela URSS, que se retirará em 1989

Irã: Guerra contra o Iraque, que dura até 1988

EUA: Ronald Reagan elege-se presidente e torna-se porta-bandeira do neoliberalismo

Zimbábue: País alcança independência e acaba regime racista

Argentina: Adolfo Pérez Esquivel recebe Nobel da Paz

El Salvador: Assassinato do arcebispo Oscar Arnulfo Romero, crítico da ditadura militar

Bolívia: Marcelo Quiroga Santa Cruz é executado

"Precisamos prestigiar e incrementar esse órgão e outros do mesmo padrão para que o povo brasileiro não seja manipulado e desinformado."

Fernando Leite Siqueira

Presidente da Associação dos Engenheiros da Petrobras (Aepet)

"Parabenizo cadernos do terceiro mundo, que ao longo de 200 edições tem elevado e engrandecido o nível de informações de seus leitores."



Beth Carvalho

Cantora

"Cadernos do terceiro mundo é um bom exemplo de imprensa livre, voltada para a reflexão crítica e comprometida com o que de melhor temos na nossa vida moral."

Jurandir Freire Costa

Psicanalista/Instituto de Medicina Social da UERJ

"Eu vi nascer os cadernos do terceiro mundo, numa época ao mesmo tempo difícil e eletrizante. Ninguém no Brasil deu mais importância ao Terceiro Mundo, ao mundo subdesenvolvido, do que Neiva Moreira e Beatriz Bissio."

José Monserrat Filho

Editor do Jornal da Ciência e ex-diretor da revista Ciência Hoje

"Se não houvesse a cadernos do terceiro mundo, nós não conheceríamos a realidade dos países abaixo da Linha do Equador. A revista é uma fonte objetiva, honesta, leal e solidária de informação."

Ney Slourevitch

Empresário

"É na diversidade, no ritmo, no colorido e na esperança do Terceiro Mundo que eu me fortaleço. E é nos cadernos que meu trabalho vai buscar fundamentos."

Nei Lopes

Compositor popular e escritor

1981

Brasil: Fracassa atentado de militares no Riocentro, durante show pelo Dia do Trabalho; fundação do Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB)

França: Socialista François Mitterrand torna-se presidente

Irã: Libertados 52 seqüestrados norte-americanos, após 444 dias

Egito: Anwar Sadat morto por militares fundamentalistas

Panamá: Acidente suspeito mata o presidente, general Omar Torrijos

1982

Brasil: Primeiras eleições diretas para governador, desde 1966

Argentina: Guerra das Malvinas, contra a Inglaterra

Líbano: Invasão israelense; massacre de civis palestinos nos campos de Sabra e Chatila

Espanha: Felipe González torna-se primeiro chefe de governo socialista desde 1936

China: Início das negociações para recuperação de Hong Kong

Honduras: Roberto Suazo Córdova torna-se presidente e a ditadura militar acaba

África do Sul: Atentado sul-africano mata em Moçambique jornalista e ativista anti-apartheid Ruth First

Colômbia: Gabriel García Márquez, Nobel de Literatura

1983

Brasil: Novo quadro político no país, com a posse de governadores, prefeitos e legislativos, com destaque da presença das oposições; primeira expedição científica brasileira à Antártica

Argentina: Fim do regime militar e eleição de Raúl Alfonsín

Granada: EUA invadem a pequena ilha do Caribe

Filipinas: Assassinado Benigno Aquino, líder opositor; começo da agonia da ditadura de Ferdinand Marcos, pró-EUA; Corazón Aquino, viúva de Benigno, elegeu-se, em 1986, presidente das Filipinas

1984

Brasil: "Diretas-Já" leva multidões às ruas, mas Congresso rejeita a emenda de eleições diretas para presidente

Índia: Sikhs matam a primeira-ministra Indira Gandhi; gás tóxico da transnacional norte-americana Union Carbide mata 3.700 pessoas em Bhopal

África do Sul: Bispo negro Desmond Tutu recebe Nobel da Paz

Nicarágua: Frente Sandinista de Libertação Nacional (FSLN) vence eleição presidencial, a primeira desde 1936

1985

Brasil: Tancredo Neves é eleito presidente pelo Colégio Eleitoral; infecção e morte de Tancredo Neves; o vice-presidente, José Sarney, governa; inaugura-se Usina Nuclear de Angra I

Argentina: Militares condenados por atos praticados durante a ditadura; em 1990, todos serão indultados

URSS: Mikhail Gorbachov inicia abertura política e econômica, *perestroika* e *glasnost*, cujo estilo levará à desintegração do bloco soviético em poucos anos

1986

Brasil: Entram em vigor Planos Cruzado 1 e 2; pleitos legislativos e de governos estaduais

URSS: Acidente nuclear de Chernobyl, o maior já ocorrido

Portugal: Socialista Mário Soares eleito presidente

Moçambique: Morre Samora Machel, líder da independência, em acidente aéreo julgado suspeito

1987

Brasil: Instalação da Constituinte; acidente radiativo com Césio-137, em Goiânia

Palestina: Intifada, insurreição contra ocupação israelense na Cisjordânia e Faixa de Gaza

1988

Brasil: Promulgação da Constituição; assassinato do ecologista Chico Mendes, em Xapuri (AC); intervenção do exército na greve da CSN provoca a morte de três operários

Paquistão: Benazir Bhutto, primeira mulher a governar uma nação islâmica

Palestina: OLP, de Yasser Arafat, suspende ações armadas

1989

Brasil: Primeiras eleições diretas para presidente desde 1961, com vitória de Fernando Collor

Paraguai: Deposto Alfredo Stroessner, após 34 anos no poder

Panamá: Invasão americana e captura do presidente Manuel Noriega, levado preso, julgado e condenado nos EUA

Chile: Patricio Aylwin (PDC) elege-se presidente; fim da ditadura militar

Alemanha: Cai o Muro de Berlim, símbolo da Guerra Fria.

Romênia: fim do comunismo e execução de Nicolae Ceausescu

China: Onda anticomunista leva estudantes a protestos em Pequim, violentamente reprimidos; o exilado Dalai Lama, do Tibet, recebe o Nobel da Paz

1990

Brasil: Posse do novo governo com Plano Collor; morte do líder comunista Luís Carlos Prestes

Alemanha: Reunificação do país, com extinção da Alemanha Democrática, comunista

Kuwait: Iraque anexa o país

Iêmen: Reunificação do país

África do Sul: Fim do *apartheid*, regime de segregação racial

Namíbia: Independência do país

1991

Brasil: Entra em vigor Plano Collor 2; privatização da Usiminas inicia desestatizações

Cone Sul: Criação do Mercado Comum do Sul (Mercosul)

Iraque: Guerra do Golfo, travada contra os EUA e coalizão

URSS: Assina com EUA Tratado para Redução de Armas Estratégicas (Start); desintegra-se o Estado Soviético

Iugoslávia: Guerra civil, terminada em 1995, com a assinatura dos acordos de Dayton

Somália: Deposição de Siad Barre e guerra civil, que perdura

Índia: Atentado mata primeiro-ministro Rajiv Gandhi

1992

Brasil: Processo de *impeachment* e renúncia de Fernando Collor; vice Itamar Franco assume a presidência; massacre de 111 presos no Carandiru (SP)

Meio Ambiente: Conferência Mundial das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (Rio-92)

EUA: Bill Clinton, presidente, encerra 12 anos de governos republicanos

Argélia: Golpe militar impede provável vitória eleitoral da fundamentalista Frente Islâmica de Salvação (FIS)

"O grande mérito de cadernos é ter valorizado a integração do Brasil com seus verdadeiros companheiros, os povos sofridos da América Latina, África e Ásia. Fernando Henrique sonha em fazer do Brasil o último país da Europa, este bonde nós já perdemos. O Brasil precisa ser o grande líder do Terceiro Mundo. Nossos cadernos ajudam nesta compreensão."

Raymundo de Oliveira

Presidente do Clube de Engenharia



"Ao abordar aspectos sociais, históricos e políticos, permite que os profissionais ligados ao ambiente internacional tenham uma visão panorâmica e ao mesmo tempo mais profunda sobre regiões, povos e mercados onde sua atuação irá se desenvolver."

Antônio Augusto de Freitas Assis

Chefe do Departamento de Economia e Relações Internacionais da Universidade Estácio de Sá

"Reproduzimos alguns textos para serem discutidos em nossas reuniões, até porque nem todas as pessoas têm acesso à publicação. Temos uma coleção da revista."

Cândida Carvalheira

Vice-presidente da Sociedade Brasileira dos Ostromizados

"É uma revista única por dar valor a correntes políticas que têm pouco acesso à mídia. Desempenha um papel importante na vida cultural da América Latina."

Paulo Becker

Editor

"Poderoso instrumento na luta contra os flagrantes desequilíbrios no sistema internacional de informação e, por conseguinte, contra o monopólio da comunicação. Esta é, na verdade, uma luta pela autêntica democracia."

Arthur José Poerner

Escritor e jornalista

"Em se tratando de cadernos, que vi surgir desde o primeiro número no Brasil, digo o quanto colabora em minha atividade cultural, no teatro alternativo ou não, e também como me ensina a lutar pela libertação de nosso povo sofrido."

Bárbara Arruda

Diretora e teórica de teatro

Europa: Tratado de Maastricht sela união econômica da Comunidade Européia (CE)

Itália: Operação Mãos Limpas devassa corrupção na Itália

EUA: Cria com México e Canadá Acordo de Livre-Comércio da América do Norte (Nafta); violência racial mata 58 pessoas

Angola: José Eduardo dos Santos (MPLA) vence primeiras eleições presidenciais diretas, mas Jonas Savimbi (Unita), com apoio dos EUA, retoma guerrilha

Guatemala: Líder indígena Rigoberta Menchú, Nobel da Paz

1993

Brasil: Plebiscito mantém República e Presidencialismo; CPI do Orçamento; privatização da CSN; prisão dos bicheiros no Rio; chacinas da Candelária e de Vigário Geral, no Rio, feitas por PMs; massacre de ianomâmis

Oriente Médio: Acordo de Paz entre Israel e a OLP; Yasser Arafat é reconhecido como presidente da Palestina

Áustria: Conferência Internacional de Direitos Humanos

Grécia: Socialistas vencem

Eritreia: Proclamação de independência

1994

Brasil: Plano Real; Fernando Henrique Cardoso presidente; Câmara quebra monopólio da Petrobras; adesão ao Tratado de Tlatelolco, de proscrição de armas nucleares na América Latina e Caribe; exército ocupa favelas do Rio, contra criminalidade

México: Surge Exército Zapatista de Libertação Nacional

Egito: Conferência Mundial de População e Desenvolvimento

Rússia: Começa Guerra da Chechênia

Ruanda: Guerra civil entre as etnias hutu e tutsi, com morte de um milhão de pessoas

África do Sul: Nelson Mandela assume presidência

Moçambique: Joaquim Chissano, presidente em eleições pluripartidárias

1995

Brasil: PM mata 10 sem-terra em Corumbiara (RO); exército ocupa refinarias contra greve dos petroleiros; governo reconhece a morte de 136 militantes de esquerda durante o regime militar

Cone Sul: Entra em vigor o Mercosul

Peru: Guerra contra Equador

Argentina: Menem reeleito

Israel: Fundamentalista judeu mata premier Itzhak Rabin

França: Jacques Chirac retoma testes nucleares em Mururoa

Dinamarca: Cúpula Mundial de Desenvolvimento Social

China: IV Conferência da ONU sobre a Mulher

Zaire: Epidemia do vírus Ebola

Angola: Acordo MPLA-Unita

1996

Brasil: PM mata 19 sem-terra em Eldorado dos Carajás (PA)

Lusofonia: Formalização da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP)

Timor Leste: Nobel da Paz ao bispo D. Carlos Filipe Ximenes Belo e a José Ramos Horta, pela luta pela independência do país

Cuba: Bloqueio econômico reforçado pelos EUA (Lei Helms-Burton)

Guatemala: Acordo entre governo e guerrilha acaba 36 anos de guerra civil

ONU: Kofi Annan (Gana), secretário geral

Armas: Assinatura do Tratado para a Proibição Completa de Testes Nucleares

EUA: Reelege-se Bill Clinton

Turquia: Necmetin Erbakan, primeiro islâmico a chefiar governo; Conferência sobre Assentamentos Humanos

Afeganistão: Milícia Talibã toma poder e impõe regime islâmico

França: Morre François Mitterrand

1997

Brasil: Marcha dos Sem-Terra pela Reforma, Agrária, Emprego e Justiça; privatização da Vale do Rio Doce, apesar de generalizados protestos de setores civis, militares e científicos; Barbosa Lima Sobrinho, presidente da ABI, completa 100 anos; morrem os educadores Darcy Ribeiro, também senador (PDT/RJ), e Paulo Freire; TCU critica redução dos gastos sociais pelo governo federal; denuncia-se compra de votos de parlamentares para aprovação da emenda para reeleição presidencial

Inglaterra: O trabalhista Tony Blair elege-se primeiro-ministro, pondo fim a 18 anos de governos conservadores e confirmando tendência européia a eleger governos de linha socialista, indicando declínio das políticas neoliberais

França: Socialistas vencem eleições e o líder Lionel Jospin torna-se primeiro-ministro

Zaire: Laurent Kabila toma o poder, pondo fim a 31 anos de governo de Mobutu Sese Seko, e altera a situação estratégica regional

Angola: Unita afinal integra coalizão com o MPLA, assumindo quatro ministérios

China: Morre Deng Xiaoping, pai do plano de modernização econômica do regime e criador da tese de "dois regimes, um só país"; a 1º de julho, Hong Kong reintegra-se ao país, após 155 anos de domínio colonial inglês.

A oposição unida

Líderes se reúnem para traçar estratégia de ação conjunta

Os presidentes dos partidos da oposição, Leonel Brizola (PDT), José Dirceu (PT), Miguel Arraes (PSB), João Amazonas (PC do B); o presidente de honra do PT, Luís Inácio Lula da Silva; o deputado Neiva Moreira, líder do PDT e do Bloco Parlamentar de Oposição; José Machado, líder do PT; Aldo Arantes, líder do PC do B; Sérgio Guerra, líder do PSB, e José Eduardo Dutra, líder do Bloco da Oposição no Senado, vêm se reunindo freqüentemente em Brasília, avaliando a situação nacional e a conjuntura política. Também foi examinado o problema da su-

cessão presidencial e estadual e a estratégia da oposição.

As reuniões têm sido marcadas pela decisão de luta e pela unidade das forças democráticas.

Sobre recente reunião, foi distribuída a seguinte nota oficial assinada pelos participantes, definindo os objetivos imediatos:

1. Deflagrar amplo processo político para estabelecer uma plataforma comum, em consonância com o movimento popular que cresce e se desenvolve em todo o país contra a política econômica e social neoliberal do governo FHC. Nesse sentido, será instituído um Grupo de Trabalho com a atribui-

ção de preparar anteprojeto desta plataforma comum, a ser submetido, no segundo semestre deste ano, a um Encontro Nacional de partidos, entidades e personalidades conscientes da necessidade de lutar por mudanças.

2. Estabelecer Fórum permanente dos presidentes dos partidos do Bloco das Oposições.

3. Mobilizar a sociedade em torno de uma Agenda Social de reivindicações populares, dando prioridade ao combate ao desemprego, ao aumento real de salários, à educação e saúde públicas e à reforma agrária, medidas que representam efe-

tiva distribuição de renda nacional.

4. Dar continuidade à luta pela instalação de Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) para investigar o tráfico de votos no Congresso Nacional, exigência da absoluta maioria do povo brasileiro.

5. Exigir respeito ao pacto federativo, e, ao lado da grande maioria dos prefeitos do país, reafirmar o esforço para impedir nova prorrogação do Fundo de Estabilização Fiscal.

6. Realizar Conferência para fazer um balanço das consequências econômicas, sociais e políticas do modelo neoliberal implantado pelo governo FHC no Brasil.

7. Reafirmar disposição de trabalhar para uma candidatura única das oposições e outras forças democráticas nas eleições de 1998.

Internacional Socialista de Mulheres



Marlene Haas, secretária-geral da Internacional Socialista de Mulheres (ISM), esteve no Brasil a convite do PDT, partido filiado à Internacional Socialista.

No Rio de Janeiro, Haas visitou entidades ligadas à defesa dos direitos da mulher e em Brasília, o Senado e na Câmara dos Deputados, recebendo dos seus presidentes, Antônio Carlos Magalhães (PFL-BA) e Michel Temer (PMDB-SP) informações sobre aquelas duas Casas do Congresso.

Na foto, Marlene Haas e o deputado Michel Temer, no gabinete do presidente da Câmara dos Deputados.

Câmara investiga biopirataria

Depois de dezenas de denúncias sobre a presença de cientistas estrangeiros que promovem, sem autorização do governo federal, pesquisas sobre nossos recursos naturais e até sobre os tipos sanguíneos dos grupos indígenas, a Câmara de Deputados criou a comissão especial da "biopirataria", vinculada à Comissão da Amazônia. Para a presi-



Deputada Socorro Gomes

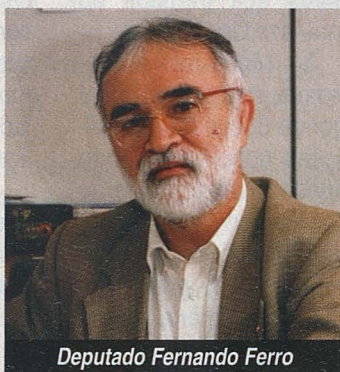
dência foi escolhida a deputada Socorro Gomes (PC do B-PA), foto ao lado.

A primeira providência da parlamentar foi convidar o professor Aziz Ab'Saber e os técnicos do Instituto de Pesquisas da Amazônia para colaborar com a comissão que tem o prazo de 90 dias, prorrogáveis, para apresentar seu relatório.

Apitão na Câmara dos Deputados

No dia 7 de maio, o plenário da Câmara dos Deputados viveu uma manifestação original: apito na boca, o bloco de oposição, com a ajuda de dissidentes de outros partidos, promoveu o primeiro apitão da história do Congresso Nacional, protestando contra a manobra governista de remeter à Comissão de Constituição e Justiça quatro destaques apresentados pelo bloco PDT, PT, PSB e PC do B.

A manifestação durou cerca de 40 minutos. O suficiente para a sessão ser suspensa, retomando-se a negociação entre os partidos que apóiam o presidente da República e as oposições. A idéia de usar os apitos foi do deputado Fernando Ferro (PT-PE). Ferro (foto) se inspirou na resistência dos argelinos contra o colonialismo francês, quando todo o povo, para protestar contra as tropas de ocupação, assobiavam durante



Deputado Fernando Ferro

horas seguidas em todo o casbah (a parte mais antiga de Argel), ensurdecendo os franceses. O apito é também usado pelos bancários brasileiros nos movimentos grevistas.

Referendo para a reeleição

O senador Pedro Simon (PMDB-RS) está convicto de que o referendo é a única maneira de "descontaminar o processo de votação que aprovou a emenda da reeleição". Num discurso que lotou as galerias e o plenário do Senado em 4 de junho, o senador gaúcho, que foi líder do governo do ex-presidente Itamar Franco, disse que "diante das denúncias sobre a compra de votos de alguns deputados em favor da emenda, o referendo legitimaria o desejo do presidente Fernando Henrique de se reeleger".

Simon se ausentou da votação em favor da emenda, apesar da promessa feita por líderes governistas no Senado de que o presidente da República mandaria uma carta propondo o referendo. A emenda já está em vigor e FHC negou ter a intenção de propor o referendo, porque seria "inconstitucional", afirmando ainda que esta proposta deveria sair do próprio Congresso.

Propaganda na TV a cabo

O presidente da comissão especial que elabora o novo código eleitoral, deputado Mendonça Filho (PFL-PE), quer que a propaganda eleitoral gratuita se estenda aos canais de TV por assinatura. Ele argumenta que estas emissoras também são uma concessão pública e devem se submeter ao mesmo regime das demais. A proposta mereceu críticas de membros da Comissão do Consumidor e Meio Ambiente. O deputado Gilney Viana

(PT-MT), foto ao lado, diz que as TVs a cabo "são um serviço pago e submeter seus usuários à propaganda eleitoral é ferir os direitos do consumidor". A fórmula alternativa que está sendo buscada pela comissão eleitoral é restringir a propaganda à TV Senado, que ainda não é captada em todo o país.



Deputado Gilney Viana

ITAMAR: o dilema da candidatura

O presidente Fernando Henrique não foi a Nova Iorque apenas para falar sobre meio ambiente na ONU. Na verdade, o seu objetivo principal era convencer Itamar Franco a desistir de concorrer à presidência da República e oferecer apoio à candidatura de Itamar ao governo de Minas Gerais, tirando do páreo o atual governador.

Itamar deu respostas contraditórias: fica honrado em ser candidato em Minas, mas disse que não desistiu da "eventual candidatura" à presidência.

Os amigos mais próximos de Itamar acham que ele quer mesmo é a candidatura à presidência. Na verdade, esse dilema só será resolvido com a próxima vinda do ex-presidente ao Brasil.

Taxas de juros desarticulam exportações

O deputado Delfim Neto (PPB-SP), ex-ministro da Fazenda, prevê o caos econômico caso continue sendo mantida a política cambial instalada no Brasil com o plano de estabilização econômica, o Plano Real.

"A sobrevalorização artificial do real, obtido às custas das mais escorchantes taxas de juros que o mundo já viu por tão longo tempo, desarticulou as exportações brasileiras", disse Delfim.

O ex-ministro dos governos Garrastazu Médici e João Figueiredo acrescenta que "a ausência de crescimento das exportações,



Deputado Delfim Neto

combinado com um vigoroso e indesejável aumento das importações, geram déficits em contas-correntes que podem ser arriscados".

Este erro, segundo o deputado, reconhecido até pelo presidente Fernando Henrique Cardoso, "está financiando o aumento

do consumo, o que significa que é insustentável".

Como ironia, Delfim Neto profetiza: "Quando as velhinhas de Taubaté, escondidas nos fundos de pensão, descobrirem isso, vamos ser obrigados a enfrentar esse problema de frente. E talvez seja tarde."

Diálogo retomado

O novo presidente do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra), Milton Seligmann (foto), ex-secretário-executivo do Ministério da Justiça, quer retomar o diálogo com o Movimento dos Sem Terra (MST), que está sob impasse desde o início do ano.

No dia da posse, 8 de junho, Seligmann disse que "não se faz reforma agrária sem os movimentos sociais". Durante a marcha do MST, quando ainda estava no Ministério da Justiça, Seligmann foi o intermediário das negociações entre os sem terra e o presidente da República.



Milton Seligmann: retomar diálogo

Movimentos populares em Brasília

Os 3 mil militantes de movimentos populares foram recebidos em Brasília por um forte aparato policial. Mais de mil PMs fizeram a segurança dos órgãos públicos para que não se repetissem os fatos ocorridos durante o "Grito da Terra", quando agricultores ocuparam o gabinete do ministro do Planejamento, Antônio Kandir. Um peru foi colocado na mesa do ministro. Apesar da mobilização, eles só conseguiram audiência com o ministro do Trabalho, Paulo Paiva, com quem discutiram a questão do desemprego. Eles deixaram Brasília sem nenhuma promessa concreta do governo federal.



Paulo Freire: liber

Luiza Erundina escreve sobre seu secretário de Educação, quando prefeita da capital paulistana, e destaca a trajetória do humanista que ensinava a entender o mundo



Luiza Erundina

Confesso que hesitei em aceitar o honroso convite para escrever um artigo sobre Paulo Freire, a ser publicado pela revista. Isso porque ainda estou sob o impacto e a forte emoção pelo seu falecimento, ocorrido há pouco mais de um mês.

Pensei melhor e concluí que era uma oportunidade que se me oferecia de homenagear, mais uma vez, meu grande amigo e nosso mestre querido. Tentarei lembrar fatos e situações que me ligaram a Paulo Freire, procurando revivê-los, o que, certamente, reavivará a enorme saudade que ele me deixou.

Conheci Paulo Freire no dia 7 de março de 1980, logo após sua chegada do exílio, por ocasião de

“A realidade do povo inspirou sua teoria e filosofia da educação, que se expressaram como um compromisso com os oprimidos e com seu processo de libertação”

uma solenidade de formatura de uma turma de Serviço Social das Faculdades Metropolitanas Unidas (FMU), de São Paulo. Era ele o patrono e eu, a paraninfa.

Aquele foi, para mim, um momento especial, pois a pessoa cujas idéias haviam alimentado meus sonhos e esperanças da juventude estava ali, perto de mim, e eu pude ouvir sua fala mansa, com forte sotaque nordestino, e sentir o afeto que transbordava de sua figura despojada e carismática. Todos nós, eu e os formandos, esperávamos que ele fizesse um discurso formal, próprio de circunstâncias como aquela, e que denunciasses as in-

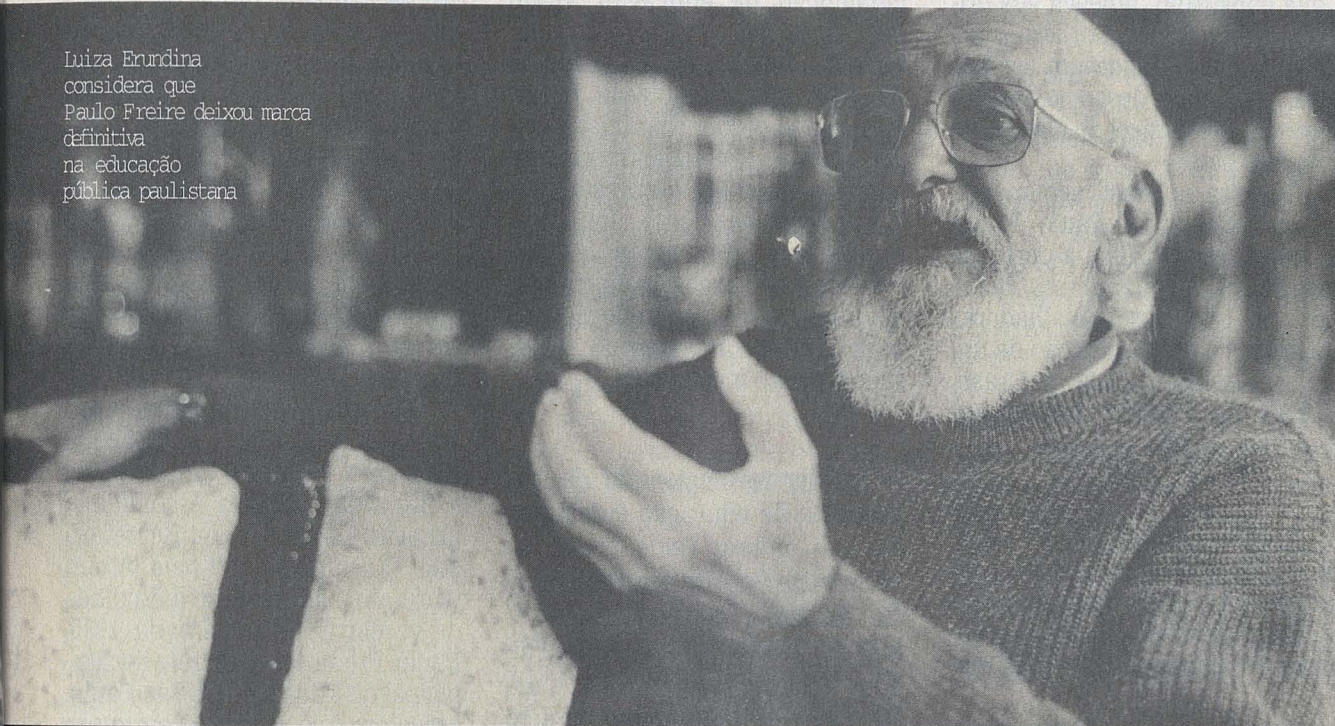
justiças de que fora alvo e o sofrimento dos longos e duros anos de exílio.

Ao invés disso, sua fala foi simples e despretensiosa, cheia de serenidade e ternura, como se estivesse reencontrando pessoas da sua intimidade, após longa espera e muito tempo de ausência. Confesso que fiquei um pouco constrangida com o formalismo do meu discurso, que precedera o dele, diante da simplicidade e do tom familiar do seu. Foi a primeira lição que, pessoalmente e sem que ele soubesse, recebi dele.

Uma outra circunstância que me ligou a Paulo Freire foi a entrega do Título de Cidadão Paulista-

tar pela educação

Luiza Erundina
considera que
Paulo Freire deixou marca
definitiva
na educação
pública paulistana



no que lhe foi outorgado pela Câmara Municipal de São Paulo, por iniciativa minha, então vereadora do Partido dos Trabalhadores.

Nordestino, como muitos de nós que vivemos em São Paulo, experimentou desde cedo as agruras que afligem a maioria do nosso povo. E foi a realidade concreta desse povo que inspirou sua teoria e filosofia da educação, que se expressaram na sua vida como um compromisso com os oprimidos e com o seu processo de libertação.

Eu estava na Paraíba, quando Paulo Freire iniciava no Recife, em 1961, o Movimento de Cultura Popular. Começou a aplicar seu método de alfabetização de adultos nas favelas do Recife, em Pernambuco, e na cidade de Angicos, no Rio Grande do Norte. Estendeu-o, depois, a todos os estados

do Nordeste com grande sucesso, o que levou o governo federal de então a adotá-lo em todo o país, através do Plano Nacional de Alfabetização de Adultos.

Com o golpe militar de 1964, Paulo Freire foi preso sob a acusação de ser "subversivo e ignorante". Passou 75 dias na cadeia, antes de partir para 15 anos de exílio na Bolívia, Chile, Estados Unidos, Suíça e em alguns países africanos. Isso porque sua pedagogia de libertação atentava contra as relações de opressão que dominavam e ainda dominam na sociedade brasileira.

A conscientização das massas, que o seu método promovia,

representava uma real ameaça para o projeto da elite, que, na época, estava sob os cuidados dos ditadores militares. Imaginavam os donos do poder destruir, dessa forma, o trabalho de Paulo Freire. Muito pelo contrário. Os quinze anos de exílio foram os mais fecundos para suas pesquisas e conseguiu levar aos países mais longínquos e às regiões mais pobres do mundo sua valiosa contribuição como educador.

Sua obra educacional se reveste de profundo humanismo, fruto de seu amor pelo ser humano e de sua confiança no povo. O movimento de educação popular que iniciou representou uma

"Entre as inúmeras mudanças necessárias neste país, está a de mudar a escola pública, melhorá-la, democratizá-la, superar seu autoritarismo, vencer seu elitismo"



das mais importantes mobilizações de massa ocorridas no Brasil, criando e ampliando as oportunidades de participação popular, o que constituiu ameaça aos privilégios da minoria. Por isso, suas idéias e ação precisavam ser freadas, antes que desencadeassem processo irreversível de libertação do nosso país.

De volta ao Brasil, sem mágoa ou ressentimento, Paulo Freire retomou seu trabalho, a partir de São Paulo, engajando-se, desde logo, na luta dos trabalhadores brasileiros e na construção de um projeto político para o Brasil, através do Partido dos Trabalhadores, ao qual se filiou.

Conscientizar

Atento à dialética da realidade que também ocorre no pensamento humano, suas concepções não pararam de evoluir, conforme se depreende da obra mo-

As crianças pobres de São Paulo, a quem chamava de meninos populares se tornaram sua paixão de educador e para elas criou uma escola alegre

numental, desde a *Educação como prática da liberdade*, da *Pedagogia do oprimido*, retomada na *Pedagogia da esperança*, entre muitos outros, até a *Pedagogia da autonomia*, lançado poucos dias antes de sua morte.

São marcos de sua trajetória intelectual, inspirando-se sempre na concepção da educação como instrumento de transformação das sociedades, a partir da ação concreta de homens e mulheres como sujeitos da história, inseri-

dos numa situação concreta de vida, que compreende múltiplas dimensões: econômica, social, política, cultural. Com efeito, sua concepção de educação, como processo de conscientização, constitui uma autêntica proposta de educação como ação transformadora, o que, em consequência, o levou a engajar-se na luta contra a injustiça, a opressão e a dominação de classe. Injustiça, opressão e dominação que se expressam na exclusão da maioria do nosso povo com relação aos seus direitos fundamentais, inclusive o direito à educação.

Visão libertadora

O caráter revolucionário de sua proposta de educação é destacado pelo próprio Paulo Freire, ao afirmar, no final de sua *Pedagogia do oprimido*: "Assim como o opressor, para oprimir, necessita de uma teoria da ação opressiva, assim também o oprimido, para se tornar livre, necessita de uma teoria da ação. O opressor elabora sua teoria da ação sem o povo, porque na verdade coloca-se contra ele; nem pode o povo, já que é subjugado e oprimido, internalizando a imagem do opressor, construir por si mesmo a teoria de sua ação libertadora. Apenas no encontro do povo com os líderes revolucionários em sua comunidade, em sua práxis, pode essa teoria ser construída."

Passagem marcante

Retomo, no nível da memória, outros momentos da minha trajetória nos quais tive o privilégio e a felicidade de cruzar com Paulo Freire, o que me marcou por toda a vida. Um deles foi quando, eleita prefeita de São Paulo, pensei em convidá-lo para secretário de Educação. Embora sem muitas es-

peranças de que aceitasse, pois sabia da sua aversão a cargo público, ousei fazer o convite.

Eu estava em Campina Grande, na Paraíba, antes da posse, quando telefonei para ele, que se encontrava em Campinas, dando aulas na Unicamp. Grande foi minha surpresa e alegria ao receber pronta resposta dele, que me disse ao telefone: "Eu jamais pensei em assumir cargo público, mas não ficaria em paz com minha consciência se recusasse colaborar com a primeira experiência de governo democrático e popular. Eu aceito o convite."

Do outro lado da linha, a milhares de quilômetros, vibrei e me emocionei com sua generosidade e prontidão. Estava escolhido o primeiro nome de meu Secretariado. O Nordeste e o país inteiro vibraram e aplaudiram a escolha.

A partir de janeiro de 1989, Paulo Freire foi o secretário Municipal de Educação de São Paulo, cargo em que permaneceu quase dois anos e meio, marcando definitivamente a história da educação na maior cidade do país e na terceira maior cidade do mundo.

As crianças pobres de São Paulo, a quem chamava de "meninos populares", se tornaram sua paixão de educador e para elas criou uma "escola alegre".

Foi competente e democrático na condução daquela pasta. Conseguiu criar uma equipe de auxiliares a quem delegou poderes e autonomia. Exercia autoridade de forma democrática e enfrentava situações conflituosas com muita paciência. Dizia que o trabalho educativo exigia paciência histórica, porque a educação é um processo de longo prazo. Encontrou uma secretária com prédios e equipamentos totalmente deteriorados, os educadores desmotivados e sem qualquer orientação pedagógica.



Em entrevista a um jornal, ele afirmou em 19 de fevereiro de 1989:

"Se não apenas construirmos mais salas de aula, mas as mantermos bem cuidadas, zeladas, limpas, alegres, bonitas, cedo ou tarde a própria boniteza do espaço requer outra boniteza: a do ensino competente, a da alegria de aprender, a da imaginação criadora tendo liberdade de exercitar-se, a da aventura de criar."

Dedicou-se à formação permanente dos educadores e defendia arduamente melhores salários para os professores. A propósito, ele me escreveu a seguinte carta, em julho de 1990:

"Prezada Erundina, se há algo que não precisamos fazer, você e eu, é tentar convencer, você a mim, eu a você, de que é urgente, entre as inúmeras mudanças neste país, mudar a escola pública, melhorá-la, democratizá-la, superar seu autoritarismo, vencer seu elitismo. Este é, no fundo, seu sonho, meu sonho, nosso sonho. A materialização dele envolve, de um lado, o resgate de uma dívida histórica com o magistério, de que salários menos imorais são uma dimensão fundamental, de outro, a melhoria de condições de trabalho, indispensáveis à materialização do próprio sonho. Suprem estas condições a possibilidade de trabalho coletivo para a efetivação da reorientação curricular e a formação permanente dos educadores e das educadoras, o que não se pode realizar a não ser mudando-se também o que se entende hoje por jornada de trabalho nas escolas."

"Se há muito estou certo e absolutamente convencido hoje de que, só na medida em que experimentarmos profundamente a tensão entre a "insanidade" e a sanidade, em nossa prática políti-

ca, de que resulta nos tornarmos autenticamente sãos, é que nos faremos capazes de separar as dificuldades só aparentemente intensas possíveis que nos apresentam na busca da concretização de nossos sonhos."

"Na verdade, querida Erundina, é isso o que você vem sendo e é isso o que você vem fazendo ao longo de sua vida de militante, amorosa da verdade, defensora dos ofendidos, entregue sempre à boniteza doida de servir."

"O texto que se segue, de produção coletiva, amorosamente militante também, é uma espécie de grito manso, de apelo, em busca da concretização de nossos sonhos. Do amigo, Paulo Freire."

Escrever

Depois de dois e meio ele me pediu para deixar o cargo: "A equipe que formei e que vou deixar é plenamente capaz de continuar o trabalho que começamos. Quero ir para casa, para escrever sobre a experiência que realizamos."

Relutei em aceitar sua saída, porém eu sabia do quanto o cargo lhe pesava, sobretudo devido aos problemas políticos que enfrentava. Outro aspecto era a convivência com as críticas injustas e destrutivas da mídia, que lhe faltava, muitas das vezes, até mesmo com o respeito.

Todos nós, que convivemos com ele no governo, nos lembramos com emoção de sua presença humilde e discreta nas reuniões do Secretariado e da profundidade e riqueza de suas intervenções. Paulo Freire nos marcou a todos com a força da sua verdade e coerência e a leveza do seu afeto e compreensão humana.

Compromisso

Eu o vi pela última vez no dia

10 de abril, no lançamento do seu derradeiro livro, *Pedagogia da autonomia*. Ele escreveu no meu exemplar: "Para Erundina, com a mesma esperança, com a mesma força com que briguei a seu lado, pela educação em São Paulo. Com o querer bem de Paulo Freire."

Vi quanto estava feliz e, brincando, me disse: "Como vê, estou cumprindo a promessa que fiz a você. É o sétimo livro que escrevi depois que saí do governo."

Com todas estas lembranças ainda muito vivas na mente e no coração, a notícia de seu falecimento nos pegou desprevenidos e nos deixou vazio enorme e profundo sentimento de orfandade. O desafio está em preenchermos este vazio e substituímos essa sensação de perda por imenso sentimento de gratidão pelo legado inestimável que ele nos deixou.

Que Deus nos dê forças

O opressor, para oprimir, necessita de uma teoria da ação opressiva; assim também o oprimido, para se tornar livre, necessita de uma teoria da ação

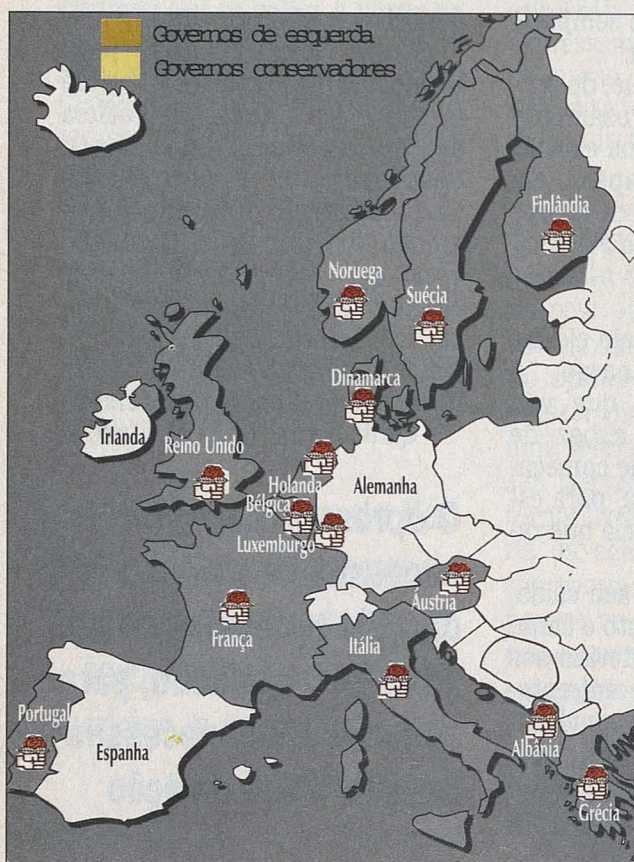
para sermos fiéis ao seu compromisso que, mais do que nunca, é nosso também, compromisso de luta e de amor por um mundo "menos feio, menos malvado, menos desumano..."

Obrigada, Paulo Freire! □

Luiza Erundina, uma das conceituadas lideranças do Partido dos Trabalhadores, foi prefeita da cidade de São Paulo, no período de 1989-92



A vitória da esquerda



As eleições na Inglaterra e França refletem a oposição do povo diante do modelo neoliberal. Só Espanha, Alemanha e Irlanda ainda permanecem na direita

Luis Antônio dos Santos

Uma das razões determinantes do crescente descrédito dos políticos é o não-cumprimento dos compromissos assumidos nas campanhas eleitorais, quando passam a ser governo ou exercem parcelas de poder.

A direita francesa pagou o preço do afastamento das idéias

de campanha, num exemplo rigorosamente copiado pelo presidente Fernando Henrique no Brasil.

Sobre essa mudança de posições, em recente artigo, o diretor do Le Monde Diplomatique, Ignacio Ramonet, deixou claro quais as lições das eleições francesas. "Eleito em maio de 1995, com base em discurso antiliberal (anti-pensamento único) e num projeto de forte coloração antipopulis-

ta (corrigir a 'fratura social'), Chirac renegara suas promessas, mal transcorridos cinco meses, e adotara um programa ultraliberal, atingindo tributariamente os mais humildes e deixando crescer o desemprego e a pobreza".

Essa distorção também ocorreu nos partidos socialistas ou social-democratas, inclusive da Europa, e contribuía para divisões internas e perda de credibilidade na opinião pública.

Após a vitória dos trabalhistas britânicos, o que mais se destacou na mídia internacional era a expectativa de que nada mudaria na Inglaterra. O governo de Tony Blair seria uma cópia retocada do modelo neoliberal ultraconservador de Margaret Thatcher.

O novo governo trabalhista tem desmentido essa visão. O empenho em recolocar o ser humano no centro do objetivo do poder em lugar do lucro e do mercado e a escolha de ministros comprometidos com o projeto social do Trabalho demonstram que não há relação com os governos conservadores, dominados pelas forças capitalistas mais retrógradas e anti-sociais da Inglaterra.

O mesmo ocorreu com os socialistas franceses. Na campanha, o PS apresentou ao eleitorado uma plataforma clara contrariando tudo aquilo o que estava fazendo o governo direitista de Alain Juppé, com o apoio aberto do presidente Jacques Chirac.

A vitória da esquerda francesa foi impactante. Obteve maioria com uma impressionante presença por todo o país. Os bons resultados do Partido Comunista e dos Verdes, integrados ao novo governo, são outro fator de fortalecimento do projeto antineoliberal.

A direita tinha 484 deputados em uma Câmara de 577. Isso per-



mitiu o apoio a um programa neoliberal duro. Os salários foram achatados, realizaram-se cortes drásticos nos serviços públicos, principalmente na educação e saúde, visando a um Estado mínimo e ao ajuste das contas públicas. O resultado foi uma imensa insatisfação popular, sobretudo pela taxa de desemprego superior a 12%, com cerca de quatro milhões de desempregados. Hoje, a representação parlamentar da direita caiu para 245 deputados. O PS e aliados detêm agora 331 cadeiras.

O novo primeiro-ministro francês, Lionel Jospin, disse que o povo votou por "uma política econômica e social a serviço do homem", com uma "reorientação na construção da Europa".

O fato de que sua campanha ter sido centrada nos problemas sociais, sobretudo o desemprego, não ficou só como promessa eleitoral. A primeira escolha do gabinete foi a ministra do Emprego e Solidariedade, Martine Aubry, uma defensora do pleno emprego. A criação de 700 mil vagas no setor público, com a cooperação privada, está sendo implementada, voltada principalmente para os jovens, os mais atingidos pela inconformismo e a desesperança.

E não se diga que o governo neoliberal de Chirac e Juppé não estava tendo êxito na realização das suas metas. A inflação manteve-se em torno de 1,5% e o déficit público estava em torno de 3% do PIB, limite fixado pelo Tratado de Maastrich. Em matéria de privatização, Chirac só perdeu para Mitterrand e FHC.

Mas tudo isso em vez de melhorar fez piorar a vida do povo, do cidadão comum, que não é o objeto dos projetos neoliberais.

Essa é a essência do problema, o motivo central das sucessi-

vas derrotas dos conservadores e as conseqüentes vitórias de socialistas ou social-democratas.

Na Europa, já se fala na "onda rosa" que varre o continente. Atualmente, só dois grandes países têm governos de direita: Espanha e Alemanha. A Irlanda é o terceiro sem maiores marcas ideológicas, mais voltado para obter a paz interna. Os demais são governados por partidos socialistas ou social-democratas: Austria, Bélgica, Dinamarca, França, Finlândia, Grã-Bretanha, Grécia, Holanda, Itália, Luxemburgo, Noruega, Suécia.

A mais recente vitória de esquerda foi a do Partido Socialista da Albânia, que conquistou 63 das 115 cadeiras do Parlamento.

O primeiro-ministro da Itália, Romano Prodi, reivindica para o seu país a primazia na mudança: "Os primeiros a mudar fomos nós." E o da Suécia, Göran Persson, foi categórico no III Congresso dos Partidos Socialistas Europeus, em Malmö (Suécia), em clima de comemoração pelas vitó-

rias da Inglaterra e França. "A esquerda é a força política que guiará a Europa ao século XXI."

O líder do Partido Social-Democrata alemão, Oskar Lafontaine, está otimista com as vitórias da esquerda. "É um grande acontecimento para a Alemanha e a Europa e que está ligado à esperança pela redução do desemprego e mais justiça social."

A primeira pesquisa realizada na Alemanha depois das eleições inglesas e francesas justifica o otimismo de Lafontaine: 38,5% de intenção de votos para a oposição social-democrata; 35,5% para a direita no governo; 11,5% para os verdes e 7,5% para os liberais, aliados aos partidos situacionistas.

O resultado das eleições inglesas e francesas não foi, assim, episódio ocasional. É fruto da repulsa ao neoliberalismo e da busca de políticas que conciliem progresso econômico e tecnológico com a defesa dos direitos humanos e das conquistas sociais que o socialismo resguarda e defende.

Uma declaração retórica

O presidente Fernando Henrique Cardoso proclamou, há pouco, que não é um neoliberal e se disse mais à esquerda do novo primeiro-ministro inglês, Tony Blair, líder do Partido Trabalhista.

É evidente que essa declaração é meramente retórica. O governo de Fernando Henrique é indiscutivelmente neoliberal, entregue às imposições do mercado e distante dos excluídos e desinteressado por sua sorte. De nenhuma maneira está à esquerda de Blair.

Sua ilusão de vender essa enganosa versão durou pouco. Coube ao líder do governo na Câmara Federal, deputado Luís Eduardo Magalhães, colocar o presidente em seu devido lugar. "Nossa aliança (PFL - PSDB) foi firmada com base em um programa que o PFL ofereceu ao governo e o presidente Fernando Henrique está cumprindo esse programa." Essa declaração peremptória e clara foi feita por Luís Eduardo em uma entrevista ao *Jornal do Brasil*.

Precisaria mais, se os fatos e o cotidiano da vida dos brasileiros são a resposta mais eloqüente que se possa ter àquela afirmativa? (LAS)



'Transformaremos o futuro'

Alguns pontos do vitorioso programa do Partido Socialista Francês

I. Transformaremos a política econômica e social

Queremos recolocar o ser humano no centro da economia. Nós queremos recolocar a França em marcha: criando empregos, diminuindo a jornada de trabalho, devolvendo o poder de compra aos franceses. Nós queremos reconquistar o futuro: pela prioridade a educação, pesquisa, cultura, saúde e ao meio ambiente.

1. Criar empregos

Sem aumentar nossas despesas públicas, o objetivo do governo é criar 700 mil verdadeiros empregos para os jovens, por meio do setor público, por meio do setor privado.

Estes verdadeiros empregos, pagos com verdadeiros salários, serão a primeira etapa de inserção na vida profissional. Todos os exemplos históricos indicam que somente um engajamento da força pública pode colocar abaixo o desemprego em massa.

2. Redução da jornada de trabalho

A máquina permite ganhos enormes de produtividade, do qual todos devem se beneficiar.



O primeiro-ministro Lionel Jospin quer recolocar o ser humano como prioridade, com a criação de empregos e melhoria do poder de compra da população

Nós propomos reduzir progressivamente a duração legal do tempo de trabalho de 39 horas para 35 horas, sem redução de salário. Isto será feito através da negociação entre as partes envolvidas, com o Estado encabeçando as negociações e fixando o calendário.

3. Devolver aos franceses o poder de compra que lhes foi confiscado

Para investir, os empresários franceses não precisam de dinheiro, visto que seus lucros são elevados. O que falta aos empreendedores é iniciativa.

Nossa primeira prioridade é liberar o poder de compra para aqueles que têm mais necessidade. Faremos por meio de uma conferência nacional sobre emprego, salário e duração da jornada

de trabalho, que relançará a negociação coletiva.

4. Ganhar a batalha da inteligência

A Europa não deve perder a batalha da inteligência. Preparar o futuro, ser moderno, não é pensar unicamente na economia, em termos de moeda e físico; é pensar, isto sim, que a riqueza de amanhã será fundada sobre a inovação científica e a iniciativa tecnológica.

Relançar o esforço da pesquisa. Este esforço é indispensável para o desenvolvimento de um país moderno. Devemos buscar a meta de 2,5% do Produto Interno Bruto (PIB) para o orçamento nacional da pesquisa. (O Brasil gasta hoje menos de 0,6% do PIB.)

5. Encorajar o espírito empresarial

Fascinado pelas grandes empresas, nosso país esqueceu que a riqueza reside sobretudo em suas milhares de pequenas e médias empresas. Mais criativas, elas são também mais frágeis.

Amanhã, os empregos criados ocorrerão principalmente nas pequenas empresas e nos novos serviços. O crescimento nasce da inovação, da criatividade, da flexibilidade dos empreendedores.

Desenvolveremos uma estrutura fiscal favorável aos investimentos de risco, a uma poupança voltada para fundos próprios das pequenas e médias empresas.

6. Recriar um imposto mais justo

Na França, o imposto pesa mais sobre a classe média, sobre o trabalho do que do capital. Aliviaremos o imposto sobre valor agregado para os produtos de primeira necessidade e para as taxas de habitação, com o objetivo básico de concentrar os baixos impostos sobre os mais pobres.

Nós instauraremos uma contribuição mais justa do capital à solidariedade nacional, sobretudo com a alavanca do Imposto de Solidariedade sobre a Fortuna.

II. Transformaremos o cotidiano dos franceses

(...) A necessidade de justiça social e de proteção é mais forte do que nunca.

1. Securidade social

Ameaçar a securidade social em nome da reforma: esta foi a política conduzida pela direita. Reformar a securidade para pre-

servá-la: este é o projeto dos socialistas. A securidade social é um bem comum. Devemos reformá-la juntos, não de forma autoritária.

Revalorizaremos as pensões dos franceses mais humildes. Alinharemos a evolução dos benefícios aos salários dos trabalhadores na ativa. Reuniremos os grupos ligados à saúde para examinar a forma clara e acertar os objetivos e os meios para encaminhar uma reforma profunda e durável.

A fiscalização das despesas de saúde é indispensável. Negada, como fez por longo tempo a direita, é preparar a privatização da securidade social. A saúde é, acima de tudo, pública. Lhe daremos o lugar que merece. Medicinas escolar, do trabalho e preventiva são prioridades.

2. Relançar a habitação social

Dispor de um teto é uma das condições de autonomia da pessoa, de sua inserção social, de exercício de sua cidadania.

Nós nos fixamos no objetivo de 300 mil recuperações de habitações e 150 mil moradias novas por ano. Nós facilitaremos o acesso social à propriedade.

3. Assegurar a segurança dos franceses

A segurança é um dos direitos fundamentais da pessoa. Daremos prioridade à segurança de vizinhança, oferecendo emprego na comunidade, com 35 mil pessoas contratadas. Outras 5 mil serão recrutadas, enquanto 10 mil funcionários da polícia serão deslocados para missões prioritárias.

Para ser respeitada como ela merece, a polícia deverá ter comportamento irrepreensível.

4. Restaurar a prioridade para a Educação

O anúncio da eliminação de 5 mil empregos na educação nacional traduz melhor que todos os discursos políticos da direita. Nós queremos fazer da educação a primeira prioridade orçamentária.

5. Renovar os serviços públicos

Serviços públicos de qualidade devem garantir a todos igualdade de acesso e de tratamento, na cidade ou no campo: todos os cidadãos têm direito de ser atendidos pelo Estado. Segurança, educação, transporte, saúde, correios, telecomunicações: estes serviços públicos devem ser garantidos a todos os franceses.

Recusamos a privatização dos serviços públicos e sua transformação em objeto de lucro. Queremos preservá-los, mas renovados, eficazes, mais próximos do cidadão, mais responsáveis.

6. Papel do Estado

A modernidade é reformar o Estado. Não é preciso "menos Estado", nem "mais Estado", mas "melhor Estado", isto é, um Estado eficaz. Para uma moralização da vida pública, é preciso um Estado que faça da justiça um fundamento efetivo da democracia.

Queremos um Estado a serviço de todos e não confiscado por poucos. Queremos um Estado renovado por uma sociedade reorganizada e uma nação aberta. Nos propomos lutar contra o desperdício dos recursos financeiros, em particular, reavaliando as políticas públicas. □

(Traduzido e resumido por Eurico Schwinden)



Grã-Bretanha

Os seguidores de Tony Blair aceitam o discurso da competitividade, mas dão ênfase à educação, visando assegurar às pessoas condições iguais na disputa por oportunidades



O que propõe o novo trabalhismo

Vivaldo Barbosa*

Os trabalhistas ingleses conduziram a campanha eleitoral usando uma linguagem simples, sintetizando uma proposta nova e de mudança em poucos pontos. As palavras novo e mudança têm um significado mágico e emblemático na imaginação das pessoas.

Tony Blair, que saiu em busca da classe média, disse que o trabalhismo sempre foi caracterizado como partido dos sindicatos e do setor público e que Margaret Thatcher, ex-primeira-ministra conservadora, havia conquistado amplos setores que tradicionalmente o apoiavam. Agora, ele queria fazer o reverso. Essa busca expressa a visão da importância das atividades de pequeno e médio porte, das informais e das mi-

croempresas, que têm dificuldade de assimilar o discurso tradicional das esquerdas, essencialmente voltado para os trabalhadores.

Uma das questões mais quentes da campanha foi a da Previdência Social. Os trabalhistas criticaram o programa dos conservadores de privatização da Previdência, com aumento da idade de aposentadoria para 65 anos, inclusive para mulheres. A proposta provocou uma ampla reação dos aposentados. Manter a Previdência estatal e socializada foi um dos compromissos dos trabalhistas e, no dia da eleição, notou-se uma grande presença de idosos na votação.

Outro ponto debatido foi a situação das crianças pobres. Estudo do departamento de estatísticas da União Européia (Eurostat) revelou que há mais crianças vivendo em situação de pobreza na

Inglaterra do que em qualquer outro país do continente.

O relatório mostra também que as regiões pobres inglesas têm os piores níveis de vida de toda a Europa, só comparáveis a áreas de pobreza da Grécia e Portugal. Blair sustenta que a tradição das políticas trabalhistas é que poderia resolver a situação.

A política neoliberal thatcherista gerou desemprego e miséria. Privatizações e reduções dos impostos retiraram do Estado a possibilidade de defender a economia nacional e realizar políticas sociais efetivas. Ela admitia, apenas, políticas sociais compensatórias para socorro das vítimas do próprio modelo, como cestas básicas e programas de solidariedade.

Os serviços públicos privatizados foram questionados na campanha. As ex-estatais elevaram as tarifas enquanto os diri-



Grã-Bretanha

gentes recebem altos salários e distribuem lucros sem realizar os investimentos necessários. Os trabalhistas prometeram fiscalização e regulamentação rigorosas para defender o interesse público. Telefonar ou passar um fax na Inglaterra não é tarefa que se faça com a facilidade que se espera do Primeiro Mundo. E não é só: o país sofreu um período de seca e faltou água em alguns lugares.

A dimensão da derrota dos conservadores pode ser avaliada se tomarmos em conta que no País de Gales, na Escócia e na Irlanda do Norte os conservadores não fizeram uma cadeira sequer. O mesmo aconteceu em cidades industriais como Manchester e Liverpool, nas quais os trabalhistas ganharam em todos os distritos.

A partir de 1994, operou-se uma mudança na forma de o partido colocar seus ideais, apresentada como Novo Trabalhismo. O projeto socialista, tendo a economia de mercado como palco, passou a ser articulado com as noções de competição, eficiência, produtividade, dinamismo econômico, lucratividade, escolha individual e auto-satisfação, ao lado da manutenção dos ideais de bem-estar social, sociedade forte e coesa e justiça social.

Na estrutura do partido ocorreram duas mudanças básicas. A primeira foi a alteração da cláusula do programa, estabelecida em 1918, que previa que o partido estaria comprometido com a "socialização dos meios de produção, distribuição e comércio". Blair alegou que a pequena e a microatividade são importantes na economia. Seria irrealista continuar propondo sua socialização.

A segunda foi o afastamento dos sindicatos da estrutura par-

tidária. As entidades votavam nas convenções e congressos partidários pelo peso de sua representação. Agora só votam os delegados.

Educação e criação de empregos são compromissos básicos do Novo Trabalhismo.

A educação é encarada pelos trabalhistas como o elemento mais importante para a promoção da igualdade. A educação nivela todos, dá a cada um condições de competir e conquistar seu lugar em igualdade. Por outro lado, educação é a questão básica da economia, como melhor preparação dos trabalhadores diante das

Estudo da UE revela que a Inglaterra possui o maior número de crianças pobres na Europa

novas tecnologias. Para Blair, o desafio de qualquer país para colocar sua economia no século XXI é espalhar educação em nível de excelência para toda a população.

Para combater um problema que aflige a Europa em geral, o governo trabalhista pretende criar 250 mil empregos para os jovens com menos de 25 anos. Com emprego e educação, se consegue exercer suas oportunidades. Blair considera isto mais importante do que uma legislação protetora.

Na área econômica, o trabalhismo defende a idéia de que a economia deve beneficiar a todos. Serão incentivadas parcerias en-

tre trabalhadores e empresários e a participação dos funcionários no capital das empresas. O novo governo defende o salário mínimo de US\$ 900 e a adoção do Capítulo Social da União Européia.

O programa prevê a manutenção dos princípios básicos da legislação sindical de Thatcher.

Sobre um tema importante para a população, o *wellfare state* (estado de bem-estar social), Blair afirmou que era compromisso do seu governo preservá-lo, com as correções que a realidade impõe. O governo se comprometeu a manter o sistema de previdência e saúde sob controle do Estado. "Prestem atenção no que estarei tentando fazer. Tudo terá relação com justiça social", assinalou. A idéia é descentralizar o governo para que possa ser melhor controlado pela sociedade.

Outros compromissos são a manutenção das ferrovias e correios sob o controle do Estado. As empresas privatizadas não serão reestatizadas.

Ao contrário do que a imprensa internacional procurou difundir, a vitória dos trabalhistas representa uma rebelião do povo inglês contra o neoliberalismo pelo caráter cruel de suas políticas. Através do voto, os ingleses procuraram fazer do seu país uma sociedade mais justa e humana.

Os trabalhistas aceitam o discurso da competitividade, eficiência, escolha individual e aprimoramento econômico mas dão ênfase à educação, visando assegurar às pessoas condições iguais na competição, como ato de justiça. Antes, a ênfase era no socialismo com solidariedade. Agora, é no socialismo com competitividade. □

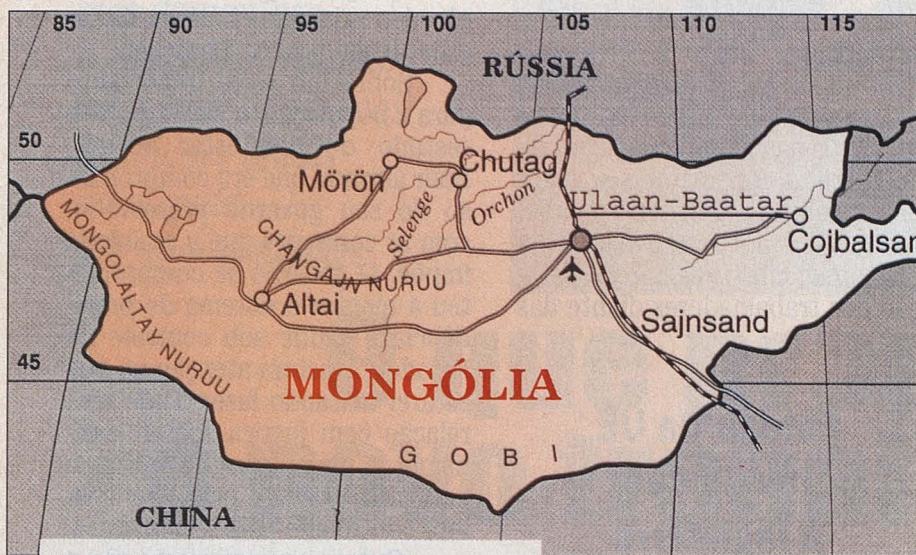
*Ex-deputado federal, acompanhou "in loco" a eleição na Grã-Bretanha



Mongólia

Guinada progressista

Com maioria folgada de votos, a esquerda mongol pode frear as reformas neoliberais do governo



PERFIL

Capital: Ulan Bator / Língua: mongol
Religião: Budismo / Área: 1.565.000 km²
População: 2,434 milhões (1994)
População prevista para o ano 2000: 3 milhões
Mortalidade infantil: 82 para cada 1.000 menores de cinco anos (1991)
Moeda: tugrik / FNB per capita: US\$ 780 (1990)
Acesso à água potável: 65% da população (1988-90)
Dependência da importação de alimentos: 12% do total (1988-90)
Dívida externa: US\$ 375 milhões (1992)

Fonte: Guia do Mundo 1996

A "onda rosa" não varre apenas a Europa. Já chega também a Ásia, na longínqua Mongólia. A vitória do líder do Partido Revolucionário do Povo Mongol (PRPM), Nachagin Bagabandi, nas eleições presidenciais de 18 de maio, representou um duro golpe para a atual política neoliberal desse país asiático.

O PRPM, que se proclama como um "partido centrista de caráter esquerdista", obteve 60,70% dos votos, enquanto seu opositor, a legenda liderada pelo presidente Punsalmaagiyn Ochirbat, conseguiu 29,8%, segundo dados da Comissão Eleitoral horas depois da abertura das urnas.

A vitória de Bagabandi foi interpretada nos meios políticos como uma derrota das reformas neoliberais implantadas pela coalizão governista, as quais provocaram um brusco aumento do desemprego e da inflação.

O resultado das urnas demonstrou o inconformismo da população em relação às medidas que levaram à falência milhares de famílias mongóis e instauraram

distúrbios sociais desconhecidos até há uma década nesse país.

A aliança governista de Ochirbat é integrada pela União Democrática (UD) e pelo Partido Social Democrático (PSD) e venceu as eleições presidenciais de 1993 e legislativas de 1996. Essas forças políticas controlam 50 das 76 cadeiras do Grande Jural (parlamento) e terão dificuldades para continuar com sua política econômica, pois atualmente enfrentam o veto de Bagabandi.

Atualmente, 20% do povo mongol (2,7 milhões de pessoas, no total) vivem abaixo da linha de pobreza fixada, arbitrariamente, pelo governo, o que equivale a uma receita de US\$ 10 mensais per capita.

Meios políticos apostam que Bagabandi fará uso dos poderes do cargo de presidente, na maioria protocolares, para vetar as leis neoliberais da coalizão governista, porém não tentará modificar o sistema multipartidário, adotado depois de 1990.

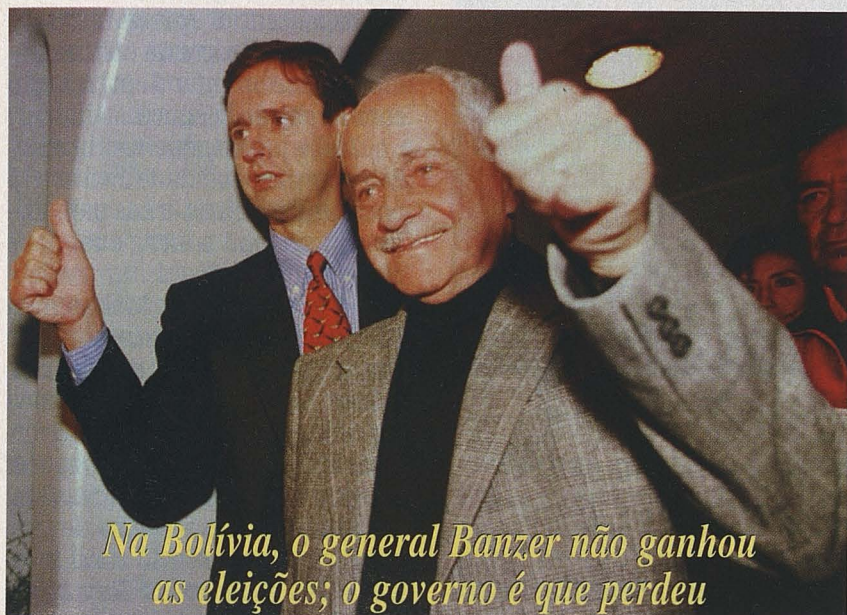
Nachagin Bagabandi, ex-presidente do parlamento, reiterou durante a campanha eleitoral que faria uso do veto presidencial a fim de minimizar a chamada "terapia de choque" das reformas econômicas.

A economia do país, além da "terapia de choque", vem sendo afetada pelos devastadores incêndios florestais do ano passado, a queda do preço do cobre e as restrições da Rússia à exportação de carne.

O terceiro candidato que participou das eleições, P. Golbojavh, do ultranacionalista Partido da Unidade Mongol, obteve 6,6% dos votos. No pleito participaram 85% dos eleitores cadastrados, estimados em 1,4 milhão de pessoas. □

(Exclusivo da Prensa Latina para cadernos do terceiro mundo)

Programa anti-social é punido nas urnas



Na Bolívia, o general Banzer não ganhou as eleições; o governo é que perdeu

Hugo Banzer foi, de 1971 a 1978, um ditador como tantos outros que proliferaram na América Latina nas décadas de 60 e 70. Após deixar o poder, fundou um partido, a Ação Democrática Nacionalista (ADN), com certa influência no país, e há 12 anos atua como um líder civil.

Em 1985, Banzer se candidatou à presidência mas não alcançou a maioria absoluta, exigida pela Constituição para vencer no primeiro turno. Mesmo liderando nas urnas, perdeu no segundo turno indireto. A Constituição prevê que a escolha fica sob a responsabilidade do Parlamento, que deve optar entre o primeiro e o segundo colocados nas urnas. As composições políticas fizeram com que Vitor Paz Estensoro tivesse a maioria no Congresso.

Paz Estensoro é o líder do Mo-

vimento Nacionalista Revolucionário (MNR) e dirigira a Revolução de 1952, comprometida com três pontos básicos: reforma agrária, voto secreto e nacionalização das minas dominadas por consórcios capitalistas. No poder pela segunda vez, o MNR deu início a um programa neoliberal que contrariava os postulados da Revolução de 1952, mas agradava muito aos EUA e aos capitalistas locais.

Desde então, essa linha política foi seguida sem grandes mudanças e se consolidou no mandato do atual presidente, Gonzalo Sanchez de Lozada (1993-1997), que ampliou o projeto neoliberal, sobretudo em relação às privatizações. Essa política provocou desemprego, deterioração dos serviços públicos e êxodo rural. A resistência civil estendeu-se por todo o país, com marchas, manifestações de rua e greves.

Na última campanha eleitoral, o candidato do partido do governo (MNR), Juan Carlos Durán, tornou-se o alvo do descontentamento popular e, como previam as pesquisas, perdeu as eleições. Ficou em segundo lugar. A terceira posição foi uma surpresa, ocupada pela líder indígena Remedios Loza, do partido populista Consciência de Pátria (Condepa).

Na eleição desse ano, o ex-ditador Hugo Banzer obteve de novo o primeiro lugar nas urnas. Mas dessa vez conseguiu assegurar a vitória no segundo turno, que ocorrerá em agosto, graças a alianças. A mais significativa foi formalizada com o Movimento de Esquerda Revolucionário (MIR). Seu líder, Jaime Paz Zamora, já foi presidente da Bolívia, eleito num segundo turno indireto em 1989, com o apoio de Banzer.

Embora não se espere que o próximo governo se incline à esquerda, a perspectiva é que ocorram amplas modificações, sobretudo em relação às privatizações, à dramática situação dos trabalhadores, dos aposentados e dos camponeses. Banzer fala em "humanização das reformas".

Seguindo a tendência delineada nas últimas eleições europeias, na Bolívia o governo neoliberal de Sanchez de Lozada viu-se derrotado nas urnas. Embora ainda não seja nítida a posição da nova administração, a presença na coligação de um partido como o MIR e de um líder oriundo das lutas revolucionárias, como Paz Zamora, pode abrir melhores perspectivas para o futuro. □

Ruptura silenciosa



Mohammed Khatame
e Ali Akbar Rafsanjani

Analistas interpretam o voto no candidato moderado como o mais incisivo protesto contra a rigidez do regime fundamentalista de Teerã

Maurício Dantas

A demonstração que boa parte dos estudiosos da Revolução Islâmica esperava se concretizar no pleito de 22 de maio não deixou a desejar. A sociedade iraniana votou majoritariamente pelo abrandamento do regime, pela garantia de liberdades individuais básicas, pela volta gradual do direito de expressão através da imprensa e até mesmo por maior estímulo às atividades culturais.

Estes foram alguns compromissos assumidos de forma discreta pelo candidato da ala moderada da Revolução, Mohammed Khatame, ex-ministro da Cultura do governo de Ali Akbar Hashemi Rafsanjani, e um dos mais destacados participantes do movimento que chegou ao poder em 1979.

"O Irã superou com êxito mais uma importante prova. Uma nova era começou na brilhante história

da Revolução Islâmica", disse Khatame, o presidente eleito que assume em agosto e cujas declarações foram encaradas como o selo definitivo das mudanças ansiosamente aguardadas pelos 69% do eleitorado que o apoiaram.

E o recado parece ter sido entendido também pelos conservadores. Dos 270 membros do parlamento, cerca de 200 manifestam confiança no novo líder, quadro bastante diferente daquele que existia nos dias imediatamente anteriores à eleição. Os que se aliaram incondicionalmente ao principal oponente de Khatame, Ali Akbar Nateq-Nouri, viram ruir as esperanças de manter uma sociedade na qual a interpretação dos códigos do Islã varia de acordo com as autoridades envolvidas na fiscalização dos costumes.

Decisivo no resultado da eleição foi o voto das mulheres - a quem Khatame prometeu cargos no governo - e dos jovens. As ira-

nianas mostraram o seu descontentamento com o abismo que as separa dos homens quando o assunto é igualdade de oportunidades. "As mulheres iranianas sofrem muito e devem deixar de fazê-lo", declarou Laila, filha de Khatame, a uma revista feminina. Ela acrescentou que a opressão da mulher faz parte da cultura iraniana, porém não tem relação com a religião islâmica.

Já os jovens, que são chamados à responsabilidade civil aos 15 anos, utilizaram as urnas para exigir um sistema educacional mais eficiente.

A aceitação de Mohammed Khatame, filho de um importante aiatolá, por parte dos setores religiosos mais conservadores pode ser uma garantia para as reformas. É de se salientar que, apesar de ser um candidato progressista, ele conquistou o respeito de amplas camadas no meio rural, pela sua ativa atuação na Revolução de 1979, pelo seu título *seyyed* (reservado às grandes personalidades) e pelo fato de poder usar o turbante negro próprio dos descendentes do profeta Maomé.

Essa confluência de apoios de segmentos sociais tão diversos fez com que a vitória de Khatame fosse esmagadora, num pleito ao qual compareceram 29 milhões dos 33 milhões habilitados a votar. Isto pode ser interpretado como um sintoma da urgência das mudanças.

O Conselho dos Guardiães, entidade que reúne as 12 autoridades religiosas mais importantes do estado islâmico, também não parece disposto a se opor abertamente a Khatame. Embora fosse conhecida a preferência dos mulás por Nateq-Nouri, as mais importantes autoridades do país condenaram prontamente a hostilidade de grupos radicais ao presidente eleito.

Guardiães

O papel do Conselho de Guardiães no processo eleitoral, no entanto, mereceu duras críticas de entidades de direitos humanos. A Human Rights Watch acusou as autoridades religiosas iranianas de restringir de forma abusiva as opções do eleitorado, através de requisitos pouco ortodoxos no credenciamento dos candidatos. Uma das exigências era ligada à personalidade dos postulantes, que deveriam ser "sábios e piedosos". Dos 238 aspirantes à candidatura presidencial, só quatro foram aceitos pelos mulás.

Além de autorizar candidaturas e nomear os titulares de cargos públicos, o Conselho fiscaliza o pleito. Observadores dizem que o poder dos religiosos não deixa margem a qualquer tipo de recurso de decisões em questões eleitorais. Nas últimas eleições parlamentares foram impugnadas as urnas de oito regiões do país.

Se para os iranianos o processo eleitoral se ressentia de limitações às liberdades individuais e o resultado das urnas está longe de assegurar mudanças rápidas na vida pública, a ascensão de Khatame não será sinônimo de transformações imediatas na diplomacia de Teerã. O novo líder é um opositor da política norte-americana para a região e durante a campanha não dirigiu qualquer mensagem significativa aos países ocidentais com os quais o Irã tem relações comerciais.

O sétimo presidente da Revolução Islâmica manda, através de seu silêncio, recado àqueles que esperavam o rompimento de Teerã com os grupos radicais que atuam na resistência armada a regimes pró-ocidentais no Oriente Médio e uma atuação conciliadora junto a vizinhos politicamente instáveis.



Vitória amarga

Denúncias de fraude, protestos dos impedidos de participar das eleições e um aparato de segurança correspondente à tensão gerada pela onda de atentados nos dias que precederam o pleito. Este é o retrato mais fiel da votação de 6 de junho na Argélia, onde o governo enfrenta a contestação de vários setores políticos.

Apontar ganhadores e perdedores não é tarefa fácil. Todas as forças políticas têm motivos para comemorar e lamentar o resultado. A União Democrática Nacional (UDN), do presidente Liamine Zeroual, a princípio o grande vencedor, sentiu com as acusações de fraude o mesmo incômodo da Frente de Libertação Nacional (FLN) em 1992, que anulou as eleições diante da iminente vitória da Frente Islâmica de Salvação (FIS). A UDN obteve 155 das 380 cadeiras do parlamento.

Proibida de participar do pleito, a FIS também encontra motivos para festejar. A Frente Islâmica, que pregou o boicote às eleições, considera um grande feito a redução em quase 10% no comparecimento às urnas. Observadores, no entanto, não consideram o baixo índice de presença às

zonas eleitorais (56% dos habilitados a votar) como manifestação de simpatia à causa islâmica e sim fruto do medo que atentados recentes provocaram na população.

As correntes oposicionistas mais moderadas, como o Movimento da Sociedade pela Paz, islâmico, e a laica Frente das Forças Socialistas, também se consideram vencedoras. Não pelo número de cadeiras conquistadas (69 e 19), mas pela falta de legitimidade da maioria eleita da UDN.

Nem mesmo a FLN (64 deputados) viu no resultado uma expressão fiel da vontade do eleitorado. A frente que governou o país de 1962 a 1990 se aliou ao coro dos descontentes, apesar de ter um acordo eleitoral com a UDN. Para a FLN, os 240 observadores internacionais não conseguiram frear o poder de influência dos partidários da UDN sobre os eleitores.

A divisão da sociedade argelina, evidenciada nas eleições, parece indicar que está longe o fim da crise no país. Após a recusa do governo em negociar com os fundamentalistas islâmicos, teme-se que eles insistam no uso das armas, continuando com a carnificina que já ceifou 60 mil vidas em cinco anos de guerra civil. (MD) □

Um golpe anunciado

Levante expõe os riscos que correm as jovens e frágeis democracias no continente africano

No dia 25 de maio, a população de Freetown, capital de Serra Leoa, acordou sob as ordens do major Johnny Paul Koromah, líder da rebelião que destituiu Ahmad Tejan Kabbah, primeiro presidente civil eleito depois de quatro anos de autoritarismo. Este foi o fecho da sucessão de fatos que colocaram sob fogo cerrado a jovem democracia no país mais pobre da África.

Os esforços em implementar o acordo de paz assinado em novembro de 1996 com os rebeldes da Frente Revolucionária Unida (FRU) e a tentativa de governar respeitando setores do exército saudosos do regime de exceção, não foram suficientes para garantir a Kabbah um governo tranqüilo após a sua eleição em março.

Os militares justificaram a deposição do presidente como o remédio para combater o clima de instabilidade política e acabaram por se aliar à FRU nos primeiros dias do golpe. Os golpistas também alegaram que a tomada do poder era a única saída para fazer frente à intervenção de tropas nigerianas enviadas a Serra Leoa nos

primeiros anos da guerra civil.

O golpe de maio foi o terceiro em menos de cinco anos e recebeu a condenação unânime das nações africanas e de parceiros comerciais do pequeno país. O governo dos Estados Unidos retirou seus cidadãos do país no início do conflito.

A escalada de escaramuças entre o contingente de 3 mil soldados nigerianos estacionados no país desde 1994 e os rebeldes que tomaram o poder atingiu o clímax com o bombardeio de Freetown nos primeiros dias após o golpe.

Enquanto o comandante das tropas nigerianas em Serra Leoa, Vitor Malu, aguardava reforços, uma trégua temporária amenizava o clima de apreensão no país. Começava então um forte questionamento por parte dos países mais atentos ao desenrolar dos



Major Johnny Paul Koromah, líder da rebelião militar



Espremida entre o Atlântico, a oeste, e Guiné e Libéria, a leste, Serra Leoa, como muitos países africanos, apresenta um curioso paradoxo: terra rica e povo miserável. Sob 71.740 km² estende-se um subsolo generoso que faz do país o 6º produtor mundial de diamante e o 16º de bauxita. A superfície, também sinônimo de fartura graças à grande extensão de terras cultiváveis, faz da agricultura um dos estímulos da economia.

Mas os cerca de 4,6 milhões de leoneses parecem distantes dos frutos de sua terra. A renda per capita de US\$150 ainda é um sonho inatingível para a grande maioria da população, que vê o seu país cada vez mais dependente de empréstimos da UE. As trocas desfavoráveis fizeram do endividamento externo um dos expedientes mais comuns para as sucessivas administrações de Serra Leoa. A dívida já ultrapassa US\$1,2 bilhão. Mas o principal tormento para grande parte da população economicamente ativa é o desemprego, que nesta década nunca esteve abaixo dos 50%.

acontecimentos em Serra Leoa acerca do papel desempenhado pela Nigéria na região.

Governada com mão de ferro desde 1993 por Sani Abacha - um oficial que participou de duas tentativas de levante militar -, a Nigéria teve na falta de credenciais democráticas a principal fonte de suspeitas sobre suas reais intenções nesta intervenção. Estaria o regime nigeriano buscando o restabelecimento da democracia em Serra Leoa ou desejando reforçar a sua influência na região?

(MD)

A segunda peça do dominó

Logo após a saída de cena de Mobutu, conflito eclode em Brazzaville e põe em risco as eleições de julho

A queda de Mobutu Sesse Seko no ex-Zaire parece ser o prenúncio de um furacão que pode derrubar vários governos na África Central. No começo de junho, em Brazzaville, capital da República Popular do Congo, lutas entre as forças do governo de Pascal Lissouba e os cerca de 8 mil milicianos partidários do ex-presidente Denis Sassou N'Guesso deixaram milhares de mortos.

O conflito começou junto com a campanha para a eleição de 27 de julho. Em 11 de maio, simpatizantes de N'Guesso, candidato do Partido Congolês do Trabalho (PCT) à presidência, e da coalizão Bloco Presidencial, do ex-presidente e atual chefe da campanha para reeleição de Lissouba, Joaquim Opango, se enfrentaram na província de Owando.

A região recebera a visita do candidato do PCT, que viu o local onde se hospedava ser cercado por guardas da província. Autoridades locais diziam que a medida evitaria problemas com os grupos que hostilizavam N'Guesso. No entanto, um dos vigilantes foi morto por partidários do ex-presidente, após uma tentativa fracassada de assassiná-lo.

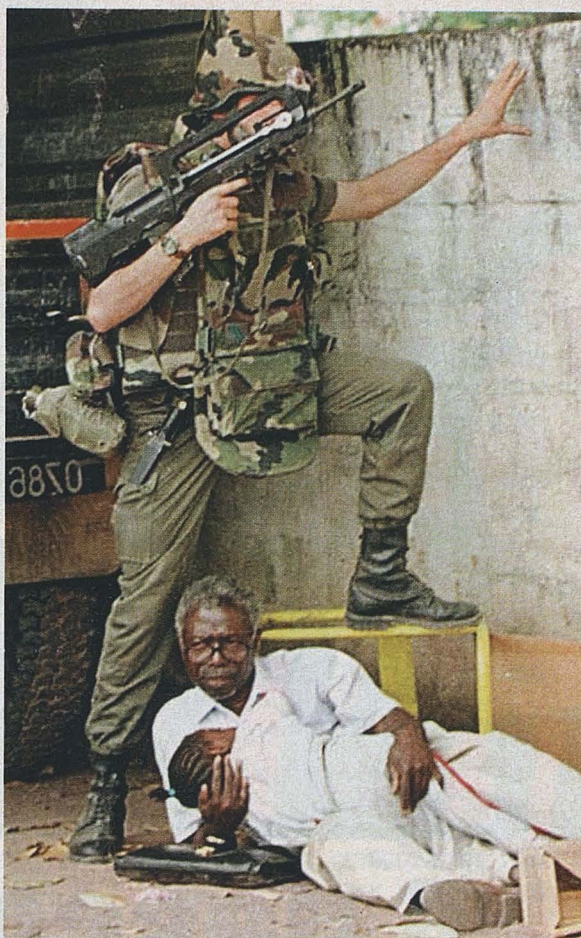
Começavam então os choques entre as facções políticas rivais. Os membros do PCT são em grande parte da etnia nboshi. Os kuyus formam a base da coalizão de Opango. A luta causou 12 mor-

tos e o êxodo de 4 mil pessoas de origem nboshi, segundo N'Guesso.

O enfrentamento tomou contornos de guerra civil em 5 de junho, quando o exército atacou a casa de N'Guesso em Brazzaville, alegando estar em busca de armas que seriam usadas num golpe. O ex-presidente (1979-1991) viu no episódio uma ação para enfraquecê-lo e ordenou a resposta de seus aliados. A exceção do Palácio do Congresso e do Ministério da Defesa, Brazzaville já estava inteiramente controlada pelos seus simpatizantes na primeira semana de conflitos.

A França, que colonizou o Congo até 1960, enviou ao país 1,2 mil homens e, depois de seis baixas em choques com os rebeldes, retirou 2 mil civis franceses moradores da capital. Paris tenta manter a influência nas ex-colônias, mas vê no Congo o resultado da "Teoria do dominó". Ou seja, a queda de um governo dentro da zona de influência de uma potência leva à derrocada de outros que comungam a mesma ideologia.

A situação do Congo é fruto das intrincadas relações políticas entre as nações centro-africanas e dos antagonismos étnicos. O país foi governado de 1968 a 1977 por Marien n'Gouabi, um jovem major



Homem abraça criança à frente de soldado francês durante operação de evacuação em Brazzaville

da esquerda do exército e fundador do PCT (marxista). A instabilidade com o assassinato em 1977 de n'Gouabi foi acompanhada da inquietação dos grupos que compõem o mosaico racial do país.

O presidente seguinte, Opango, renunciou dois anos depois da posse sob denúncias de corrupção. Foi substituído por N'Guesso. Já nos anos 90, com o primeiro pleito presidencial desde os anos 60, a tensão gerada pela disputa étnica nos Grandes Lagos atinge o Congo. As eleições de 1993 foram marcadas por lutas com centenas de mortos. Após o abrandamento do conflito em 1994, o clima de inquietação permanecia latente na dividida sociedade congoleza. O antagonismo ganhou força até desembocar nos acontecimentos de junho passado. (MD)



A solene cerimônia de troca de bandeiras foi um dos momentos culminantes da histórica transferência de poder da Grã-Bretanha para a China

A descolonização de Hong Kong

Território torna-se uma Região Administrativa Especial e reintegra-se à China, mantendo-se como zona franca e centro financeiro internacional

Maurício de Assis

O retorno de Hong Kong à soberania chinesa, a partir de 1º de julho de 1997, marca o epílogo de um drama colonial de século e meio e representa, ao mesmo tempo, o inédito desafio de fazer conviver, num só país, o regime socialista e o regime capitalista, uma idéia de Deng

Xiaoping, concebida para servir também à futura reintegração de Taiwan e Macau.

A manifestação realizada no início de junho em Hong Kong, lembrando o confronto de 1989 na Praça da Paz Celestial, em Beijing, faz temer um período de transição em que a autoridade chinesa enfrente relutâncias. Beijing não esquece que analistas britânicos apostaram na dissolução

do regime chinês, em 1989, à semelhança do que então ocorria na União Soviética.

“Após a agitação de Beijing em 1989, a parte britânica fez uma análise errada sobre a situação interna da China e a conjuntura internacional. Naquele momento, alguns chamados sinólogos britânicos afirmaram: - É imbecilidade pensar que o governo chinês possa sobreviver até 1997”, relata um

documento do governo de Beijing.

As queixas chinesas não se restringem apenas àqueles analistas. Alcançam o próprio governo britânico, que, a partir de então, mudou radicalmente sua postura nas negociações para a devolução do território.

Em aspectos que envolviam o período pós-devolução, "a parte britânica adotava, o quanto podia, ações unilaterais, sem ouvir a parte chinesa" ou procurava impor fatos consumados, descreve o documento. "Depois de assumir o cargo de governador de Hong Kong, Chris Patten promovia confrontação aberta com a parte chinesa, em vez de cooperação", acrescenta.

Democracia

Um dos pontos de crítica foi o esforço final britânico para criar um clima hostil à devolução do território, através de pregações em torno de democracia, liberdade e direitos humanos.

"Nos mais de 150 anos da administração colonial da Grã-Bretanha, não existiu democracia em Hong Kong", lembra o documento chinês. "Todos os governadores de Hong Kong, com o monopólio dos poderes Executivo, Legislativo e Judicial, foram nomeados pelo governo britânico sem ouvir a opinião pública local. O Conselho Legislativo Britânico de Hong Kong foi sempre um corpo meramente consultivo do governador e seus membros foram sempre nomeados."

Já a Lei Básica para a Região Especial de Hong Kong, a vigorar a partir de julho, "estabelece mui-

to mais democracia do que o povo de Hong Kong tem hoje", descreve o documento: poderes Executivo, Legislativo e Judiciário independentes, sendo que os dois primeiros formados por eleições diretas, com sufrágio universal.

Estas primeiras eleições deverão ocorrer em 1998, estando a administração entregue até lá a um governador nomeado e a uma Assembléia Provisória de 60 membros, escolhida no final de 1996 e integrada, em 65%, por pessoas que já exerceram o cargo sob o regime colonial britânico.

A representatividade é alta: trabalhadores, jovens, mulheres, profissionais de diversos ramos, industriais e comerciantes, incluindo dirigentes de grandes corporações. A impossibilidade de ter-se realizado, já neste ano, o pleito direto para o Executivo e o Legislativo que assumirão o governo regional foi atribuída às dificuldades criadas por Chris Patten.

O governo chinês garante que eleições diretas serão realizadas em Hong Kong no próximo ano

As autoridades chinesas anunciam a observância literal do tratado de reintegração de Hong Kong, que estabelece, entre outros compromissos, que "relações externas e defesa são da competência do Governo Popular Central; as leis vigentes vão ficar basicamente inalteradas; o governo será composto por habitantes locais e não sofrerão mudanças os atuais regimes social e econômico e a maneira de viver."

Além disso, "a Região Administrativa Especial de Hong Kong manterá o estatuto de porto franco e território aduaneiro separado, o de centro financeiro internacional e a independência financeira".

As voltas da história

Era uma vez um imperador, cujo país bastava a si próprio. Morava de um lado do mundo e seus súditos já eram a maior população do Planeta. Não sabia que seu povo era um mercado e orgulhava-se de sua poderosa frota de juncos de guerra.

Do outro lado do mundo, morava um rei, em uma ilha pequena, com pouca gente, mas com a maior frota comercial do Planeta, protegida pela maior frota de guerra. O rei olhava o país do imperador e via o mercado, do qual seus comerciantes queriam desfrutar.

O imperador abriu só uma portinha para os comerciantes e permitia que levassem o que quisessem, desde que pagassem. Em ouro. Mas os comerciantes não gostavam de deixar tanto ouro e não vender nada ao imperador.

Logo descobriram uma moeda mais barata: o ópio. Conseguiram pagar pelo menos a metade das compras com ópio e uma outra parte com o contrabando e mesmo com a simples pirataria.

O imperador entrou na linha de tiro: tinha o maior mercado, só abria uma portinha e reprimia o pagamento em ópio. Tratava-se de um inimigo da Humanidade e do progresso, decretaram o rei e seus comerciantes.

A imperial frota de juncos pegou fogo, quando o rei da distante pequena ilha mandou sua frota de guerra dar uma lição no imperador. Na Guerra do Ópio, o imperador acabou de joelhos: foi obrigado a abrir quantos portões os comerciantes e seu rei pediram. E ainda tomaram Hong Kong. E passando pelos portões, transformaram a terra do imperador num mercado.(PM)

Cronologia

Como a China perdeu e recuperou Hong Kong



1840 - Primeira Guerra do Ópio: contra ações do governo chinês para coibir o tráfico inglês de ópio (numa das apreensões, 20 mil caixas de ópio de comerciantes ingleses foram destruídas), a Inglaterra ataca e vence a China, que é obrigada a aceitar as exigências, cujo sentido final é abrir o mercado chinês ao comércio ocidental.

1842 - Assinatura do Primeiro Tratado Desigual ou Tratado de Nanquim, com grandes concessões (políticas, jurídicas, comerciais, territoriais) à Inglaterra, inclusive Hong Kong. Viriam também franceses, russos, belgas, alemães, holandeses, norte-americanos e, mais tarde, japoneses, obtendo privilégios sempre através de ameaças ou ações de guerra e estabelecendo uma espécie de retalhamento colonial do país.

Entre as formas de exploração, ocorreu o tráfico de trabalhadores semi-escravos para várias regiões do mundo. No final do século, esgotado, o país sobrevive de empréstimos e de investi-

mentos estrangeiros em troca da exploração dos serviços por esses investidores, alguns até gozando do direito de extraterritorialidade, isto é, a salvo da soberania chinesa. Só o desentendimento das potências ocidentais impediu que a China alienasse, a título perpétuo, o próprio serviço de alfândegas, como tentaram impor alguns países. No financiamento dessas ações, se destaca o Hong Kong and Shanghai Banking Corporation.

1856-60 - Inglaterra e França desencadeiam a Segunda Guerra do Ópio. Vencem de novo e impõem o Segundo Tratado Desigual ou de Pequim, pelo qual a Inglaterra, entre outros pontos, exige a península de Kow Lun, em frente à ilha de Hong Kong.

1898 - Terceiro Tratado Desigual ou de Tientsin, pelo qual a Inglaterra amplia a ocupação em torno de Hong Kong, inclusive apossando-se de 235 ilhas na região. A China era uma imensa presa inerte nas mãos de estrangeiros e previa-se seu esfacelamento em colônias inglesa, francesa, alemã, russa, japonesa, belga, norte-americana. Os EUA tomaram as Filipinas e redobram o interesse pela China.

1911 - Proclamação da República da China. Início de um

processo de lutas internas, que levará a uma intermitente guerra civil durante décadas.

1915 - Com a I Guerra Mundial, o Japão fica de mãos livres para reduzir a influência européia e impor à China uma situação de protetorado, de início com apoio inglês e norte-americano.

1917 - Começa aproximação das forças nacionalistas chinesas com a Rússia soviética. Logo o Estado soviético renunciará aos privilégios que a Rússia czarista mantinha na China.

1949 - Fim da guerra civil e criação da República Popular da China, com a vitória das forças comunistas lideradas por Mao Zedong.

1982 - Deng Xiaoping comunica, pessoalmente a Margaret Thatcher, que a China reintegrará Hong Kong. Diz preferir fazer isso de forma negociada. Expressa sua tese de "dois sistemas, um só país", indicando que manterá Hong Kong à moda ocidental e como grande centro financeiro internacional. Thatcher tenta sustentar a validade dos Tratados Desiguais do século passado e propõe reconhecer a soberania chinesa, se Hong Kong mantiver administração inglesa. Deng esclarece que soberania não admite partilhas. Londres acaba preferindo negociar.

1984 - Tratado de devolução de Hong Kong, com data marcada para **1º de julho de 1997**.



O presidente chinês Ziang Zemin saúda o premier britânico Tony Blair na cerimônia de transferência do poder em Hong Kong

Aumenta procura por escolas comunistas

Yojana Sharma

Instituições de ensino comunistas começaram a adquirir prestígio às vésperas do retorno de Hong Kong à soberania chinesa, no dia 1º de julho. Nas décadas de 60 e 70, essas escolas foram politicamente muito ativas, participando de movimentos que visavam a desestabilizar a administração colonial inglesa.

Os professores dessas escolas, muitos deles formados nessas mesmas instituições, já não são discriminados quando procuram empregos na rede de ensino. E os diretores recebem solicitações para prestar consultoria sobre como "aplicar a educação patriótica".

Tsang Yok Sing, diretor do colégio Pui Kui desde 1985 e presidente do partido político pró-chinês Aliança Democrática para o Progresso de Hong Kong, tornou-se agora um requisitado conferencista. Tsang afirma que as seis escolas comunistas da colônia não são tão diferentes das demais, embora hasteiem diariamente a bandeira chinesa e promovam a leitura de jornais pró-chineses. "A diferença agora é que as outras estão fazendo adaptações e até

O retorno da colônia à China faz com que muitos pais busquem dar aos filhos uma educação que fortaleça os seus sentimentos patrióticos

organizam visitas à China para seus alunos."

Uma das razões para que não haja tanta diferença entre as escolas foi a mudança na ideologia chinesa, que se tornou mais pragmática sob a liderança de Deng Xiaoping, falecido em fevereiro.

No passado, os alunos formados em escolas de orientação comunista enfrentavam dificuldades para obter empregos públicos em Hong Kong e não conseguiam entrar nos institutos superiores de pedagogia.

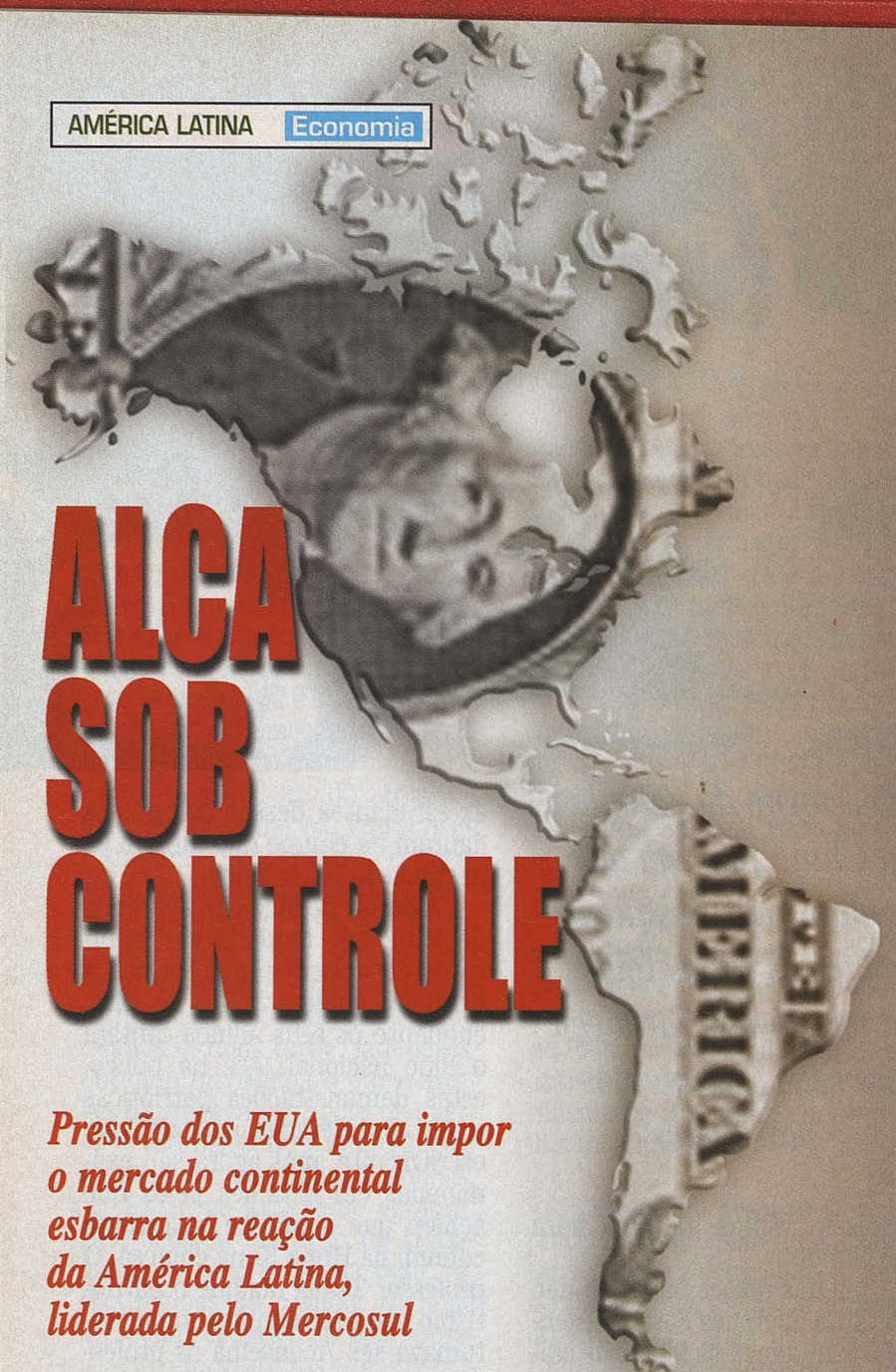
Menos de 2% do alunado de Hong Kong frequenta as escolas comunistas, mas a situação tende a se modificar e muitos acreditam que com o retorno da colônia à administração chinesa elas terão uma posição privilegiada. Alguns

ex-estudantes desses colégios já figuram na equipe que dirigirá os destinos de Hong Kong.

A escola de filhos de operários de Mongkok, fundada por sindicatos comunistas em 1964, iça a bandeira chinesa todos os dias, enquanto os seus alunos cantam o hino nacional. Até há pouco, estas demonstrações patrióticas eram consideradas nacionalismo escravizante, mas agora são examinadas em detalhes pelos que acham que a prática se tornará comum na Hong Kong chinesa. O professor Tsang diz que o patriotismo não é tão simples como costumava ser. Aconselha os professores a familiarizar os alunos com os assuntos chineses, para criar neles uma atitude positiva em relação à pátria-mãe.

"O sistema educacional colonialista não ensinava absolutamente nada sobre a China. Como criar o sentimento patriótico desse jeito? As escolas comunistas eram diferentes porque sempre tiveram laços com o continente", lembra Tsang.

Tais laços representam agora uma vantagem. Por isso, embora as escolas não estejam sendo inundadas de novos alunos, começam a ser mais procuradas. □



ALCA SOB CONTROLE

*Pressão dos EUA para impor
o mercado continental
esbarra na reação
da América Latina,
liderada pelo Mercosul*

Os representantes dos Estados Unidos sustentaram o tom agressivo característico, que vem intrigando os diplomatas, mas não conseguiram dobrar o restante do continente a aceitar a antecipação da implantação da Área de Livre Comércio das Américas. A reunião de Belo Horizonte (MG), entre 14 e 16 de maio, resultou na manutenção da cautelosa data de 2005 para o início do processo de redução de tarifas alfandegárias, mas num ritmo e prazo prudentemente lentos.

O Mercosul (Brasil, Argentina, Uruguai e Paraguai, mais os associados Chile e Bolívia, e em breve os membros do Grupo Andino) esteve no centro dos debates, por ser considerado a pedra no sapato dos Estados Unidos.

A linguagem que a chefe do Escritório Comercial da Casa Branca, Charlene Barshefsky, vem desenvolvendo contra o Mercosul e a favor da "Alca já" chega ao ofensivo. O secretário do Comércio, William Daley, não hesitou em oferecer barganha que diplomatas consideraram

grosseira: suspensão das barreiras comerciais que afetam produtos de exportação brasileiros, se o país defendesse a implantação imediata da Alca.

Por que a pressa e a pressão dos EUA, secundados pelo Canadá, contra o resto do continente? Por que a prudência ou mesmo desconfiança dos demais países, à frente os do Mercosul?

Em poucas palavras, o governo Clinton considera o Mercosul um processo vitorioso, que tende a gerar autonomia comercial dos países que o integram e que coloca o comércio com os Estados Unidos em posição secundária.

Foi um cochilo norte-americano deixar o Mercosul evoluir a esse ponto, disse Barshefsky em abril, acrescentando que a consolidação do bloco prejudica diretamente as exportações dos Estados Unidos para a região.

Mesmo reconhecendo a importância do bloco, Charlene não deixou escapar a chance de alfinetar, definindo o Mercosul como "aquela unidadezinha de comércio". Para Washington, a antecipação da Alca eliminaria todos os problemas, restabelecendo a hegemonia comercial norte-americana sobre o resto do continente.

Já os países que integram o Mercado Comum do Sul e os que começam a aproximar-se fazem uma avaliação diferente.

Com o bloco, Brasil e Argentina negociam entre si muito mais do que com os EUA, que antes eram o pólo comercial de ambos. O comércio regional pulou de US\$ 4 bilhões para US\$ 16 bilhões em menos de quatro anos e tornou-se essencial para todos os parceiros. Diluiu-se o pólo norte-americano.

O comércio brasileiro com Washington teve uma evolução tortuosa nos últimos dez anos. O país aumentou as exportações para

os EUA em menos de 30% (de US\$ 7,2 bilhões para 9,2 bilhões) entre 1987 e 1996, e viu as importações norte-americanas saltarem quase 300% - de US\$ 3,1 bilhões para 11,7 bilhões. Um superávit de US\$ 4,1 bilhões transformou-se em déficit de US\$ 2,5 bilhões. O Brasil é um dos poucos países com os quais os EUA obtêm superávit.

Aceitar a implantação imediata da Alca seria um retrocesso, pois implicaria expor uma estrutura menor e em evolução ao peso da concorrência norte-americana. O Mercosul desapareceria, como é o desejo claro de Washington.

Além da experiência positiva, os membros do Mercosul devem avaliar os resultados do Acordo de Livre Comércio da América do Norte (Nafta), integrado pelos EUA, Canadá e México. Estudo realizado por entidades mexicanas demonstrou o prejuízo do país com o Nafta, devido à absoluta hegemonia dos interesses norte-americanos. O México já procura se aproximar do Mercosul.

O exemplo do bloco regional do Sul representa um incômodo e talvez mais que isso. O grupo vem adquirindo fisionomia internacional própria, com seu mercado de mais de 200 milhões de pessoas, despertando o interesse da UE. Discute-se já um relacionamento especial bloco a bloco.

O horizonte de 2005 para o início do processo da Alca - uma vitória do Mercosul em BH - representa uma garantia de que a região terá tempo suficiente para consolidar a integração, que fortaleça suas economias. Assim, como expuseram seus porta-vozes, poderá se tornar benéfica a todos uma integração mais ampla, de âmbito continental, em que um dos parceiros reivindica nada menos que a hegemonia mundial. □

(Procópio Mineiro)

O livre mercado sul-americano

Comunidade Andina e Mercosul procuram chegar a acordo que consolide a Alca já em 2005

A Comunidade Andina (CA) e o Mercado Comum do Sul (Mercosul) planejam, já para 1998, um acordo de livre comércio aglutinando oito dos dez países da América do Sul. As negociações deverão ser concluídas até outubro. O acordo visa à criação da Área de Livre Comércio Sul-Americana (Alca), que estaria plenamente constituída em 2005.

A CA reúne Bolívia, Colômbia, Equador e Venezuela, após a saída do Peru, ainda não-oficializada, enquanto o Mercosul tem como membros efetivos Brasil, Argentina, Paraguai e Uruguai, tendo Chile e Bolívia como associados.

Exatamente nessa data deverá estar negociada a Área de Livre Comércio das Américas (Alca), de grande interesse para os Estados Unidos, que tem como meta chegar a 2020 ou 2025 com o mercado único continental.

Na primeira etapa do acordo CA-Mercosul, ocorrerá apenas a redução de tarifas alfandegárias para estimular a troca de mercadorias. Esta diminuição será acompanhada por acordos quanto a normas de origem, salvaguardas e solução de controvérsias. Para uma etapa posterior, ficarão aspectos relativos a serviços, investimentos, propriedade intelectu-

al e outros pontos complexos.

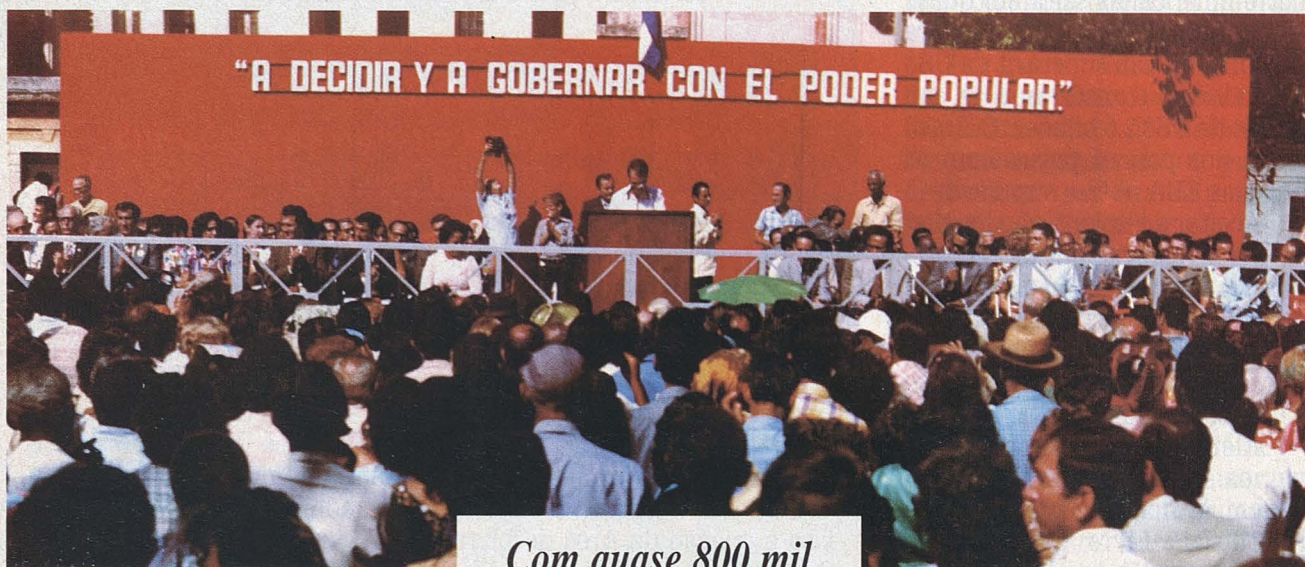
Durante o Conselho Presidencial Andino, realizado na cidade boliviana de Sucre, na última semana de abril, os presidentes dos países do bloco reafirmaram como prioridade o entendimento com o Mercosul.

Na definição técnica, a CA e o Mercosul são processos de integração comercial ainda incompletos e que visam a chegar ao estágio de mercados comuns. A zona de livre comércio está mais adiantada na CA, que tem uma lista de exceção reduzida, enquanto o Mercosul já avançou mais no aspecto da união aduaneira.

Institucionalmente, os países andinos estão mais desenvolvidos, porque seu processo já existe há 28 anos, enquanto o Mercosul deu passos acelerados como grupo de integração desde 1991 e é, no momento, o mais notável bloco do Sul, devido ao peso específico de suas economias e pelo rápido avanço.

O Mercosul concentra mais de 200 milhões de habitantes, um PIB acima de US\$ 850 bilhões e um comércio interno que já alcança US\$ 15 bilhões anuais. A CA, por sua vez, antes da saída do Peru, contava mais de 100 milhões de pessoas, PIB de US\$ 200 bilhões e comércio interno de US\$ 5 bilhões anuais. (Estrella Gutiérrez)

Debatendo o futuro



Com quase 800 mil militantes e mais de 200 mil novos filiados desde 1991, o PC de Cuba organiza seu novo Congresso, apesar da conjuntura econômica adversa

O Partido Comunista de Cuba (PCC) submeterá à população documento preparatório para seu 5º Congresso, marcado para o período de 8 a 10 de outubro. O texto será levado à discussão popular de 1º a 15 de julho, segundo José Ramón Machado Ventura, membro da Secretaria Política do PCC.

"Às vezes, tratam de nos vender idéias de democracia feitas em outros lugares, à imagem e semelhança de outras situações e realidades, e nós temos que explicar e justificar o porquê de nosso sistema social", diz Ventura.

Ventura revelou que 767.944 pessoas militam no partido. Apesar da conjuntura econômica adversa e dos esforços dos Estados Unidos para destruir a revolução cubana, a legenda recebeu mais 232 mil novos militantes, desde 1991, segundo o dirigente.

A convocação do congresso comunista coincide com uma campanha de reafirmação dos princípios socialistas e de conde-

nação da política do presidente norte-americano Bill Clinton, que prega uma transição da economia da ilha para o capitalismo.

As tensões entre Havana e Washington aumentaram no ano passado com a derrubada de dois aviões norte-americanos pilotados por anticastistas, que invadiram o espaço aéreo cubano, e, sobretudo, com a aprovação da lei Helms-Burton, que vem acirrando o bloqueio econômico contra a ilha, estendendo as sanções existentes às empresas de qualquer país que venha a comercializar com os cubanos.

A necessidade de transformações econômicas, além do natural

desgaste social com os anos duros e a crescente ação do inimigo (governo norte-americano e grupos de exilados), têm sido um enorme desafio ao trabalho político-ideológico do partido", diz o texto de convocação do congresso.

A partir de 1991, data do último congresso, os cubanos passaram a enfrentar a pior crise econômica desde a revolução de 1959. A depressão afetou todos os setores da economia e deteriorou o nível de vida da população. Números oficiais mostram uma queda de 34,3% no Produto Interno Bruto (PIB) no período. Só a partir de 1994 recomeçou o crescimento, que naquele ano foi de apenas 0,7%. No ano passado, a economia cresceu 7,8%, mas, segundo as autoridades, ainda não é suficiente para recuperar o nível anterior.

Machado Ventura assegura que o próximo congresso não resolverá de imediato todos os problemas, mas buscará fórmulas de lançar Cuba no fluxo mundial de comércio e superar os efeitos da lei Helms-Burton. □



LA RESERVE ARPOADOR

Venha conhecer o La Reserve Arpoador, um dos mais sofisticados e luxuosos edifícios de apartamentos do Rio de Janeiro. Nos menores detalhes de acabamento do La Reserve, encontram-se a tradição e a qualidade da Carioca Empreendimentos Imobiliários.

carioca 
empreendimentos imobiliários



*“Vista do mar, a cidade
parece humilde presépio
levantado por mãos puras
e em sua simplicidade
esconde glórias passadas,
sonha grandezas futuras”*

Bandeira Tribuzi



PREFEITURA DE
SÃO LUÍS